

Agatha
Christie

OS ÚTIMOS
CASOS
DE MISS MARPLE



Agatha Christie

**OS ÚLTIMOS CASOS
DE MISS MARPLE**

Tradução de MÁRCIA KNOP e PEDRO GONZAGA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SANTUÁRIO

1

A esposa do vigário dobrou a esquina do vicariato com os braços carregados de crisântemos. Seus rústicos sapatos irlandeses arrastavam uma grande quantidade de terra do jardim. Seu nariz estava sujo de poeira, mas ela estava totalmente alheia a esse fato.

Ela teve certa dificuldade em abrir o portão do vicariato, que se sustentava apenas sobre a metade de suas dobradiças enferrujadas. Uma rajada de vento moveu seu chapéu surrado, assentando-o em sua cabeça de maneira ainda mais desengonçada do que antes.

– Diabos! – disse Bunch.

Batizada de Diana por seus esperançosos pais, a sra. Harmon passou a ser chamada de Bunch[1] ainda na infância por razões óbvias, e esse nome a acompanhava desde então. Empunhando os crisântemos, ela atravessou o portão e chegou ao pátio da igreja, e em seguida à porta.

O ar de novembro era brando e úmido. Nuvens se moviam pelo céu e revelavam pedaços de azul aqui e ali. Do lado de dentro, a igreja era escura e fria; não era aquecida senão nos horários de culto.

– Brrrrrr! – Bunch arrepiou-se. – É melhor terminar logo com isso. Não quero morrer de frio.

Com a rapidez que advém da prática, ela reuniu a parafernália necessária: vasos, água, recipientes para as flores. “Gostaria que tivéssemos lírios”, pensou Bunch em silêncio. “Já estou cansada destes crisântemos ásperos.” Seus dedos ágeis arrumavam as flores em seus recipientes.

Não havia nada particularmente original ou artístico em suas decorações, pois Bunch Harmon não era nem original nem artística, mas

eram composições simples e agradáveis. Carregando os vasos com cuidado, Bunch caminhou pela nave em direção ao altar. Enquanto ela fazia isso, o sol apareceu.

O astro brilhou através da janela leste, que tinha um vitral um tanto rústico, composto em azul e vermelho – presente de uma antiga devota rica que costumava frequentar igreja. O efeito era quase espantoso em sua repentina opulência. “Como pedras preciosas”, pensou Bunch. De repente ela parou, olhando para a frente. Nos degraus do presbitério havia um vulto escuro.

Depondo com cuidado as flores no chão, Bunch foi até os degraus e se abaixou. Era um homem que estava debruçado sobre si mesmo. Bunch se ajoelhou ao seu lado e, lentamente e com muito cuidado, virou o corpo. Seus dedos buscaram o pulso do homem, um pulso tão fraco e oscilante que revelava o estado de seu dono, assim como a palidez quase esverdeada de seu rosto. Não restava dúvida, pensou Bunch, de que ele estava morrendo.

Era um homem de aproximadamente 45 anos, vestido com uma roupa preta surrada. Ela pôs de volta no chão a débil mão que estava segurando e olhou para a outra. Esta estava cerrada sobre o peito. Olhando mais de perto ela pôde ver que os dedos estavam fechados sobre o que parecia ser um grande maço ou lenço que ele segurava firmemente contra o peito. A mão fechada estava coberta de respingos de cor marrom, que Bunch imaginou ser sangue seco. Bunch voltou a se equilibrar em seus calcanhares, franzindo a testa.

Até esse ponto, os olhos do homem tinham estado fechados, mas neste instante eles se abriram de súbito e se fixaram no rosto de Bunch. Eles não mostravam estupefação ou errância. Pareciam totalmente vivos e inteligentes. Os lábios do homem se moveram e Bunch se curvou para ouvir as palavras, ou melhor dizendo, a palavra. Ele disse apenas:

– Santuário.

Havia, pensou ela, um pequeno sorriso em seus lábios enquanto ele pronunciava essa palavra. Não poderia haver erro, pois depois de um instante ele disse de novo:

– Santuário...

Então, com um longo e lânguido suspiro, seus olhos se fecharam novamente. Mais uma vez os dedos de Bunch procuraram o pulso do

homem. Continuava lá, mas agora ainda mais fraco e intermitente. Ela se levantou decidida.

– Não se mova – disse. – Vou buscar ajuda.

Os olhos do homem se abriram novamente, mas ele parecia agora estar com sua atenção voltada para a luz colorida que vinha da janela leste. Murmurou alguma coisa que Bunch não entendeu muito bem. Ela pensou, assustada, que poderia ter sido o nome do seu marido.

– Julian? – ela disse. – Você veio aqui procurar Julian?

Mas não houve resposta. O homem ficou ali estendido, a respiração curta e baixa.

Bunch virou-se e saiu rapidamente da igreja. Deu uma olhada no relógio e moveu a cabeça com certa satisfação. O dr. Griffiths ainda estaria em seu consultório, que ficava a poucos minutos a pé da igreja. Chegando lá, ela entrou, sem bater ou tocar a campainha, passando pela sala de espera até o consultório do médico.

– O senhor precisa vir rápido – disse Bunch. – Tem um homem à beira da morte na igreja.

Passados alguns minutos, o dr. Griffiths levantou-se após um breve exame.

– Seria possível levá-lo daqui até o vicariato? Não creio que haja muita esperança, mas lá eu poderei atendê-lo melhor.

– Claro – disse Bunch. – Vou indo na frente para aprontar as coisas. Vou mandar Harper e Jones para cá, para ajudar o senhor a carregá-lo.

– Obrigado. Quando chegar ao vicariato, posso telefonar para chamar uma ambulância, mas receio que quando ela chegar...

Ele não terminou a frase.

– Hemorragia interna? – perguntou Bunch.

O dr. Griffiths assentiu com a cabeça.

– Como ele conseguiu chegar até aqui? – ele perguntou.

– Eu acho que ele deve ter passado a noite toda aqui – disse Bunch, reflexiva. – Harper destranca a porta da igreja pela manhã quando sai para o trabalho, mas não costuma entrar.

Cerca de cinco minutos depois, o dr. Griffiths colocou o telefone de volta no gancho e voltou para a sala onde o ferido estava deitado sobre cobertores recém-postos no sofá. Bunch carregava uma bacia com água e organizava as coisas usadas no exame médico.

– Bem, isso é tudo – disse o dr. Griffiths. – Chamei uma ambulância e notifiquei a polícia. – Ele ficou parado, franzindo a testa, olhando para o paciente que estava deitado de olhos fechados, a mão esquerda se movendo em nervosos espasmos para o lado.

– Ele foi baleado – disse Griffiths. – Baleado à queima-roupa. – Ele enrolou seu lenço e o pressionou sobre a ferida para estancar o sangue.

– Ele poderia ter ido longe depois do acontecido? – perguntou Bunch.

– Ah, sim, é bem possível. Um homem mortalmente ferido é capaz de se levantar e caminhar ao longo de uma rua como se nada tivesse acontecido, e então desfalecer de repente, cinco ou dez minutos depois. Logo, ele não foi necessariamente baleado na igreja. Não, mesmo. Ele pode ter sido baleado a uma boa distância daqui. Claro, ele pode ter atirado em si mesmo, largado o revólver e cambaleado até a igreja. Eu só não entendo por que ele foi até a igreja e não até o vicariato.

– Ah, isso eu sei – disse Bunch. – Ele disse “santuário”.

O médico a encarou.

– Santuário?

– Aqui está Julian – disse Bunch, virando a cabeça ao ouvir os passos do marido no corredor. – Julian! Venha até aqui.

O reverendo Julian Harmon entrou no aposento. Seus modos vagos e professorais sempre o faziam parecer muito mais velho do que de fato era.

– Meu Deus! – disse Julian Harmon, olhando de maneira tranquila e curiosa para os instrumentos cirúrgicos e para a figura debruçada sobre o sofá.

Bunch explicou a situação em poucas palavras, como era de costume.

– Ele estava na igreja, à beira da morte. Foi baleado. Você o conhece, Julian? Pensei tê-lo ouvido dizer seu nome.

O vigário foi até o sofá e olhou para o homem agonizante.

– Pobre sujeito – ele disse, e sacudiu a cabeça. – Não, eu não o conheço. Tenho quase certeza de que nunca o vi antes.

Naquele instante os olhos do homem se abriram mais uma vez. Eles passaram do médico para Julian Harmon e dele para a sua esposa. Os olhos estacionaram ali, fitando o rosto de Bunch. Griffiths deu um passo à frente.

– Se você pudesse nos dizer... – ele disse rapidamente.

Mas com os olhos fixos em Bunch, o homem disse numa voz fraca:

– Por favor, *por favor*...

E então, com um leve tremor, morreu...

O sargento Hayes lambeu a ponta de seu lápis e virou a página do seu caderno de anotações.

– Então isso é tudo que a senhora pode me dizer, sra. Harmon?

– Sim, isso é tudo – disse Bunch. – Estas são as coisas que estavam em seus bolsos.

Sobre a mesa, perto do sargento Hayes, estavam uma carteira, um velho relógio danificado com as iniciais W.S. e a parte correspondente à volta de uma passagem de ida e volta para Londres. Nada mais.

– O senhor descobriu quem ele é? – perguntou Bunch.

– Um casal, sr. e sra. Eccles, telefonou para a delegacia. Ele é irmão da senhora, ao que parece. Seu nome é Sandbourne. Já estava mal de saúde e dos nervos há algum tempo. Andava cada vez pior. Anteontem ele saiu de casa e não voltou mais. Levava um revólver consigo.

– E ele veio até aqui e se deu um tiro com o revólver? – perguntou Bunch. – Por quê?

– Bem, ele andava deprimido...

Bunch o interrompeu:

– Não é *isso* que estou perguntando. O que quero saber é por que aqui?

Como o sargento Hayes obviamente não sabia a resposta para aquela pergunta, replicou de maneira evasiva:

– Ele chegou aqui no ônibus das 5h10.

– Sim – disse Bunch novamente –, mas *por quê?*

– Eu não sei, sra. Harmon – disse o sargento Hayes. – Não existe nenhuma explicação. Se o equilíbrio mental é perturbado...

Bunch terminou a sentença para ele:

– Eles podem fazê-lo em qualquer lugar. Mas ainda me parece desnecessário tomar um ônibus para uma pequena área rural como esta. Ele não conhecia ninguém aqui, não é?

– Não pelo que pôde ser averiguado – disse o sargento Hayes.

Ele tossiu de modo apologético enquanto se levantava e disse:

– Pode ser que o sr. e a sra. Eccles venham até aqui lhe fazer uma visita, se a senhora não se importar.

– Claro que eu não me importo – disse Bunch. – É muito natural. Eu só gostaria de ter algo a dizer a eles.

– Eu tenho que ir – disse o sargento Hayes.

– Fico muito aliviada – disse Bunch enquanto acompanhava o sargento até a porta da frente – que não tenha sido assassinato.

Um carro havia parado em frente ao portão do vicariato. O sargento Hayes, olhando rapidamente, comentou:

– Parece que o sr. e a sra. Eccles já estão aqui para falar com a senhora.

Bunch se preparou para suportar o que, ela pensava, poderia ser uma difícil provação. “De qualquer modo”, pensou, “posso chamar Julian para me ajudar se for o caso. Um homem do clero é de grande ajuda quando as pessoas estão desoladas pela perda de um parente.”

Bunch não sabia exatamente o que esperar do sr. e da sra. Eccles, mas foi acometida, ao cumprimentá-los, de certa perplexidade. O sr. Eccles era um homem corpulento e vistoso, de modos alegres e brincalhões. A sra. Eccles tinha um ar um pouco esnobe. Sua boca era pequena, bem delineada. Sua voz era fina e aguda.

– Foi um choque terrível, sra. Harmon, como a senhora bem pode imaginar – ela disse.

– Oh, eu sei – disse Bunch. – Deve ter sido. Sentem-se, por favor. Eu posso oferecer-lhes, bem, talvez seja um pouco cedo para o chá...

A sra. Eccles sacudiu sua pequena mão de dedos curtos:

– Não, não se incomode – ela disse. – É muito gentil da sua parte. Só gostaria de saber... bem... o que o pobre William disse e todo o resto, a senhora entende?

– Ele estava fora há tempos – disse o sr. Eccles –, e eu acho que ele deve ter tido algumas experiências muito desagradáveis. Desde que voltou para casa, andava muito quieto e deprimido. Dizia que o mundo não era um bom lugar para se viver e que não tinha nenhuma expectativa quanto ao futuro. Pobre Bill, ele sempre foi um sujeito melancólico.

Bunch olhou para eles por alguns instantes sem dizer nada.

– Ele roubou o revólver do meu marido – continuou a sra. Eccles – sem que percebêssemos. Então, ao que parece, veio até aqui de ônibus. Acho que foi sensível de sua parte. Ele não teria gostado de fazer isso em nossa casa.

– Pobre homem, pobre homem – disse o sr. Eccles com um suspiro. – Não se pode julgá-lo.

Houve outra pausa curta, então o sr. Eccles disse:

– Ele deixou uma mensagem? Últimas palavras, algo assim?

Seus olhos claros observavam Bunch atentamente. A sra. Eccles também se inclinou para frente como se estivesse ansiosa pela resposta.

– Não – disse Bunch em voz baixa. – Ele foi para a igreja quando estava à beira da morte, buscando um santuário.

– Santuário? – disse a sra. Eccles de maneira confusa. – Acho que não estou...

O sr. Eccles interrompeu:

– Lugar sagrado, minha querida – ele disse impacientemente. – É isso que a esposa do vigário quer dizer. Suicídio é pecado, você sabe. Suponho que ele quisesse se redimir.

– Ele tentou dizer algo um pouco antes de morrer – disse Bunch. – Começou dizendo “por favor”, mas não foi além disso.

A sra. Eccles colocou seu lenço sobre os olhos e fungou.

– Querido, é terrivelmente triste, não é?

– Acalme-se, Pam – disse seu marido. – Não se culpe, essas coisas não podem ser evitadas. Pobre Willie. Ele está em paz agora. Bem, muito obrigado sra. Harmon. Espero que não a tenhamos estorvado em nada. A esposa de um vigário é uma mulher ocupada, sabemos disso.

Eles se despediram com um aperto de mãos. Então Eccles se voltou repentinamente para trás, para dizer:

– Ah, sim, só mais uma coisa. Creio que o casaco dele está aqui, não?

– O casaco? – Bunch franziu a testa.

– Gostaríamos de ficar com todos os pertences dele, a senhora sabe. São de valor sentimental – disse a sra. Eccles.

– Ele tinha um relógio, uma carteira e uma passagem de trem nos bolsos – disse Bunch. – Eu entreguei tudo ao sargento Hayes.

– Então está bem – disse o sr. Eccles. – Ele entregará para nós, assim espero. Seus documentos particulares devem estar na carteira.

– Havia uma nota de uma libra na carteira – disse Bunch. – Nada além disso.

– Nenhuma carta ou coisa que o valha?

Bunch sacudiu a cabeça.

– Bem, mais uma vez obrigado, sra. Harmon. O casaco que ele estava vestindo, é possível que também esteja com o sargento?

Bunch franziu a testa tentando se lembrar.

– Não – ela disse –, acho que não... deixe-me ver. O doutor e eu o tiramos para examinar a ferida – ela deu uma olhada incerta ao redor do

ambiente. – Devo tê-lo levado para o andar de cima, junto com as toalhas e a bacia.

– Eu estava pensando, sra. Harmon, se a senhora não se importar... Nós gostaríamos de ficar com o casaco, a senhora entende, a última coisa que ele vestiu. Bem, teria um valor imenso para minha esposa.

– Claro – disse Bunch. – O senhor gostaria que eu mandasse lavar antes?

– Oh, não, não, não, isso não é necessário.

Bunch franziu a testa.

– Agora eu me pergunto onde é que... me deem licença por um momento.

Ela subiu as escadas e demorou alguns minutos para retornar.

– Desculpem-me – ela disse ofegante –, minha diarista deve ter posto o casaco junto com as outras roupas que foram para a lavanderia. Levei um bom tempo para encontrá-lo. Aqui está. Vou embrulhá-lo para vocês.

Contrariando os protestos do casal, ela o fez; então, despedindo-se efusivamente mais uma vez, o sr. e a sra. Eccles partiram.

Bunch voltou lentamente pelo corredor e entrou no escritório. O reverendo Julian Harmon levantou os olhos e seu rosto desanuviou-se. Ele estava escrevendo um sermão e receava ter sido desviado do rumo pelo interesse que lhe despertaram as relações políticas entre a Judeia e a Pérsia, durante o reinado de Ciro.

– Sim, querida? – ele disse esperançoso.

– Julian – perguntou Bunch –, o que é exatamente um santuário?

Julian Harmon pôs de lado a folha do sermão.

– Bem – ele disse –, santuário em templos gregos e romanos era a *cella* na qual ficava a estátua de um Deus. A palavra em latim para altar, “*ara*”, também significa proteção – ele continuou doutamente. – No ano 399 d.C., o direito a santuário foi enfim reconhecido nas Igrejas Cristãs. A mais antiga menção do direito a santuário na Inglaterra está no Código de Leis emitido por Ethelbert no ano 600 d.C....

Ele continuou por algum tempo com sua explicação. Julian seguidamente ficava desconcertado com a receptividade da esposa aos seus pronunciamentos eruditos.

– Querido – ela disse –, você é um doce.

Inclinando-se, ela o beijou na ponta do nariz. Julian se sentiu um pouco como um cão que fosse recompensado por um truque engenhoso.

– O sr. e a sra. Eccles estiveram aqui – disse Bunch.
O vigário franziu a testa.
– O sr. e a sra. Eccles? Eu não me lembro...
– Você não os conhece. Ela é irmã do homem da igreja e ele é seu marido.
– Minha querida, você deveria ter me chamado.
– Não houve necessidade – disse Bunch. – Eles não estavam precisando de consolo. Será que... – ela franziu a testa – se eu deixasse um ensopado no forno amanhã, você conseguiria se virar, Julian? Estou pensando em ir até Londres ver as liquidações, que são uma joia!
– Uma joia? – O marido a olhou sem entender. – Você diz ouro, brilhante ou coisa parecida?
– Não, querido. Há uma liquidação especial ocorrendo na Burrows & Portman's. Você sabe, lençóis, toalhas de mesa e panos de prato. Não sei o que nós fazemos com nossos panos, mas eles ficam gastos em muito pouco tempo. Além disso – ela acrescentou habilmente –, acho que está na hora de visitar a tia Jane.

II

Aquela doce velhinha, Miss Jane Marple, estava gozando dos prazeres da metrópole por duas semanas, confortavelmente instalada no apartamento do seu sobrinho.

– É tão gentil da parte de Raymond – ela murmurou. – Ele e Joan foram para os Estados Unidos por duas semanas e insistiram para que eu ficasse aqui e me divertisse. E agora, querida Bunch, me conte o que a está preocupando.

Bunch era a afilhada predileta de Miss Marple, e a velha senhora a olhava com grande afeição quando Bunch, com seu chapéu enfiado na parte de trás da cabeça, começou a contar a história.

O relato de Bunch foi claro e conciso. Miss Marple acenou com a cabeça quando Bunch terminou.

– Entendo – ela disse –, entendo.
– É por isso que eu achei que deveria vir até a senhora – disse Bunch.
– A senhora vê, sem ser muito esperta...

– Mas você é esperta, minha querida.
– Não, não sou. Não como Julian.
– Julian, é claro, tem um intelecto muito sólido – disse Miss Marple.
– Exatamente – disse Bunch. – Julian tem o intelecto, mas eu, por outro lado, tenho a *sensibilidade*.
– Você tem muito bom-senso, Bunch, e é muito inteligente.
– A senhora vê, eu não sei muito bem o que fazer. Não posso perguntar a Julian porque, bem, quero dizer, Julian é tão cheio de integridade...

A declaração pareceu ter sido perfeitamente compreendida por Miss Marple, que disse:

– Eu entendo o que você quer dizer. Para nós mulheres, bem, é diferente. – Ela continuou. – Você me contou o que aconteceu, Bunch, mas eu gostaria de saber primeiro exatamente o que você pensa sobre isso.

– Está tudo errado – disse Bunch. – O homem que estava na igreja, morrendo, sabia tudo sobre santuário. Ele disse exatamente da maneira que Julian teria dito. Quero dizer, ele era um homem instruído e culto. E se ele tivesse dado um tiro em si mesmo, não se arrastaria, depois disso, até uma igreja para dizer “santuário”. Santuário significa que quando você está sendo perseguido, ao entrar numa igreja, você está salvo. Seus perseguidores não podem tocá-lo. Em certa época nem mesmo as autoridades podiam pegar você.

Ela olhou inquisitivamente para Miss Marple. Esta acenou com a cabeça. Bunch continuou:

– Aquelas pessoas, o sr. e a sra. Eccles, eram bem diferentes. Ignorantes e vulgares. E tem mais uma coisa. O relógio, o relógio do falecido. Tinha as iniciais W.S. na parte de trás. Mas dentro, eu o abri, estava escrito em letras muito pequenas “Para Walter, de seu pai” e tinha uma data. *Walter*. Mas o sr. e a sra. Eccles se referiam a ele como William ou Bill.

Miss Marple parecia pronta para dizer alguma coisa, mas Bunch continuou, afobada:

– Ah, eu sei que nem sempre alguém é chamado pelo nome de batismo. Quero dizer, posso entender que você seja batizado William e seja chamado de “Peixe” ou “Cenoura” ou algo assim. Mas a sua irmã não chamaria você de William ou Bill se o seu nome verdadeiro fosse Walter.

– Você quer dizer que ela não era irmã dele?

– Tenho certeza de que ela não era irmã dele. Eles eram repugnantes, os dois. Foram até o vicariato para pegar as coisas do homem e para saber se ele havia dito alguma coisa antes de morrer. Quando eu lhes disse que ele não havia dito nada, vi apenas uma coisa escrita em seus rostos: alívio. Pensei comigo mesma – concluiu Bunch – que foi Eccles que atirou nele.

– Assassinato? – disse Miss Marple.

– Sim – disse Bunch. – Assassinato. É por isso que eu procurei a senhora, querida tia.

As observações de Bunch poderiam ter parecido incongruentes para um ouvinte comum, mas Miss Marple era famosa, em certas esferas, por desvendar assassinatos.

– Ele disse “Por favor” para mim, antes de morrer – disse Bunch. – Ele queria que eu fizesse alguma coisa por ele. O mais triste é que eu não faço ideia do que essa coisa possa ser.

Miss Marple refletiu por alguns instantes, e então perguntou algo que já tinha ocorrido a Bunch:

– Mas por que ele estava lá, afinal?

– A senhora quer dizer – disse Bunch – que, se você está procurando um santuário, pode entrar numa igreja em qualquer lugar. Não há necessidade de pegar um ônibus que só sai quatro vezes ao dia e ir até um local isolado como o nosso.

– Ele deve ter ido até lá com algum propósito – cogitou Miss Marple.

– Deve ter ido para ver alguém. Chipping Cleghorn não é uma cidade grande, Bunch.

Bunch repassou em sua mente todos os habitantes do lugarejo antes de sacudir a cabeça ainda um tanto hesitante.

– De certo modo – ela disse –, poderia ser qualquer pessoa.

– Ele não mencionou nenhum nome?

– Ele disse Julian, ou eu pensei tê-lo ouvido dizer Julian. Poderia ter sido Júlia, acho. Mas até onde sei, não há nenhuma Júlia vivendo em Chipping Cleghorn.

Ela apertou os olhos enquanto se lembrava da cena. O homem deitado nos degraus da capela, a luz entrando pela janela, brilhando como joias azuis e vermelhas.

– Joias – disse Miss Marple, pensativa.

– Agora estou chegando – disse Bunch – na parte mais importante de todas. A senhora vê, o sr. e a sra. Eccles fizeram a maior questão de ficar

com o casaco do falecido. Nós o tiramos quando o médico estava examinando ele. Era um casaco velho e surrado, não haveria nenhuma razão para eles quererem tanto a peça. Eles fingiram que era algo sentimental, mas aquilo foi pura tolice. De qualquer maneira, subi até o andar de cima para buscá-lo, e quando eu estava subindo as escadas, me lembrei que ele havia feito um gesto com a mão, tateando o casaco como se quisesse pegar alguma coisa. Então, quando peguei o casaco, examinei-o bem e vi que, numa das partes, o forro havia sido recosturado com uma linha diferente. Então eu descosturei essa parte e encontrei um pequeno pedaço de papel lá dentro. Tirei o papel e costurei o forro novamente com a linha apropriada. Fui muito cuidadosa e não acho que o sr. e a sra. Eccles notaram o que eu fiz. *Acho* que eles não notaram, mas não posso ter certeza. Depois eu descí com o casaco, entreguei a eles e inventei alguma desculpa para a demora.

– E o pedaço de papel? – perguntou Miss Marple.

Bunch abriu sua bolsa.

– Não mostrei para Julian – ela disse –, porque ele teria dito que eu deveria tê-lo entregado ao sr. e a sra. Eccles. Mas pensei que seria melhor trazê-lo para a senhora em vez disso.

– Um canhoto de guarda-volumes – disse Miss Marple olhando para o papel. – Estação de Paddington.

– Ele tinha uma passagem de volta para Paddington no bolso – disse Bunch.

Os olhos das duas mulheres se encontraram.

– Precisamos agir – disse Miss Marple vivamente. – Mas seria aconselhável ter muita cautela. Você notou, minha querida Bunch, se estava sendo seguida em sua vinda para Londres esta tarde?

– Seguida! – exclamou Bunch. – A senhora não acha que...

– Bem, eu acho que é *possível* – disse Miss Marple. – Quando tudo é possível nós temos que tomar precauções. – Ela se levantou num movimento rápido. – Você veio até aqui, minha querida, com o pretexto de ver as liquidações. Eu acho que a coisa certa a fazer seria irmos até algumas lojas. Mas antes de começarmos, é melhor fazermos alguns ajustes. Suponho – acrescentou Miss Marple sombriamente – que não precisarei do velho casaco de tweed com a gola de pele de castor esta tarde.

Cerca de uma hora e meia depois, as duas senhoras, muito mal vestidas e parecendo esgotadas, ambas agarradas a suados embrulhos contendo roupas de cama e mesa, sentaram-se numa pequena e isolada hospedaria chamada Galho de Maçã, para recuperar suas forças com uma torta de miúdos seguida de torta de maçã com creme.

– Com certeza são toalhas de rosto de qualidade, como as antigas – disse Miss Marple ofegante. – E têm um jota bordado. É uma alegre coincidência que a esposa de Raymond se chame Joan. Eu vou guardá-las até que sejam realmente necessárias, e elas poderão servir para Joan caso eu vá desta para melhor antes do esperado.

– Eu estava mesmo precisando de uns panos de prato – disse Bunch. – E estas peças estavam muito baratas, embora não tão baratas quanto as que aquela ruiva arrancou da minha mão.

Uma mulher jovem e elegante, usando uma quantidade considerável de blush e batom, entrou no Galho de Maçã naquele instante. Depois de olhar em volta por alguns instantes de modo vago, precipitou-se até a mesa onde estavam sentadas Bunch e Miss Marple. Ela colocou um envelope sobre a mesa perto de Miss Marple.

– Aqui está, Miss – ela disse alegremente.

– Obrigada, Gladys – disse Miss Marple. – Muito obrigada. Muito gentil da sua parte.

– É uma satisfação servi-la – disse Gladys. – Ernie sempre me diz, “Tudo de bom que você aprendeu foi com aquela Miss Marple para quem você trabalhou”, e sem dúvida eu sempre fico feliz em ajudá-la, senhora.

– Uma moça muito simpática – disse Miss Marple enquanto Gladys se retirava. – Sempre tão disposta e tão gentil.

Ela olhou dentro do envelope e depois o passou para Bunch.

– Agora tenha muito cuidado, querida – ela disse. – A propósito, aquele simpático inspetor ainda trabalha em Melchester?

– Não sei – disse Bunch. – Espero que sim.

– Bem, se não for este o caso – disse Miss Marple pensativamente –, posso ligar para o chefe de polícia. *Acho* que ele ainda deve estar lembrado de mim.

– É claro que ele vai lembrar da senhora – disse Bunch. – Qualquer pessoa se lembraria da senhora. A senhora é única – ela concluiu.

Chegando a Paddington, Bunch se dirigiu ao guichê de bagagens e apresentou o canhoto do guarda-volumes. Após alguns instantes uma velha

e surrada mala foi entregue a ela, e carregando-a ela caminhou até a plataforma.

A viagem de volta para casa foi tranquila. Bunch levantou-se quando o trem se aproximou de Chipping Cleghorn e pegou a velha mala. Assim que ela desceu do vagão, um homem, correndo rapidamente ao longo da plataforma, puxou de repente a mala da mão de Bunch e saiu, disparado com ela.

– Pare! – gritou Bunch. – Detenham-no! Ele pegou a minha mala!

O bilheteiro que, nessa estação rural, era um homem de reações um tanto lentas, apenas começara a dizer: “Olhe aqui, você não pode fazer isso...”, quando um forte golpe no peito o empurrou para o lado, e o homem correu para fora da estação, carregando a mala. Ele foi até um carro que o esperava. Jogou a mala para dentro e estava prestes a segui-la, mas antes que pudesse se mover uma mão segurou seu ombro, e a voz do chefe de polícia Abel disse:

– E então, o que está acontecendo aqui?

Bunch chegou ofegante, vinda da estação.

– Ele roubou a minha mala. Eu tinha acabado de sair do trem com ela.

– Bobagem – disse o homem. – Eu não sei o que esta senhora está falando. Esta mala é minha. Eu acabo de descer do trem com ela.

Ele fitou Bunch com um olhar estúpido e imparcial. Ninguém diria que o chefe de polícia e a sra. Harmon haviam passado longos períodos, durante os intervalos de Abel, discutindo as respectivas virtudes do adubo e da farinha de ossos para as roseiras.

– A senhora afirma que a mala é sua? – disse o chefe de polícia Abel.

– Sim – disse Bunch. – Definitivamente.

– E o senhor?

– Eu digo que a mala é minha.

Era um homem alto, moreno e bem-vestido, falava lentamente e agia de maneira superior. Uma voz feminina vinda de dentro do carro disse:

– É claro que esta mala é sua, Edwin. Eu não sei do que esta mulher está falando.

– Vamos ter que esclarecer esta situação – disse o chefe de polícia Abel. – Se esta mala é sua, madame, diga-me o que tem dentro dela.

– Roupas – disse Bunch. – Um longo casaco de tweed com gola de pele de castor, dois blusões de lã e um par de sapatos.

– Bem, isso foi claro o suficiente – disse o policial. Ele voltou-se para o outro.

– Eu sou figurinista de teatro – disse o homem com arrogância. – Esta mala contém objetos cenográficos que eu trouxe até aqui para uma performance amadora.

– Muito bem, senhor – disse o chefe de polícia Abel. – Bem, vamos ter que dar uma olhada, não é? Podemos ir até a delegacia de polícia ou, se estiverem com pressa, podemos levar a mala até a estação e abri-la lá mesmo.

– Para mim está bem assim – disse o homem moreno. – A propósito, meu nome é Moss, Edwin Moss.

O chefe de polícia, carregando a mala, voltou para a estação.

– Só vou levar isto até o setor de despacho, George – ele disse ao bilheteiro.

O chefe de polícia Abel colocou a mala sobre a bancada do despacho e puxou o fecho para trás. A mala não estava chaveada. Bunch e o sr. Edwin estavam um de cada lado do policial, os olhares se encontrando num mesmo sentimento de vingança.

– Ah! – disse o chefe de polícia Abel, conforme puxava a tampa.

Do lado de dentro, primorosamente dobrado, estava um surrado casaco de tweed com uma gola de pele de castor. Havia também dois blusões de lã e um par de sapatos.

– Exatamente como a senhora havia dito, madame – disse o policial voltando-se para Bunch.

Ninguém podia dizer que o sr. Edwin Moss não fazia as coisas direito. Sua consternação e remorso foram impressionantes.

– Me desculpe – ele disse. – Mil perdões. Por favor, acredite em mim, cara senhora, quando eu lhe digo que sinto muitíssimo. É imperdoável, totalmente imperdoável o meu comportamento – ele olhou para o seu relógio. – Bem, tenho que ir agora. É provável que a minha mala tenha ido com o trem.

Levantando mais uma vez seu chapéu, ele disse docemente a Bunch:

– Perdoe, senhora – e saiu apressado da sala de despacho.

– O senhor vai deixá-lo escapar? – perguntou Bunch em tom conspirador ao chefe de polícia.

O último fechou lentamente um de seus olhos apáticos numa piscadela.

– Ele não irá muito longe, dona – ele disse. – Quero dizer, ele não irá muito longe sem que seja visto, se a senhora me entende.

– Ah – disse Bunch aliviada.

– Aquela velha senhora me telefonou – disse o chefe de polícia Abel –, aquela que esteve aqui há alguns anos. Esperta ela, não é? Mas hoje teve muito movimento por aqui. É provável que o inspetor ou o sargento fale com a senhora amanhã de manhã.

III

Foi o inspetor quem compareceu, o inspetor Craddock, de quem Miss Marple havia se lembrado. Ele cumprimentou Bunch com um sorriso nos lábios, como um velho amigo.

– Mais um crime em Chipping Cleghorn – ele disse animado. – Aqui não se sente falta de emoção, não é, sra. Harmon?

– Eu estaria satisfeita com bem menos – disse Bunch. – O senhor veio para me fazer perguntas ou para me contar alguma coisa, afinal?

– Primeiro eu vou lhe contar algumas coisas – disse o inspetor. – Para começar, o sr. e a sra. Eccles já estavam sendo vigiados havia algum tempo. Há suspeitas de que eles estejam envolvidos em diversos roubos na região. E mais, embora a sra. Eccles tenha um irmão chamado Sandbourne, que há pouco voltou do exterior, o homem que a senhora encontrou agonizando na igreja ontem definitivamente não era Sandbourne.

– Eu sabia que não era ele – disse Bunch. – Para começar seu nome era Walter, e não William.

O inspetor concordou com um aceno de cabeça.

– O nome dele era Walter St. John, e ele havia fugido da prisão de Charrington 48 horas antes.

– Claro – disse Bunch baixinho para si mesma –, ele estava sendo perseguido pela lei e procurou um santuário.

Então ela perguntou:

– O que ele havia feito?

– Vou ter que retroceder bastante para lhe contar. É uma história complicada. Há muitos anos, havia uma certa dançarina que apresentava

números num teatro de variedades. A senhora provavelmente nunca ouviu falar dela, mas ela havia se especializado numa dança de *As mil e uma noites*: “Aladim na Caverna das Joias”, como era chamada. Ela usava alguns diamantes falsos e pouquíssima roupa. Não era uma grande dançarina, mas era bem atraente. De qualquer modo, um nobre asiático se apaixonou por ela. Entre outras coisas, ele a presenteou com um magnífico colar de esmeraldas.

– As históricas joias de Rajah? – murmurou Bunch extasiada.

O inspetor Craddock tossiu.

– Bem, uma versão mais moderna, sra. Harmon. O caso não durou muito tempo. Acabou-se quando a atenção do potentado foi capturada por uma estrela de cinema cujas exigências eram bem menos modestas.

“A dançarina, vamos chamá-la de Zobeida, seu nome artístico, ficou com o colar, e este foi roubado pouco tempo depois. O colar desapareceu do seu camarim no teatro, e havia uma suspeita fundada das autoridades de que ela mesma haveria planejado o sumiço. Esse tipo de coisa era um golpe para chamar a atenção, para encobrir algo ainda mais desonesto. O colar nunca foi recuperado, mas durante o curso da investigação a atenção da polícia se voltou para esse homem, Walter St. John. Era um homem de boas maneiras e boa formação, que havia entrado em decadência e trabalhava como vendedor de joias para uma firma um tanto obscura, que era suspeita de ser receptadora de joias roubadas. Havia evidências de que este colar havia passado por suas mãos. Porém, foi só quando se pôde provar a sua ligação com outro ladrão de joias que ele foi enfim levado a julgamento e condenado à prisão. A pena não seria muito longa, por isso sua fuga pegou a todos de surpresa.

– Mas por que ele veio até aqui? – perguntou Bunch.

– É isso que nós queremos descobrir, sra. Harmon. Seguindo seu rastro, parece que ele foi primeiro a Londres. Não visitou nenhum de seus antigos sócios, mas visitou uma senhora idosa, a sra. Jacobs, que havia sido figurinista de teatro anteriormente. Ela não quis dizer uma palavra sobre o motivo de sua visita, mas de acordo com outros inquilinos da residência, ele saiu de lá carregando uma mala.

– Entendo – disse Bunch. – Ele deixou a mala no guarda-volumes em Paddington e veio até aqui.

– A essa altura – disse o inspetor Craddock –, Eccles e o homem que se apresentou como Edwin Moss já estavam em seu encalço. Eles queriam

aquela mala. Eles o viram entrar no ônibus. Devem ter vindo de carro um pouco à frente e esperado que ele saísse do ônibus.

– E então ele foi assassinado? – disse Bunch.

– Sim – disse Craddock. – Ele foi baleado. O revólver era de Eccles, mas eu acho que foi Moss quem atirou. Agora, sra. Harmon, o que queremos saber é: onde está a mala que Walter St. John de fato guardou na estação de Paddington?

Bunch deu uma risada.

– Acho que já deve estar com a tia Jane – ela disse –, quero dizer, Miss Marple. Este era o plano dela. Mandou uma antiga empregada fazer uma mala com algumas coisas dela e depositá-la no guarda-volumes de Paddington. Depois, nós trocamos de recibo. Retirei a mala que a empregada havia deixado e a trouxe de trem. Miss Marple já estava prevendo que haveria alguma tentativa de tomar a mala de mim.

Foi a vez de o inspetor Craddock rir.

– Foi o que ela disse quando telefonou. Vou até Londres para vê-la. A senhora quer vir junto, sra. Harmon?

– Bem... – disse Bunch, pensativa. – Bem... para falar a verdade, é uma grande coincidência. Eu tive uma dor de dente na noite passada, então realmente devo ir a Londres para fazer uma visita ao dentista, não devo?

– Definitivamente – disse o inspetor Craddock...

Miss Marple correu os olhos do rosto do inspetor Craddock diretamente para o rosto ávido de Bunch Harmon. A mala estava sobre a mesa.

– É claro que não a abri – disse a velha senhora. – Nunca pensaria em fazer qualquer coisa antes que chegasse alguma autoridade. Além do que – ela acrescentou com um recatado e comedido sorriso malicioso –, ela está trancada.

– A senhora gostaria de arriscar um palpite sobre o que tem dentro, Miss Marple?

– Imagino – disse Miss Marple – que sejam os figurinos de Zobeida. O senhor gostaria de um cinzel, inspetor?

O cinzel logo cumpriu sua função. As duas mulheres deram uma leve arfada quando a tampa abriu. A luz do sol vinda da janela iluminou o que parecia um inesgotável tesouro de joias brilhantes: vermelhas, azuis, verdes, laranjas.

– A Caverna de Aladim – disse Miss Marple. – As joias falsas que a garota usava para dançar.

– Ah! – disse o inspetor Craddock – O que há de tão precioso nisto para que um homem tenha sido assassinado em nome de sua captura?

– Ela era uma garota esperta, acredito – disse Miss Marple pensativamente. – Ela já está morta, não está, inspetor?

– Sim, morreu há três anos.

– Ela tinha um valioso colar de esmeraldas – disse Miss Marple, refletindo. – Retirou as pedras do cordão e as ajustou aqui e ali em suas fantasias de teatro, onde todos as veriam como meras pedras de vidro colorido. Então mandou fazer uma réplica do colar verdadeiro, e essa réplica, obviamente, é que foi roubada. É por isso que nunca chegou ao mercado. O ladrão logo descobriu que as pedras eram falsas.

– Tem um envelope aqui – disse Bunch, empurrando algumas das pedras brilhantes.

O inspetor Craddock pegou o envelope das mãos de Bunch e tirou dele dois documentos oficiais. Leu em voz alta:

– “Certidão de Casamento entre Walter Edmund St. John e Mary Moss.” Esse era o verdadeiro nome de Zobeida.

– Então eles eram casados – disse Miss Marple. – Muito bem.

– O que é o outro papel? – perguntou Bunch.

– A certidão de nascimento de uma filha, Jewel.

– Jewel? – gritou Bunch. – Mas é claro. Jewel! *Jill*! É isso. Agora eu entendo por que ele veio para Chipping Cleghorn. É isso que ele estava tentando me dizer. Jewel. O sr. e a sra. Mundy. Laburnum Cottage. Eles criam uma menininha para alguém. Eles são muito afeiçoados a ela. Eles a tratam como se fosse sua própria neta. Sim, agora eu me lembro, o nome dela *era* Jewel, só que, é claro, eles a chamam de Jill. A sra. Mundy teve um derrame há mais ou menos uma semana, e o sr. Mundy está muito doente, pneumonia. Os dois iam ter que ir para o hospital. Tenho tentado encontrar um bom lar para Jill. Não queria que ela fosse levada para uma instituição. Acho que seu pai deve ter ouvido essas notícias na prisão e dado um jeito de escapar e de pegar esta mala que, ele ou a sua mulher, havia deixado com a velha figurinista. Suponho que se as joias de fato pertenciam à sua mãe, elas podem ser usadas para ajudar a menina agora.

– Imagino que sim, sra. Harmon. Se elas estiverem aqui.

– Ah, elas estarão aqui com certeza – disse Miss Marple animada.

IV

– Graças a Deus você está de volta, querida – disse o reverendo Julian Harmon, saudando sua esposa com afeição e uma ponta de satisfação. – A sra. Burt sempre faz o melhor que pode quando você não está, mas ela me serviu uns bolinhos de peixe *muito* peculiares no almoço. Eu não queria magoá-la, então os dei para o Tiglath-Pileser[2], mas nem *ele* quis comê-los, então eu tive que jogá-los pela janela.

– Tiglath-Pileser – disse Bunch acariciando o gato do vicariato, que estava ronronando encostado ao seu joelho – é muito seletivo em relação aos peixes que come. Sempre digo que ele tem um paladar refinado!

– E o seu dente, querida? Resolveu o problema?

– Sim – disse Bunch. – Nem doeu muito, e já aproveitei para visitar a tia Jane de novo.

– Querida velhinha – disse Julian. – Espero que ela não esteja muito debilitada.

– Nem um pouco – disse Bunch com uma risada.

Na manhã seguinte Bunch levou uma leva fresca de crisântemos para a igreja. O sol estava mais uma vez vertendo pela janela leste, e Bunch parou nos degraus do altar sob a luz brilhante. Numa voz muito baixa e suave ela disse:

– A sua menininha vai ficar bem. Vou cuidar para que isso aconteça. Eu prometo.

Então ela arrumou a igreja, foi até um banco e se ajoelhou por alguns momentos para fazer suas preces. Depois teria que retornar ao vicariato para enfrentar as tarefas acumuladas de dois dias de ausência.

UMA PIADA INCOMUM

I

– E esta – disse Jane Helier, concluindo a apresentação – é Miss Marple!

Por ser uma atriz, ela tinha habilidade para fazer suas colocações. Era, sem dúvida, o clímax, o gran finale! Seu tom era uma mistura uniforme de admiração reverente e de triunfo.

A parte esquisita daquilo era que o objeto ora proclamado de forma tão orgulhosa era apenas uma velha solteirona amável e curiosa. Nos olhares dos dois jovens que tinham acabado de conhecê-la, graças à mediação de Jane, havia incredulidade e um quê de assombro. Era um casal bonito: a garota, Charmian Stroud, morena e esbelta; o rapaz, Edward Rossiter, um enorme jovem louro e cordial.

Charmian disse um tanto esbaforida:

– Ah! Estamos muitíssimo satisfeitos em conhecê-la.

No entanto, havia dúvida em seus olhos.

Ela lançou uma olhada rápida e interrogativa para Jane Helier.

– Querida – disse Jane, respondendo à olhada –, ela é absolutamente *maravilhosa*. Deixe tudo com ela. Eu disse que a traria aqui e trouxe.

Ela acrescentou para Miss Marple:

– A senhora *vai* dar um jeito nisso para eles, eu sei. Será fácil para a *senhora*.

Miss Marple virou os serenos olhos azul-claros em direção ao sr. Rossiter.

– Não vai me dizer – questionou – o que é tudo isso?

– Jane é uma amiga nossa – Charmian irrompeu sem paciência. – Eu e Edward estamos numa situação complicada. Jane disse que se viéssemos à festa dela, nos apresentaria a alguém que era, que seria, que poderia...

Edward ajudou-a.

– Jane nos contou que a senhora era a melhor detetive que poderia existir, Miss Marple!

Os olhos da velha senhora cintilaram, mas ela contestou de forma modesta.

– Ah, não, não! Nada disso. O fato é que morando numa vila como a que eu moro, qualquer um aprende a conhecer muito a natureza humana. Mas, sem dúvida, vocês me deixaram bastante curiosa. Digam-me qual é a situação.

– Suspeito que seja muitíssimo comum... é apenas um tesouro escondido – respondeu Edward.

– Verdade? Isso parece muito interessante!

– Eu sei. É como *A ilha do tesouro*. Mas, no nosso caso, faltam as pitadas romanescas usuais. Não há nenhum ponto no mapa indicado por uma caveira e duas tíbias cruzadas, nenhuma instrução do tipo “quatro passos para a esquerda, oeste indo pelo norte.” É vago demais... indica apenas onde a gente deve cavar.

– Já fizeram alguma tentativa?

– Diria que cavamos cerca de dois sólidos acres completos! Todo o lugar está pronto para ser transformado numa horta comercial. Estamos apenas decidindo se plantaremos mudas de hortaliças ou batatas.

Charmian falou um tanto ríspida:

– Temos mesmo que contar a história toda?

– Mas é claro, minha querida.

– Neste caso, vamos achar um lugar mais calmo. Vamos, Edward.

Ela mostrou a saída do ambiente abarrotado de gente e cheio de fumaça, e eles subiram as escadas em direção a uma sala de estar pequena, no segundo andar.

Quando já estavam acomodados, Charmian começou de repente.

– Bem, aqui estamos. A história começa com o tio Mathew, ou melhor, nosso tio-bisavô. Ele era muito velho. Edward e eu éramos seus únicos parentes. Ele gostava da gente e sempre dizia que, quando morresse, deixaria o dinheiro para nós. Bem, ele morreu em março e deixou tudo que tinha para ser dividido em partes iguais entre Edward e eu. O que acabei de contar pode parecer bastante insensível. Não quis passar a impressão de que estava esperando pela morte dele. Na verdade,

gostávamos muito do tio. Mas ele estava doente fazia algum tempo. O fato é que “tudo” que ele deixou tornou-se quase nada. E isso, sendo muito sincera, foi um balde de água fria para nós, não foi, Edward?

O cordial Edward assentiu.

– Veja – ele disse –, nós contávamos um pouco com isso. Quero dizer, quando você fica sabendo que uma boa quantia de dinheiro lhe espera, você não... bem... você não se vira e corre atrás do prejuízo sozinho. Estou no exército, não ganho nada além do meu salário, e Charmian não tem um centavo. Ela trabalha como contrarregista numa companhia de teatro... é muito interessante e ela adora, mas não ganha dinheiro. Pensávamos em nos casar, mas não estávamos preocupados com a parte financeira disso, pois sabíamos que ficaríamos muito bem algum dia.

– E agora, veja, não temos nada! – lamentou-se Charmian. – Além do mais, Ansteys... esse é o nome da propriedade da família, que eu e Edward adoramos, provavelmente terá de ser vendida. Mas nós sabemos que não podemos permitir isso! No entanto, se não encontrarmos o dinheiro do tio Mathew, teremos de vendê-la.

Edward falou:

– Vamos, Charmian, ainda não chegamos à parte principal.

– Bem, então, fale você.

Edward virou-se para Miss Marple.

– Bom, ouça. Quanto mais o tio Mathew envelhecia, mais e mais desconfiado ficava. Ele não acreditava em ninguém.

– Muito inteligente da parte dele – avaliou Miss Marple. – A corrupção da natureza humana é inacreditável.

– Bem, a senhora deve estar certa. Seja como for, o tio Mathew pensava dessa forma. Ele teve um amigo que perdeu o dinheiro num banco, outro que foi arruinado por um advogado fugitivo, e ele próprio perdeu parte do dinheiro numa companhia fraudulenta. Ele ficou de um jeito que costumava repetir até a exaustão que a única coisa segura e racional a fazer era converter o dinheiro em ouro maciço e enterrá-lo.

– Ah – disse Miss Marple –, estou entendendo.

– Pois é. Alguns amigos argumentaram com ele, avisaram-no que, fazendo isso, ele não ganharia nenhum benefício, mas ele assegurou que isso não tinha a menor importância. A maior parte do dinheiro dele, dizia,

deveria ser “guardada numa caixa embaixo da cama ou enterrada no jardim.” Essas foram as palavras dele.

Charmian deu seguimento:

– E quando ele morreu, não deixou quase nada em ações, embora fosse muito rico. Então pensamos que ele deve ter feito o que falou.

Edward explicou:

– Descobrimos que ele vendeu ações e foi acumulando quantias de dinheiro de tempos em tempos, mas ninguém sabe o que ele fez com o dinheiro. No entanto, parece provável que tenha cumprido sua palavra, comprado ouro e o enterrado.

– Ele não disse nada antes de morrer? Deixou algum documento? Alguma carta?

– Essa é a parte mais maluca da história. Ele não deixou nada. Ficou inconsciente por uns dias, mas despertou antes de morrer. Olhou para nós dois e deu uma risadinha, um riso tímido e fraco. Disse: “*Vocês* ficarão bem, meu belo casal de pombinhos”. Depois disso bateu de leve no olho, no olho direito, e piscou para nós. Em seguida morreu. Tio Mathew, pobre velho.

– Ele bateu de leve no olho – disse Miss Marple, pensativa.

Edward falou com ansiedade:

– Isso lhe sugere alguma coisa? Este detalhe me lembrou uma história de Arsène Lupin, em que havia algo escondido no olho de vidro de um homem. Mas o tio Mathew não tinha um olho de vidro.

Miss Marple mexeu a cabeça de forma negativa.

– Não. Nada me vem à mente neste momento.

Charmian disse, desapontada:

– Jane nos falou que a senhora diria *de imediato* onde cavar!

Miss Marple sorriu.

– Não sou uma feiticeira, sabe. Não conheci seu tio, nem sei que tipo de homem ele era, e não conheço a casa, nem o terreno.

Charmian sugeriu:

– E se a senhora os tivesse conhecido?

– Bem, acredito que seria um pouco mais simples, não? – perguntou Miss Marple.

– Simples! – ironizou Charmian. – Venha até Ansteys e verá se é simples!

Presume-se que não houve a intenção de o convite ser levado a sério, mas Miss Marple, animada, disse:

– Bem, sem dúvida, minha querida, é muita gentileza sua. Sempre quis ter a chance de procurar um tesouro enterrado. E – acrescentou, olhando para eles com um comedido sorriso radiante – com um interesse afetuoso, também!

II

– Viu? – disse Charmian, em tom dramático.

Eles tinham apenas finalizado a volta completa por Ansteys. Passaram ao redor do jardim da cozinha, cheio de valas abertas. Atravessaram o pequeno bosque, onde havia uma escavação ao redor de cada árvore importante, e olharam pasmados e tristes para a superfície esburacada do único gramado macio. Subiram ao sótão, em que caixas velhas e baús antigos tinham sido esvaziados. Desceram até o porão, onde as pedras do piso tinham sido erguidas do lugar com resistência. Mediram e deram pancadas nas paredes, enquanto Miss Marple apontava cada móvel antigo que continha ou poderia ser suspeito de conter uma gaveta secreta.

Na mesa da sala de estar havia um amontoado de papéis; todos os papéis que Mathew Stroud tinha deixado. Nenhum havia sido destruído. Charmian e Edward habituaram-se a revê-los várias e várias vezes, examinando de forma incansável contas, convites e cartas comerciais, com a esperança de descobrir uma pista até então despercebida.

– Consegue imaginar algum lugar onde a gente não tenha procurado? – perguntou Charmian, esperançosa.

Miss Marple balançou a cabeça de modo negativo.

– Parece que vocês procuraram em toda parte, minha querida. Talvez, se me permite dizer, até um pouco *demaís*. Sabe, sempre acho que as pessoas devem ter um plano. Veja o caso de uma amiga minha, a sra. Eldritch. Esta senhora tinha uma criadinha muito boa, lustrava o piso de modo impecável. Mas ela era tão aplicada que limpou demais o piso do banheiro e, quando a sra. Eldritch saiu do banho, o tapete de cortiça, embaixo de seus pés, escorregou e ela teve uma queda horrorosa e quebrou

a perna! O pior foi que a porta do banheiro estava trancada, claro, e o jardineiro teve de pegar uma escada e entrar pela janela... terrivelmente constrangedor para a sra. Eldritch, que sempre foi uma mulher muito recatada.

Edward moveu-se, inquieto.

Miss Marple disse com pressa:

– Por favor, me desculpe. Sou tão suscetível a sair pela tangente. Mas uma coisa leva a outra. E às vezes isso ajuda. Tudo que eu queria dizer é que talvez se tentássemos usar nossa imaginação e pensar sobre um lugar plausível...

Edward disse, rabugento:

– A senhora pense em um, Miss Marple. A esta altura tanto a minha cabeça quanto a de Charmian são um vazio completo!

– Sim, é verdade. Claro... é muito cansativo para vocês. Se não se importam, vou examinar tudo isto.

Ela apontou para os papéis em cima da mesa.

– Isto é, se não houver nada particular. Não quero parecer intrometida.

– Ah, tudo bem. Mas receio que a senhora não encontrará nada.

Ela sentou-se à mesa e vasculhou a pilha de documentos de forma sistemática. Ao recolocá-los um por um, arrumou-os em pequenos montes sem pensar duas vezes. Quando terminou, sentou com o olhar fixo à sua frente por alguns minutos.

Edward perguntou, com um toque de ironia:

– E então, Miss Marple?

Miss Marple voltou a si com um pequeno sobressalto.

– Me desculpe. Bastante útil.

– Encontrou alguma coisa relevante?

– Ah, não, nada do tipo, mas eu realmente acredito que sei o tipo de homem que era seu tio Mathew. Acho que é muito semelhante ao meu tio Henry. Gostava de piadas bastante óbvias. Solteiro, é claro... me pergunto por quê. Uma antiga decepção, talvez? Metódico ao extremo, mas não gostava muito de se prender a ninguém... como a maioria dos solteiros!

Por trás das costas de Miss Marple, Charmian fez um sinal para Edward. Significava: ela é gagá.

Miss Marple continuava a falar com entusiasmo do seu finado tio Henry.

– Adorava jogos de palavras, o tio. E para algumas pessoas, jogos de palavras podem ser bastante irritantes. Era um homem desconfiado também. Estava sempre convencido de que os empregados estavam-no roubando. E algumas vezes, claro, eles estavam mesmo, mas nem sempre. Isso cresceu dentro dele, pobre homem. Perto de morrer, ele suspeitava de que estivessem adulterando sua comida, e, por fim, recusou-se a comer qualquer coisa que não fosse ovos cozidos! Dizia que ninguém poderia adulterar o que estivesse dentro de um ovo cozido. Querido tio Henry, chegou a ser uma pessoa tão alegre a certa altura... gostava muito do seu café depois do jantar. Costumava dizer: “este café está muito mouro”, o que significava, você sabe, que ele queria mais um pouco.

Edward se deu conta de que se ouvisse mais alguma coisa sobre o tio Henry, perderia o controle.

– Também gostava muito dos mais novos – Miss Marple continuou –, mas tendia a perturbá-los um pouco, se é que me entende. Costumava colocar embalagens de doces onde uma criança jamais poderia alcançar.

Deixando de lado a polidez, Charmian falou:

– Ele me parece terrível!

– Não, querida, apenas um velho solteirão, sabe, pouco acostumado com crianças. E não era de todo estúpido, não. Costumava guardar uma boa quantia de dinheiro em casa, e tinha um cofre para colocá-lo. Fazia um grande alvoroço sobre isso... e sobre quão seguro era o cofre. Como resultado de seu falatório excessivo, uns assaltantes entraram na sua casa, certa noite, e fizeram um buraco no cofre com uma arma química.

– Bem feito para ele – vingou-se Edward.

– Ah, mas não havia nada no cofre – revelou Miss Marple. – Veja, ele, de fato, guardava o dinheiro em outro lugar. Na verdade, atrás de uns livros religiosos, na biblioteca. Dizia que ninguém tiraria um livro daqueles da estante!

Edward interrompeu-a, empolgado.

– Já sei, tenho uma ideia. Que tal a biblioteca?

No entanto, Charmian balançou a cabeça com desprezo.

– Acha que eu não pensei nisso? Procurei em todos os livros na terça passada, quando você foi a Porstmouth. Retirei todos, balancei-os. Não

havia nada neles.

Edward suspirou. Em seguida, levantando-se, fez um esforço para livrar-se com jeito da sua decepcionante convidada.

– Foi muita bondade sua ter vindo até aqui tentando nos ajudar. Desculpe se tudo não passou de um esforço inútil. Sinto que já tomamos demais o seu tempo. Todavia, vou tirar o carro e a senhora poderá pegar o ônibus das três e meia...

– Ah – interrompeu-o Miss Marple –, mas temos que encontrar o dinheiro, não é? Não deve desistir, sr. Rossiter. “Se na primeira você não conseguir, tente, experimente, tente novamente.”

– A senhora quer dizer que vai continuar tentando?

– Falando de modo específico – respondeu Miss Marple –, ainda nem comecei. “Para começar, pegue sua lebre”, como diz a sra. Beaton em seu livro de culinária, um ótimo livro, porém dispendioso. A maioria das receitas tem início assim: “Pegue um quarto de nata e uma dúzia de ovos”. Deixe-me ver, onde eu estava? Ah, sim. Bem, como se diz, já temos nossa lebre... nossa lebre humana, claro, o seu tio Mathew. Agora, temos apenas que decidir onde ele esconderia o dinheiro. Deve ser bem simples.

– Simples? – inquiriu Charmian.

– Sim, querida. Tenho certeza de que ele deve ter feito o óbvio. Uma gaveta secreta, essa é a minha resposta.

Edward disse, seco:

– Uma pessoa não poderia colocar barras de ouro numa gaveta secreta.

– Não, claro que não. Mas não vejo razão alguma para acreditar que o dinheiro está em barras de ouro.

– Ele sempre dizia que...

– Da mesma forma que meu tio Henry falava sobre seu cofre! Portanto, tenho grandes suspeitas de que isso era apenas uma armadilha. Diamantes, isso sim, poderiam estar numa gaveta secreta sem dificuldade.

– Mas olhamos dentro de todas as gavetas. Chamamos um marceneiro para examinar a mobília.

– Vocês fizeram isso, querida? Foi inteligente da sua parte. Diria que a mesa usada por seu tio seria a mais provável. É a escrivaninha alta junto àquela parede?

– É. Vou mostrá-la à senhora.

Charmian foi em direção à escrivaninha. Ela retirou o tampo de cima. Dentro, havia escaninhos e gavetas pequenas. Abriu a portinha do centro e acionou uma alavanca dentro da gaveta à esquerda. O fundo do esconderijo central deu um estalo e escorregou para frente. Charmian puxou-o, revelando um compartimento raso, na parte de baixo. Estava vazio.

– Me diga, isso não é uma coincidência? – disse Miss Marple com entusiasmo. – Tio Henry possuía uma mesa igualzinha a esta. A única diferença é que a dele era feita de nogueira e esta é de mogno.

– Seja como for – disse Charmian –, não há nada aqui, como pode ver.

– Suspeito que – disse Miss Marple – o marceneiro era jovem. Ele não sabia tudo. As pessoas eram muito habilidosas quando faziam esconderijos naquele tempo. Havia algo como um esconderijo dentro de outro.

Ela extraiu um grampo do seu coque grisalho bem amarrado. Após desentortá-lo, inseriu a ponta dentro do que aparentava ser um buraquinho de cupim em um dos lados do esconderijo secreto. Com um pouco de dificuldade, puxou uma gaveta pequena. Nela havia um monte de cartas desbotadas e um papel dobrado.

Edward e Charmian lançaram-se ao mesmo tempo sobre o achado. Com dedos trêmulos, Edward desdobrou o papel. Ele soltou o documento com uma exclamação de raiva.

– Uma droga de receita culinária. Pernil assado!

Charmian estava desatando a fita que prendia as cartas. Retirou uma e deu uma olhada.

– Cartas de amor!

Miss Marple reagiu com prazer comedido.

– Que interessante! Talvez o motivo pelo qual seu tio nunca tenha se casado.

Charmian leu em voz alta:

– “Meu sempre querido Mathew, devo confessar que parece ter passado muito tempo desde que recebi sua última carta. Tentei ocupar-me com diversas tarefas a mim atribuídas, e muitas vezes disse para mim mesma que eu era sem dúvida muito sortuda por conhecer tanto do mundo, embora pouco tenha pensado quando fui à América que terminei viajando para estas ilhas distantes!”

Charmian parou no meio.

– De onde é a carta? Ah! Do Havaí!

Ela continuou:

– “Deus do céu, estes nativos continuam longe de ver a luz. Estão em um estado selvagem, não usam roupas e passam a maior parte do tempo nadando, dançando e enfeitando-se com coroas de flores. O sr. Gray conseguiu converter alguns, mas é um trabalho árduo, e ele e a sra. Gray sentem-se bastante desestimulados. Tento fazer tudo que posso para animá-lo e incentivá-lo, mas eu também me sinto triste a maior parte do tempo, pela razão que você pode imaginar, querido Mathew. Meu Deus, a ausência é uma prova dura para um coração apaixonado. Seus sentimentos e reiteradas declarações de amor alegram-me demais. Agora e sempre meu coração leal e devotado é seu, querido Mathew, e eu lhe espero. Com amor, Betty Martin. Obs.: Envio esta carta disfarçada para nossa amiga comum, Matilda Graves, como sempre. Espero que os céus perdoem este pretexto.”

Edward assobiou.

– Uma missionária! Então era essa a história de amor do tio Mathew. Me pergunto por que eles nunca se casaram.

– Ela parece ter viajado pelo mundo todo – disse Charmian, conferindo as cartas. – Ilhas Maurício... toda sorte de lugar. Deve ter morrido de febre amarela ou algo do tipo.

Uma risadinha chamou a atenção deles. Miss Marple parecia muito entretida.

– Ora, ora – ela disse. – Olhe só para isto!

Ela estava lendo a receita de pernil assado. Ao perceber os olhares curiosos dos demais, leu em voz alta:

– “Pernil assado com espinafre. Pegue um bom pedaço de pernil, recheie com cravos e cubra com açúcar mascavo. Asse no forno em baixa temperatura. Sirva com uma borda de purê de espinafre.” O que acha disso agora?

– Acho que soa intragável – respondeu Edward.

– Não, não, poderia ficar muito bom, mas o que você acha da *coisa toda*?

Um súbito raio de luz iluminou o rosto de Edward.

– A senhora acha que é um código, algum tipo de criptograma?

Ele se levantou.

– Dá uma olhada aqui, Charmian. Pode ser, sabia! Não haveria outra razão de colocar uma receita culinária numa gaveta secreta.

– Isso mesmo – concordou Miss Marple. – Muito sugestivo, muito.

Charmian falou:

– Sei o que pode ser, uma tinta invisível! Vamos aquecê-la. Ligue o fogo elétrico.

Edward seguiu as ordens, mas nenhuma caligrafia apareceu ao aquecer o papel.

Miss Marple anunciou:

– Sabe, acho, de verdade, que vocês estão dificultando *demais* as coisas. A receita é apenas uma indicação, digamos assim. São as cartas, creio eu, o mais importante.

– As cartas?

– Acima de tudo – destacou Miss Marple – a assinatura.

No entanto, Edward mal a ouviu. Ele chamou, animado:

– Charmian! Venha aqui! Ela está certa. Veja, os envelopes são velhos, sem sombra de dúvida, mas as cartas em si foram escritas muito depois.

– É isso aí – Miss Marple anuiu.

– Elas apenas foram envelhecidas. Aposto qualquer coisa como foi o próprio tio Mathew que as falsificou...

– Com certeza – disse Miss Marple.

– A coisa toda é uma farsa. Nunca existiu uma missionária. Deve ser um código.

– Minhas queridíssimas crianças, não há necessidade alguma de tornar isso tão complicado. Seu tio era, de fato, um homem bastante simples. Ele tinha de fazer a piadinha dele, só isso.

Pela primeira vez eles deram total atenção a ela.

– O que exatamente a senhora quer dizer, Miss Marple? – Charmian perguntou.

– Quero dizer, querida, que você está, neste exato momento, segurando o dinheiro em suas mãos.

Charmian baixou os olhos.

– A assinatura, querida. Ela diz tudo. A receita é só uma indicação. Esqueça todos os cravos, o açúcar mascavo e companhia, o que é isso *de verdade*? O que é que pernil tem a ver com espinafre? *Pernil e espinafre*! É um absurdo! Então está claro que são as cartas que importam. Ainda

mais se você levar em conta o que seu tio fez antes de morrer. Ele bateu de leve no olho, você disse. Bem, aí está, isso te dá a pista, entende.

Charmian falou:

– Nós estamos loucos ou é a senhora que está?

– Minha querida, com certeza você já deve ter ouvido a expressão que diz que alguma coisa é um absurdo completo, ou ela não é mais usada? “Isto não tem pé nem cabeça.”

Edward suspirou, seus olhos mirando a carta em suas mãos.

– Betty Martin...

– Claro, sr. Rossiter. Como você acabou de dizer, não existe, nunca existiu tal pessoa. As cartas foram escritas pelo tio de vocês, e ousou dizer que ele se divertiu muito ao escrevê-las! Como você disse, a escrita nos envelopes é mais antiga... de fato, os envelopes não poderiam pertencer às cartas, mesmo porque o selo postal dessa que você está segurando é de 1851.

Ela fez uma pausa. Disse colocando bastante ênfase:

– 1851. Isso explica tudo, não é?

– Não para mim – admitiu Edward.

– Bem, claro – disse Miss Marple. – Creio que isso não me diria nada, não fosse pelo meu sobrinho-neto Lionel. Um rapazinho tão querido e um apaixonado colecionador de selos. Sabe tudo sobre selos. Foi ele quem me contou sobre os selos raros e custosos, e que um novo achado extraordinário havia surgido para leilão. Me recordo com clareza de ele ter mencionado um selo, o de 1851, o primeiro selo do Havaí. Acho que ele estimou algo como 25 mil dólares. Imagine! Acredito que os outros selos também sejam raros e de preço elevado. Sem dúvida seu tio comprou-os de negociantes e foi cuidadoso para “não deixar rastros”, como se diz nas histórias de detetive.

Edward resmungou. Sentou-se e afundou o rosto nas próprias mãos.

– Qual é o problema? – quis saber Charmian.

– Nada. Foi só o pensamento terrível de que, não fosse por Miss Marple, teríamos queimado estas cartas sem pensar duas vezes!

– Ah – disse Miss Marple – é justamente isso o que esses velhos cavalheiros, fãs de suas piadas, nunca se dão conta. O tio Henry, me lembro, enviou à sobrinha favorita uma nota de cinco libras como presente de Natal. Ele colocou a nota num cartão natalino, colou-a no cartão, e

neste escreveu: “Paz e felicidade. Lamento que isso seja tudo o que posso mandar este ano”.

– Ela, pobre garota, aborrecida com o que pensou ter sido uma mesquinha da parte dele, jogou o cartão direto na lareira. Depois, claro, ele teve de recompensá-la.

Os sentimentos de Edward em relação ao tio Henry sofreram uma mudança abrupta e completa.

– Miss Marple – disse –, vou pegar uma garrafa de champanhe. Vamos todos beber à saúde do seu tio Henry.

O CASO DA FITA MÉTRICA

I

A srta. Politt segurou a aldrava e bateu com discrição na porta do chalé. Após uma pequena pausa, bateu outra vez. Ao fazer isso, o pacote embaixo do seu braço esquerdo deslizou um pouco, e ela endireitou-o. Dentro do pacote estava o novo vestido de inverno, cor de esmeralda, da sra. Spenlow, pronto para a prova. Da mão esquerda da srta. Politt pendia uma bolsa de seda preta, contendo uma fita métrica, uma alfineteira e uma tesoura grande e prática.

A srta. Politt era alta e magricela, tinha um nariz pontudo, lábios franzidos e um cabelo grisalho e ralo. Ela hesitou antes de bater pela terceira vez. Ao olhar para baixo em direção à rua, viu alguém aproximar-se com velocidade. A srta. Hartnell, 55 anos, alegre e de tez bronzeada, gritou com seu habitual vozeirão:

– Boa tarde, srta. Politt!

A costureira respondeu:

– Boa tarde, srta. Hartnell.

A voz dela tinha um tom demasiado fino e cortês. Ela havia começado a vida como empregada doméstica.

– Desculpe – começou –, mas por acaso sabe dizer se porventura a sra. Spenlow não está em casa?

– Não tenho a menor ideia – respondeu a srta. Hartnell.

– É muito estranho, sabe. Fiquei de fazer a prova do novo vestido da sra. Spenlow esta tarde. Às três e meia, ela marcou.

A srta. Hartnell consultou o relógio de pulso.

– Passa um pouco das três e meia agora.

– Pois é. Bati três vezes, mas parece não haver ninguém, então estava pensando se talvez a sra. Spenlow não tenha ido dar uma volta e esquecido. Ela não é de esquecer compromissos e quer o vestido para usar depois de amanhã.

A srta. Hartnell atravessou o portão e seguiu o caminho para encontrar-se com a srta. Politt em frente à porta do chalé Laburnum.

– Por que Gladys não abre a porta? – perguntou. – Ah, não, claro, hoje é quinta, é a folga de Gladys. Suspeito que a sra. Spenlow tenha pegado no sono. Acho que você não fez barulho suficiente com essa coisa.

Agarrando a aldrava, a srta. Hartnell executou um sonoro *toc-toc-toc*, e ainda bateu com força no vitral da porta. Para completar, chamou num estrondo:

– Ô de casa! Tem alguém aí?

Não houve resposta.

A srta. Politt sussurrou:

– Ah, acho que a sra. Spenlow deve ter esquecido e saiu. Volto outra hora.

Ela começou a afastar-se e a pegar o caminho da saída.

– Bobagem – disse a srta. Hartnell com firmeza. – Ela não pode ter saído. Teria a encontrado. Vou só dar uma olhada nas janelas e ver se encontro algum sinal de vida.

Ela sorriu à sua maneira enérgica, para mostrar que era uma piada, e deu uma olhada superficial na vidraça da janela mais próxima; superficial porque ela sabia muito bem que a sala da frente era pouco usada. O sr. e a sra. Spenlow preferiam a pequena sala de estar dos fundos.

Superficial como foi, todavia, atingiu seu objetivo. A srta. Hartnell, é verdade, não encontrou sinal algum de vida. Pelo contrário, ela viu, através da janela, a sra. Spenlow estendida no tapete da lareira, morta.

– Claro – disse a srta. Hartnell, contando a história após o ocorrido –, tive de manter a calma. Aquela Politt, pobre criatura, não tinha a menor ideia do que fazer. “Temos de manter a calma”, disse a ela. “Você fica aqui, e eu vou atrás do policial Palk.” Ela falou algo sobre não querer ficar lá sozinha, mas não dei atenção. É preciso ser firme com gente assim. Sempre achei que essas pessoas gostam de fazer confusão. Então eu já estava de saída quando, naquele exato momento, o sr. Spenlow aproximou-se da esquina da casa.

Aqui a srta. Hartnell fez uma pausa importante. Esta pausa permitiu às pessoas perguntarem, ofegantes:

– Me diga, como ele *reagiu*?

A srta. Hartnell então continuou:

– Para ser franca, *eu* suspeitei de algo logo de início! Ele estava calmo *demais*. Não pareceu nem um pouco surpreso. E podem dizer o que quiserem, mas não é normal para um homem ouvir que sua mulher está morta e não demonstrar nenhum tipo de sentimento.

Todos concordaram com aquela afirmação.

A polícia também concordou com ela. Considerou a indiferença do sr. Spenlow tão suspeita que não perdeu tempo em verificar em que situação ficaria aquele cavalheiro após a morte da esposa. Quando descobriu que a sra. Spenlow tinha sido a parte rica do casal e que o dinheiro dela ia para o marido em um testamento feito logo após o matrimônio, a polícia suspeitou ainda mais.

Miss Marple, aquela detetive velhinha com rosto de anjo e, segundo alguns, de língua afiada, que morava na residência ao lado da casa paroquial, foi interrogada logo cedo, cerca de meia hora após a descoberta do crime. Foi abordada pelo policial Palk, que manuseava com seriedade um caderno de anotações.

– Se não se importa, senhora, preciso fazer umas perguntas.

Miss Marple respondeu:

– Em relação ao assassinato da sra. Spenlow?

Palk ficou estarrecido.

– Posso perguntar, senhora, como veio a saber disso?

– O peixe – ela disse.

A resposta foi compreendida, sem equívoco, pelo policial Palk. Ele presumiu, de forma correta, que o menino que vende peixe trouxe a notícia junto com a refeição de Miss Marple.

Ela continuou com calma:

– Estendida no chão da sala de estar, estrangulada... provavelmente por um cinto bastante apertado. Mas seja lá o que for, foi levado.

O rosto de Palk revoltou-se.

– Como foi que aquele moleque do Fred ficou sabendo de tudo...

Miss Marple interrompeu-o com bastante jeito. Disse:

– Tem um alfinete na sua jaqueta.

O policial Palk olhou para baixo, surpreso. Falou:

– Vivem dizendo: “Se vir um alfinete, pegue-o e terá um dia de sorte”.

– Espero que isso aconteça. Mas agora, o que devo lhe dizer?

O policial Palk limpou a garganta, parecendo importante, e consultou seu caderno de anotações.

– Uma declaração foi feita para mim pelo sr. Arthur Spenlow, marido da falecida. O sr. Spenlow disse que às duas e meia, conforme lembra, recebeu um telefonema de Miss Marple, perguntando se ele poderia aparecer às três e quinze, uma vez que ela estava ansiosa para consultá-lo sobre um assunto. Agora, senhora, isso é verdade?

– Não, de forma alguma – respondeu.

– A senhora não telefonou para o sr. Spenlow às duas e meia?

– Não liguei às duas e meia, nem hora nenhuma.

– Ah – disse o policial Palk, e mexeu o bigode com grande satisfação.

– O que mais o sr. Spenlow falou?

– A declaração do sr. Spenlow diz que ele veio até aqui, conforme solicitado, deixando sua casa às 15h10; quando chegou, foi informado pela criada que Miss Marple “num tava na casa”.

– Essa parte é verdade – informou Miss Marple. – Ele veio até aqui, mas eu estava em um encontro no Instituto das Mulheres.

– Ah – repetiu o policial Palk.

Miss Marple indagou:

– Me diga, policial, você suspeita do sr. Spenlow?

– Não me cabe dizer qualquer coisa a esta altura, mas me parece que tem alguém, sem citar nomes, tentando ser engenhoso.

Ela disse, pensativa:

– O sr. Spenlow?

Miss Marple gostava do sr. Spenlow. Era um homem pequeno e magro, tinha um discurso firme e convencional; o ápice da decência. Parecia estranho que ele tivesse vindo morar no interior, uma vez que era tão evidente que ele sempre havia morado em cidades grandes ao longo da vida. Para Miss Marple ele confiou o motivo. Revelou:

– Sempre tive a intenção, desde pequeno, de morar no interior algum dia e ter meu próprio jardim. Sempre tive muito interesse em flores. Minha esposa, a senhora sabe, tem uma floricultura. Foi lá que a vi pela primeira vez.

Uma declaração seca, mas que possibilitava visualizar a perspectiva de um romance. Uma sra. Spenlow mais jovem e mais bonita vista em um cenário de flores.

O sr. Spenlow, todavia, não sabia absolutamente nada sobre flores. Não entendia de sementes, podas, cultivo, plantas sazonais ou que florescem o ano todo. Tinha apenas uma imagem: a imagem de um jardim num chalezinho coberto de plantações de flores muito coloridas e perfumadas. Ele havia pedido, quase emocionado, por instruções, e anotado num pequeno caderno as respostas de Miss Marple às questões.

Era um homem sossegado. Talvez por isso a polícia tenha ficado interessada nele quando sua esposa foi encontrada assassinada. Com resignação e persistência, descobriram muita coisa sobre a recém-falecida sra. Spenlow. E logo toda a St. Mary Mead ficou sabendo também.

A recém-falecida sra. Spenlow começou a vida como ajudante de cozinha numa mansão. Deixou o emprego para casar-se com o auxiliar de jardim, e juntos abriram uma floricultura em Londres. A loja prosperou. O mesmo não se pode dizer do jardineiro, que logo ficou doente e morreu.

A viúva manteve a floricultura e expandiu o negócio de forma ambiciosa. Continuou prosperando. Até que um dia vendeu a loja por um preço considerável e envolveu-se num segundo casamento, com o sr. Spenlow, um joalheiro de meia-idade, herdeiro de um negócio pequeno e trabalhoso. Um pouco depois eles venderam o negócio e foram para St. Mary Mead.

A sra. Spenlow era uma mulher bem de vida. Os lucros da sua floricultura tinham sido aplicados em investimentos, “de acordo com orientação espírita”, conforme ela explicava para todo mundo. Os espíritos aconselharam-na com grande discernimento.

Todos os investimentos dela tinham prosperado, alguns de modo impressionante. Contudo, em vez disso aumentar sua crença no espiritismo, a sra. Spenlow deixou de lado médiuns e sessões espíritas e deu um mergulho breve, porém sincero, numa religião obscura com tendências indianas, baseada em várias técnicas de respiração profunda. Entretanto, quando ela chegou a St. Mary Mead, entrou numa fase de crenças ortodoxas da Igreja anglicana. Prestava grande ajuda na casa paroquial e ia com frequência às missas. Patrocinava as lojas da vila, acompanhava os acontecimentos locais e jogava bridge.

Uma vida comum e monótona. E, de repente, um assassinato.

II

O coronel Melchett, chefe de polícia, havia convocado o inspetor Slack.

Slack era um tipo taxativo. Quando chegava a uma resolução, tinha certeza. Ele estava bastante convicto no momento.

– Foi o marido, senhor – disse.

– Você acha?

– Tenho quase certeza. Tem apenas que olhar para ele. Culpado sem sombra de dúvida. Nunca demonstrou um sinal de tristeza ou pesar. Voltou para casa sabendo que ela estava morta.

– Ele sequer tentou fazer as vezes de marido distraído?

– Não, senhor. Muito satisfeito consigo mesmo. Alguns cavalheiros não conseguem dissimular. São muito tensos.

– Tem outra mulher na vida dele? – o coronel Melchett perguntou.

– Não encontrarei nenhum sinal de mulher. Claro, ele é do tipo engenhoso. A esposa tinha dinheiro, e eu diria que era uma pessoa difícil de conviver... sempre se agarrando a uma crença diferente. Ele decidiu com frieza dar um jeito nela e viver sozinho de modo confortável.

– É, pode ser esse o caso, suponho.

– Pode acreditar, o caso é esse. Planejou tudo com cuidado. Fingiu ter recebido uma ligação...

Melchett interrompeu-o:

– Nenhuma ligação foi rastreada?

– Não, senhor. Isso significa ou que ele mentiu ou que a ligação foi feita de um telefone público. Os dois únicos telefones públicos da vila estão na estação de trem e no correio. O do correio não foi com certeza. A sra. Blade vê todos que entram. Pode ter sido o da estação. Os trens chegam às 14h27 e fazem certo alvoroço. Mas o principal é que *ele* disse que Miss Marple ligou para ele, e isso com certeza não é verdade. O telefonema não veio da casa dela e a própria Miss Marple estava fora, no Instituto.

– Você não estaria negligenciando a possibilidade de o marido ter sido tirado do caminho de forma intencional por alguém que queria matar a sra. Spenlow?

– Está pensando no jovem Ted Gerard, não é, senhor? Tenho trabalhado nele... estamos lidando com algo que não tem um motivo. Ele não parece ganhar nada.

– Ele é um mau caráter, de todo jeito. Um pequeno desfalque perfeito em benefício próprio.

– Não estou dizendo que ele não é um patife. Ainda assim, ele foi até o chefe e confessou a fraude. E seus patrões não sabiam disso.

– Um membro do Oxford Group – disse Melchett.

– Sim, senhor. Converteu-se e decidiu fazer a coisa certa. Admitiu ter pegado o dinheiro. Veja, não nego que pode ter sido uma jogada esperta. Ele pode ter pensado que era suspeito e decidiu assumir o risco de um arrependimento verdadeiro.

– Você tem uma mente cética, Slack – disse o coronel Melchett. – Por acaso já falou com Miss Marple?

– O que *ela* tem a ver com isso, senhor?

– Ah, nada. Mas ela ouve coisas, sabe. Por que você não vai conversar com ela? É uma velhinha muito esperta.

Slack mudou de assunto.

– Tem uma coisa que gostaria de perguntar, senhor. O local onde a recém-falecida iniciou a vida fazendo serviço doméstico... a residência do senhor Robert Abercrombie. Foi lá que aconteceu aquele roubo de joias... esmeraldas. Nunca foram encontradas. Dei uma olhada nisso... deve ter acontecido quando a sra. Spenlow estava lá, embora não passasse de uma garota na época. Não acha que ela esteve envolvida nisso, acha? Spenlow, o senhor sabe, foi um daqueles joalheirozinhos baratos, apenas um sujeito que vendia mercadorias roubadas.

Melchett balançou a cabeça.

– Não acho que tenha alguma coisa aí. Ela sequer conhecia Spenlow na época. Lembro do caso. A opinião da polícia era de que um dos filhos da casa estava envolvido no roubo. Jim Abercrombie... um jovem esbanjador desprezível. Tinha uma pilha de dívidas, e logo após o roubo foram todas pagas... uma mulher rica, disseram, mas não sei... o velho Abercrombie desconversou um pouco sobre o caso... tentou dissuadir a polícia.

– Foi só uma ideia, senhor – disse Slack.

III

Miss Marple recebeu o inspetor Slack com satisfação, sobretudo ao saber que ele havia sido enviado pelo coronel Melchett.

– Mas, sem dúvida, é muita gentileza do coronel Melchett. Não sabia que ele se lembrava de mim.

– Ele se lembra muito bem da senhora. Disse que se a senhora não souber o que está acontecendo em St. Mary Mead, ninguém mais saberá.

– Que gentileza da parte dele, mas não sei nada mesmo. Sobre esse assassinato, quero dizer.

– A senhora sabe sobre o que é esta conversa.

– Ah, claro. Mas de nada adiantaria apenas repetir uma conversa inútil, não é mesmo?

Slack respondeu, tentando criar um clima amistoso:

– Esta não é uma conversa oficial, sabe. É uma conversa particular, por assim dizer.

– Então o senhor quer mesmo saber o que as pessoas estão pensando? Se há alguma verdade nisso ou não?

– A ideia é essa.

– Bem, claro, há bastante falatório e especulações. Há, de fato, dois grupos distintos, se me entende. Para começar, tem os que acreditam que foi o marido. De certo modo, o marido ou a esposa são suspeitos naturais, não acha?

– Talvez – o inspetor respondeu com cuidado.

– Tão próximos, entende. Além da recorrente questão do dinheiro. Ouvi que era a sra. Spenlow quem tinha o dinheiro, e por consequência o sr. Spenlow é o beneficiado em função da morte dela. Neste mundo cruel receio que as hipóteses mais mesquinhas são em geral justificadas.

– Ele receberá uma quantia considerável, é verdade.

– Pois é. Seria bastante plausível para ele estrangular a mulher, deixar a casa pelos fundos, atravessar o campo em direção à minha residência, perguntar por mim e fingir ter recebido um telefonema meu, e em seguida voltar e encontrar a esposa assassinada em sua ausência... na expectativa, claro, de que o crime fosse atribuído a algum vagabundo ou assaltante.

O inspetor concordou com um gesto.

– Quanto à questão do dinheiro... e se nos últimos tempos eles estivessem em uma situação ruim...

No entanto, Miss Marple interrompeu-o.

– Ah, mas eles não estavam.

– A senhora tem certeza disso?

– Todos ficariam sabendo se eles tivessem discutido o assunto! A criada, Gladys Brent, teria espalhado por toda a vila sem perder tempo.

O inspetor insistiu, sem muita firmeza:

– Ela poderia não ter conhecimento...

E em troca ele recebeu um sorriso compassivo.

Miss Marple continuou:

– E depois há outra possibilidade. Ted Gerard. Um jovem bonito. Receio, sabe, que os tipos bonitos tendem a influenciar mais pessoas do que imaginam. Nosso penúltimo auxiliar paroquial... um efeito quase mágico! Todas as garotas iam à igreja, tanto para as missas da noite quanto as da manhã. E muitas senhoras tornaram-se ativas nos trabalhos da paróquia. E todas aquelas pantufas e aqueles lenços feitos para ele! Bastante embaraçoso para o pobre jovem. Mas, deixe-me ver, onde eu estava? Ah, sim, o jovem, Ted Gerard. Claro, se tem falado no rapaz. Ele vinha encontrar a sra. Spenlow com bastante assiduidade. Não obstante, ela me disse que o jovem era um membro do que eles chamam, se não me engano, Oxford Group. Um movimento religioso. São muito genuínos e bem sérios, creio, e a sra. Spenlow estava impressionada com tudo aquilo.

Miss Marple tomou fôlego e continuou:

– Tenho certeza de que não havia razão para acreditar que tinha algo além disso, mas o senhor sabe como são as pessoas. Muita gente acredita que a sra. Spenlow estava perdidamente apaixonada pelo jovem e emprestava-lhe muito dinheiro. E é, de fato, verdade que ele foi visto na estação aquele dia. Dentro do trem... o trem das 14h27. Mas é claro que seria muito fácil, não é, sair pelo outro lado do trem, passar pelo corte da estrada de ferro e por cima da grade, rodear a sebe e nunca aparecer na entrada da estação em hora nenhuma. Nem precisaria ter sido visto indo para o chalé. E, óbvio, as pessoas acham mesmo que a sra. Spenlow estava vestindo algo bastante peculiar.

– Peculiar?

– Um robe. Não era um vestido – Miss Marple enrubesceu. – Esse tipo de coisa, sabe, é, talvez, muito sugestivo para algumas pessoas.

- A senhora acha sugestivo?
- Ah, não, *eu* não acho. Acho perfeitamente normal.
- Acha normal?
- Dada as circunstâncias, sim.

A resposta de Miss Marple foi reflexiva e ponderada.

O inspetor Slack disse:

- Isso pode nos dar outro pretexto para o marido. Ciúme.

– Ah, não, o sr. Spenlow nunca foi ciumento. Não é o tipo de homem que percebe essas coisas. Se a esposa dele tivesse ido embora e deixado um recado na alfineteira, seria a primeira vez que ele pensaria algo do tipo.

O inspetor Slack estava desconcertado pelo modo atento como ela o olhava. Tinha a impressão de que toda aquela conversa pretendia chegar a algum ponto que ele desconhecia. Ela disse, com certa ênfase:

- *O senhor* não encontrou nenhuma pista no local do crime, inspetor?
- As pessoas não deixam impressões digitais nem cinzas de cigarro nos dias de hoje, Miss Marple.

- Mas acho que esse crime – sugeriu – foi à moda antiga...

Slack interrompeu:

- O que a senhora está sugerindo agora?

Miss Marple observou, sem pressa:

- Sabe, acho que o policial Palk poderia ajudá-lo. Ele foi o primeiro a ir à... à “cena do crime”, como costumam dizer.

IV

O sr. Spenlow estava sentado numa espreguiçadeira. Parecia desnortado. Disse com sua voz fina e meticulosa:

– Posso, claro, imaginar o que aconteceu. Minha audição não é tão boa quanto antes. Mas acho que ouvi com clareza um garotinho chamar depois de mim: “Arre! Quem é o Crippen?”. Isso... isso me passou a impressão de que ele era da opinião de que eu... que eu matei a minha querida esposa.

Miss Marple, que serenamente despetalava uma rosa murcha, disse:

- Essa foi a impressão que ele quis passar, sem dúvida.

– Mas o que poderia gerar uma ideia dessas na cabeça de uma criança?

Miss Marple esclareceu:

– Não há dúvida de que deu ouvidos à opinião dos mais velhos.

– A senhora... a senhora acha mesmo que outras pessoas pensam da mesma forma?

– Cerca de metade da população de St. Mary Mead.

– Mas, minha querida senhora, o que pode ter dado azo a essa ideia? Eu era afeiçoado a minha esposa, de verdade. Lamentava que ela não gostasse de morar no interior tanto quanto pensei que ela fosse gostar, mas concordar por inteiro em todos os assuntos é algo impossível. Posso garantir que sinto demais a perda dela.

– É provável. Mas, se me permite a franqueza, você não parece tão sentido quanto diz.

O sr. Spenlow esticou sua silhueta magra o máximo que pôde.

– Minha querida senhora, muitos anos atrás li sobre um filósofo chinês que, quando sua querida e amável mulher foi levada, continuou sem pressa a bater o gongo na rua, um hábito costumeiro na China, suponho, como sempre fazia. O povo da cidade ficou muito impressionado com a firmeza dele.

– Mas – disse Miss Marple –, as pessoas de St. Mary Mead reagem de forma bem diferente. A filosofia chinesa não se aplica a elas.

– Mas a senhora entende?

Miss Marple concordou.

– Meu tio Henry – ela explicou – era um homem de um autocontrole fora do comum. Seu lema era: “nunca demonstre emoção”. Ele também adorava flores.

– Estava pensando – disse o sr. Spenlow com certa animação – que devo, talvez, ter uma pérgula do lado poente do chalé. Rosas vermelhas e, talvez, glicínia. E tem uma flor branca em forma de estrela, cujo nome agora me fugiu...

Com o tom de voz que ela falava com seu sobrinho-neto de três anos, Miss Marple disse:

– Tenho aqui um catálogo muito bom, com fotos. Talvez o senhor queira dar uma olhada nele. Tenho de ir à vila.

Deixando o sr. Spenlow sentado no jardim, satisfeito com o catálogo, Miss Marple foi ao seu quarto, embrulhou um vestido em papel pardo e, deixando a casa, caminhou decidida até o correio. A srta. Politt, a costureira, morava num quarto em cima do correio.

No entanto, Miss Marple não foi de uma vez para a porta e subiu as escadas. Era apenas duas e meia e, um minuto mais tarde, o ônibus de Much Benham parou em frente à porta do correio. Era um dos acontecimentos do dia em St. Mary Mead. A agente do correio apressou-se com os pacotes; pacotes referentes à loja ao lado, pois o correio também comercializava doces, livros baratos e brinquedos.

Por uns quatro minutos Miss Marple ficou sozinha no correio.

Após a agente do correio ter voltado ao seu posto, Miss Marple subiu e explicou à srta. Politt que queria mudar seu velho vestido de crepe cinza, se possível tornando-o mais moderno. A srta. Politt prometeu que ia ver o que podia fazer.

V

O chefe de polícia ficou bastante surpreso quando o nome de Miss Marple foi anunciado. Ela entrou cheia de dedos.

– Desculpe, mil desculpas por interrompê-lo. O senhor é tão ocupado, eu sei, mas sempre foi tão gentil comigo, coronel Melchett, que pensei que deveria vir falar com o senhor em vez do inspetor Slack. O motivo é que, o senhor sabe, detestaria ver o policial Palk envolvido em qualquer problema. Falando de forma mais específica, suponho que ele não deveria ter tocado em absolutamente nada.

O coronel Melchett estava um pouco confuso. Disse:

– Palk? Esse é o policial de St. Mary Mead, não é? O que ele fez?

– Veja, um alfinete o espetou. Estava no uniforme dele. E me ocorreu, na ocasião, que era bem provável que aquele alfinete tivesse espetado o uniforme dele quando esteve na casa da sra. Spenlow.

– Sim, foi isso. Mas, sabe, afinal de contas, o que é um alfinete? É fato que o tal alfinete apenas estava no corpo da sra. Spenlow. Ontem, ele chegou e contou isso a Slack... a senhora o avisou sobre isso, suponho?

Claro, ele não deveria ter tocado em nada, mas, como disse, o que é um alfinete? Era só um simples alfinete. O tipo de coisa que qualquer mulher usaria.

– Ah, não, coronel Melchett, é aí que o senhor se engana. Para um homem, talvez, pudesse parecer apenas um alfinete comum, mas não era. Era um alfinete especial, bem fininho, do tipo que a gente compra a caixa, o tipo usado sobretudo pelas costureiras.

Melchett encarou-a, um breve lampejo de compreensão o atingiu. Miss Marple balançou a cabeça para frente várias vezes, ansiosa.

– Sim, claro. Parece tão óbvio. Ela estava usando o robe porque ia experimentar o vestido novo, entrou na sala da frente, e a srta. Politt tinha acabado de dizer algo sobre medidas, colocando a fita métrica ao redor do pescoço da sra. Spenlow. E então, tudo que ela precisava fazer era cruzá-lo e puxar. Muito fácil, eu diria. Depois, claro, ela teria ido para fora da casa, fechado a porta e esperado do lado externo como se tivesse acabado de chegar. Mas o alfinete mostra que ela *já havia estado na casa*.

– E foi a srta. Politt quem telefonou para Spenlow?

– Foi. Do correio, às duas e meia, na hora exata que o ônibus chega e o correio fica vazio.

O coronel Melchett disse:

– Mas minha querida Miss Marple, por quê? Pelo amor de Deus, por quê? Não se pode cometer um assassinato sem ter um motivo.

– Bem, acho, sabe, coronel Melchett, depois de tudo que ouvi, que o crime vem de muito tempo. Veja, isto me lembra dois primos meus, Antony e Gordon. Seja lá o que Antony fizesse, sempre dava certo para ele. Já com o pobre Gordon era exatamente o contrário. Os cavalos de corrida ficavam mancos, o gado morria e a propriedade depreciava-se. Para mim, as duas mulheres estavam juntas nisso.

– Nisso o quê?

– No roubo. Muito tempo atrás. Esmeraldas muito valiosas, foi o que ouvi. A criada e a ajudante de cozinha. Perceba que uma coisa não foi explicada... quando a ajudante de cozinha casou-se com o jardineiro, como foi que eles conseguiram dinheiro suficiente para abrir uma floricultura? A resposta é que era a parte dela do... do bolo, acho que essa é a expressão correta. Tudo que ela fez prosperou. O dinheiro fez mais dinheiro. Mas a outra, a criada, não deve ter tido sorte. Tornou-se apenas uma costureira da vila. Então elas se encontraram outra vez. À primeira vista, tudo bem,

imagino. Até que o sr. Ted Gerard entrou em cena. A sra. Spenlow já estava com a consciência pesada e disposta a ser uma religiosa devotada. O jovem rapaz, sem dúvida, encorajou-a a enfrentar a situação e a confessar tudo. E ousou dizer que ela estava disposta a fazê-lo. Mas a srta. Politt não enxergou dessa forma. Tudo o que ela conseguiu ver é que seria presa por um roubo que havia cometido anos atrás. Então convenceu-se a colocar um ponto final nisso tudo. Sabe, receio que ela sempre foi uma pessoa ruim. Ela teria permanecido impassível se aquele bobo alegre do sr. Spenlow tivesse sido condenado.

O coronel Melchett disse com calma:

– Podemos, como direi... verificar a sua teoria... até certo ponto. A ocupação de Politt como criada na casa dos Abercrombie, mas...

Miss Marple tranquilizou-o.

– Vai ser bem fácil. Ela é o tipo de mulher que se entrega logo quando é confrontada com a verdade. Além disso, tenho a fita métrica dela. Eu... surrubei a fita ontem ao provar a roupa. Quando ela der por falta e achar que a polícia pegou a fita... bem, ela é uma mulher um tanto estúpida e vai pensar que de algum modo isso é uma prova contra ela.

Miss Marple sorriu para ele, animada.

– O senhor não terá problemas, posso lhe garantir.

Foi o mesmo tom usado pela tia favorita dele quando lhe assegurou de que ele passaria no exame de admissão em Sandhurst.

E ele foi aprovado.

O CASO DA ZELADORA

I

– E aí – perguntou o dr. Haydock para sua paciente –, como estão as coisas?

Recostada no travesseiro, Miss Marple mostrou a ele um sorriso lívido.

– Creio, de fato, que estou melhor – reconheceu –, mas sinto um desânimo tão grande. Não consigo parar de pensar o quanto teria sido melhor se tivesse morrido. Afinal, sou uma velha. Ninguém me quer, ninguém se preocupa comigo.

O dr. Haydock parou com o jeito brusco que lhe era peculiar.

– Sim, eu sei, uma típica reação desse tipo de gripe. O que a senhora precisa é de algo que preencha sua mente. Um tônico cerebral.

Miss Marple suspirou e balançou a cabeça.

– E adivinhe só – continuou o dr. Haydock –, trouxe os medicamentos comigo.

Ele jogou um envelope grande na cama.

– Feito sob medida para a senhora. O tipo de enigma que combina com o seu estilo.

– Um enigma? – Miss Marple mostrou-se interessada.

– Uma proeza literária de minha parte – disse o médico, enrubescendo um pouco. – Tentei fazer uma história comum com isso. “Ele disse”, “ela falou”, “a garota pensou” etc. Os fatos da história são verdadeiros.

– Mas por que é um enigma? – quis saber Miss Marple.

O dr. Haydock deu um sorriso largo.

– Porque a interpretação depende da senhora. Quero ver se a senhora é tão esperta quanto sempre pareceu.

Depois dessa alfinetada, ele foi embora.

Miss Marple apanhou o manuscrito e começou a ler:

“– E onde está a recém-casada? – perguntou a srta. Harmon, animada.

“Toda a vila estava ansiosa para ver a jovem esposa rica e bela, que Harry Laxton tinha trazido de fora. Havia um consentimento geral de que Harry, um mísero jovem vigarista, tinha tido muita sorte. Todos sempre foram tolerantes com Harry. Até mesmo os donos das janelas que tinham sofrido com o uso indiscriminado do estilingue de Harry tiveram sua indignação dissipada pela expressão miserável de arrependimento do jovem rapaz. Ele havia quebrado janelas, roubado pomares, furtado coelhos e, mais tarde, tinha contraído dívidas, se envolvido com a filha do dono da tabacaria (se livrou dela e se mandou para a África), e a vila, representada por muitas velhas solteironas, murmurava de forma indulgente:

“– Ora, ora! Loucuras da juventude! Ele vai sossegar um dia!

“E agora, de fato, o pródigo tinha voltado, não em desgraça, mas sim triunfante. Harry Laxton tinha ‘se dado bem’, como se costuma dizer. Havia se recomposto, trabalhado duro, e por fim encontrado e cortejado com sucesso uma jovem meio inglesa meio francesa, dona de uma fortuna considerável.

“Harry poderia ter morado em Londres, ou adquirido uma propriedade rural em algum condado de caça da moda, mas preferiu retornar à parte do mundo onde se sentia em casa. E assim, do modo mais romântico, ele comprou a propriedade abandonada da residência da viúva, onde havia passado sua infância.

“A casa Kingsdean estava desocupada há cerca de setenta anos. Foi aos poucos decaindo até ser abandonada. Um antigo zelador e sua esposa moravam no único lugar habitável da casa. Era uma mansão enorme, imponente e pouco graciosa, jardins cobertos por uma vegetação espessa e árvores que cercavam a casa como se fosse uma toca encantada e sombria.

“A residência da viúva era modesta e aprazível, tendo sido deixada há muito tempo para o major Laxton, pai de Harry. Quando garoto, Harry tinha perambulado pela propriedade Kingsdean e conhecia cada centímetro do intrincado bosque. A velha casa o tinha sempre fascinado.

“O major Laxton havia morrido uns anos atrás, então devem ter pensado que Harry não teria vínculo algum que o trouxesse de volta. Apesar disso, foi para casa de sua infância que Harry trouxe sua recém-esposa. A casa Kingsdean, velha e decadente, foi demolida. Um exército de mestres de obra e pedreiros tomou conta do lugar, e num espaço de tempo quase milagroso a casa nova foi levantada, branca e reluzente entre as árvores.

“Em seguida veio um grupo de jardineiros, e depois uma procissão de caminhonetes com a mobília.

“A casa estava pronta. Os empregados tinham chegado. Por último, uma limusine luxuosa deixou o sr. e a sra. Harry na porta de entrada.

“A vila correu para o telefone, e a sra. Price, que tinha a maior casa e se considerava a líder social do lugar, enviou convites de uma festa ‘para conhecer a recém-casada’.

“Foi um grande evento. Muitas senhoras colocaram vestidos novos para a ocasião. Todos estavam empolgados, curiosos, ansiosos para ver a criatura fabulosa. Diziam que tudo parecia um conto de fadas!

“A srta. Harmon, uma solteirona vigorosa e de tez bronzeada, lançou sua pergunta enquanto abria caminho em meio à multidão concentrada na porta da sala de visitas. A pequena srta. Brent, uma solteirona magra e ferina, passou as informações.

“– Ah, minha querida, é uma menina muito charmosa. Tão bem educada. E muito jovem. Sem dúvida, sabe, é de deixar as pessoas com uma ponta de inveja ao ver alguém que tem tudo assim. Beleza, dinheiro e boas maneiras... é muito distinta, não há o que falar dela... e o querido Harry é tão dedicado!

“– Ah – disse a srta. Harmon –, ainda é cedo!

“O nariz fino da srta. Brent farejou com apreço:

“– Minha querida, você acha mesmo que...

“– Todos sabemos o que Harry é – interrompeu a srta. Harmon.

“– Nós sabemos o que ele foi! Mas espero que agora...

“– Ah – disse a srta. Harmon –, os homens são sempre iguais. Uma vez conquistadores baratos, sempre conquistadores baratos. Conheço o tipo.

“– Meu Deus! Pobre jovem.

“A srta. Brent parecia mais animada.

“– Sim, suponho que ela terá problemas com ele. Alguém deve avisá-la, sem dúvida. Me pergunto se ela sabe alguma coisa sobre o passado.

“– Parece tão injusto – disse a srta. Brent – que ela não saiba nada. Tão inadequado. Ainda mais com apenas uma farmácia na vila.

“A outrora filha do dono da tabacaria estava agora casada com o sr. Edge, o farmacêutico.

“– Seria muito mais apropriado – disse a srta. Brent – se a sra. Laxton fosse comprar seus remédios na Boots, em Much Benham.

“– Diria que – falou a srta. Harmon – o próprio Harry Laxton vai sugerir isso.

“E, mais uma vez, olhares sugestivos foram trocados entre elas.

“– Mas acho, com certeza, que ela deve ser avisada – opinou a srta. Harmon.

II

“– Desprezíveis! – exclamou Clarice Vane indignada para seu tio, o dr. Haydock. – Certas pessoas são totalmente desprezíveis.

“Ele olhou para ela, curioso.

“Era uma bela garota morena, alta, simpática e impulsiva. Seus grandes olhos castanhos estavam ardentes de indignação quando ela disse:

“– Todas essas cobras... dizendo coisas, fazendo insinuações.

“– Sobre Harry Laxton?

“– Sim, sobre o caso dele com a filha do dono da tabacaria.

“– Ah, é isso!

“O médico encolheu os ombros.

“– Muitos rapazes têm casos desse tipo.

“– Claro que têm. Mas são casos encerrados. Então por que relembrar o assunto? Trazê-lo de volta anos depois? Parece um bando de urubus na carniça.

“– Eu diria, minha querida, que isso parece ser assim para você. Mas entenda, não há muito o que conversar por aqui, então eu creio que as pessoas tendem a falar sobre mexericos do passado. Mas estou curioso para saber por que isso lhe deixa tão perturbada.

“Clarice Vane mordeu os lábios e enrubesceu. Disse, com uma voz curiosamente abafada:

“– Eles... eles parecem tão felizes. Os Laxton, digo. São jovens e apaixonados, e é tudo tão romântico para eles. Odeio pensar que isso pode ser estragado por cochichos, indiretas, insinuações e fofocas corriqueiras.

“– Hum, entendo.

“Clarice prosseguiu:

“– Ele estava falando comigo agora mesmo. Tão feliz, exultante e agitado... diria até emocionado por ter sua tão desejada Kingsdean reconstruída. Parece uma criança quando fala disso. E ela... bem, não imagino nada de errado em toda sua vida. Ela sempre teve tudo. Você já a viu. O que acha dela?

“O médico não respondeu de imediato. Para outras pessoas, Louise Laxton poderia despertar inveja. Uma riquinha mimada. Para ele, Louise apenas lembrava o refrão de uma antiga canção popular: *Pobre menina rica...*

“Uma figura pequena e delicada, com cabelo louro encaracolado, bem preso ao redor do rosto, e olhos azuis melancólicos.

“Louise estava um pouco abatida. A grande enxurrada de felicitações deixou-a cansada. Ansiava que logo fosse hora de partir. Talvez, agora mesmo, Harry sugerisse isso. Olhou para ele de esguelha. Tão alto e robusto, com seu prazer jovial naquela festa horrível e enfadonha.”

Pobre menina rica...

III

“– Ufa!

“Foi um suspiro de alívio.

“Harry, animado, voltou o olhar para sua mulher. Estavam no carro, indo embora da festa.

“Ela disse:

“– Querido, que festa medonha!

“Harry deu risada.

“– Sim, terrível mesmo. Mas não importa, meu amor. Tinha de ser feita, entende. Todas essas velhinhas me conheciam quando morava aqui, na infância. Ficariam muito despontadas se não tivessem vindo dar uma olhada de perto em você.

“Louise fez uma careta. Disse:

“– Teremos de ver muitas delas?

“– Como? Ah, não. Elas virão e farão ligações formais com felicitações, e você irá retornar as ligações, e depois não vai precisar se preocupar mais. Poderá ter seus próprios amigos aqui ou o que você quiser.

“Logo depois, Louise perguntou:

“– Não tem ninguém interessante morando por aqui?

“– Ah, sim. Isto aqui é o interior, sabe. Talvez você vá achá-los um tanto maçantes, também. A maioria tem interesses em plantas, cachorros e cavalos. Você vai andar a cavalo, claro. Vai gostar disso. Tem um cavalo em Eglinton que valeria a pena você conhecer. Um animal belíssimo, bem treinado, impecável e cheio de espírito.

“O carro diminuiu a velocidade para fazer a curva rumo aos portões de Kingsdean. Harry torceu bruscamente a direção e praguejou ao ver surgir uma figura grotesca no meio da pista e, por pouco, conseguiu desviar. A figura permaneceu lá, sacudindo as mãos e gritando para eles.

“Louise agarrou o braço do marido.

“– Quem era aquela... aquela mulher horrorosa?

“A frente de Harry tornou-se sombria.

“– Aquela é a velha Murgatroyd. Ela e o marido eram os zeladores da antiga casa. Ficaram lá por quase trinta anos.

“– Por que ela ficou apontando o dedo para você?

“O rosto de Harry corou.

“– Ela... bem, ela se sentiu ofendida quando a casa foi demolida. Foi demitida, claro. O marido morreu há dois anos. Dizem que ela ficou um tanto esquisita após a morte dele.

“– Ela está... ela não está... passando fome?

“As ideias de Louise eram descabidas e de certa forma melodramáticas. A riqueza impede qualquer um de manter contato com a realidade.

“Harry sentiu-se indignado.

“– Pelo amor de Deus, Louise, que ideia! Eu pago uma pensão para ela... um valor bastante considerável! Arrumei um chalé novo para ela e tudo mais.

“Louise perguntou, confusa:

“– Então por que ela está chateada?

“Harry ficou carrancudo, suas sobrancelhas juntaram-se.

“– Ah, como posso saber? Maluquice! Ela adorava a casa.

“– Mas estava em ruínas, não é?

“– Claro que sim... caindo em pedaços, com goteiras no telhado e pouco segura. Mesmo assim, suponho que a casa signifique algo para ela. Esteve lá muito tempo. Ah, não sei! Vai ver a velha enlouqueceu.

“Louise disse, preocupada:

“– Ela... acho que ela amaldiçoou a gente. Ah, Harry, queria que ela não tivesse feito isso.

IV

“Para Louise, parecia que seu novo lar estava amaldiçoado e envenenado pela figura malévola de uma velha maluca. Quando ela descia do carro, montava a cavalo ou passeava com os cachorros, havia sempre a mesma figura a esperando. Curvada, um chapéu puído sobre cachos de cabelo grisalho e os lentos murmúrios de imprecações.

“Louise passou a acreditar que Harry estava certo, a velha senhora estava maluca. Todavia, isso não tornava as coisas mais fáceis. A sra. Murgatroyd nunca ia à casa, não representava uma ameaça real, nem agia com violência. Sua figura atarracada permanecia sempre do lado de fora dos portões. Chamar a polícia teria sido inútil e, de qualquer modo, Harry Laxton era relutante quanto a essa ideia. Dizia que aumentaria a simpatia local pela velha bruta. Ele lidava melhor com a situação do que Louise.

“– Não se preocupe com isso, querida. Ela vai se cansar dessa bobagem de maldição. É provável que ela esteja apenas querendo nos aborrecer.

“– Não está não, Harry. Ela... ela odeia a gente! Sinto isso. Ela... ela está nos rogando pragas.

“– Ela não é uma bruxa, querida, embora ela possa parecer uma! Não fique obcecada com isso.

“Louise acalmou-se. Agora que a agitação inicial da mudança havia passado, ela se sentia estranhamente sozinha e sem ter o que fazer. Tinha sido acostumada à vida em Londres e na Riviera. Não tinha conhecimento nem interesse na vida do interior da Inglaterra. Não entendia sobre jardinagem, exceto sobre a parte final de ‘arrumar as flores’. Não se importava nem um pouco com cachorros. Estava entediada pelos tais vizinhos que conheceu. O que ela mais gostava de fazer era montar a cavalo, às vezes com Harry, às vezes sozinha, quando ele estava ocupado com a propriedade. Ela cortava caminhos e bosques, adorava o trote leve do belo cavalo que Harry tinha comprado para ela. Até mesmo Prince Hal, o mais terno dos cavalos alazões, costumava espantar-se e resfolegar quando passava com sua dona perto da figura da velha malévola.

“Um dia Louise tomou coragem. Estava caminhando do lado de fora. Passou pela sra. Murgatroyd, fingindo não vê-la, mas de repente fez a volta e foi, sem rodeios, em direção a ela. Disse, um pouco sem fôlego:

“– O que é? Qual é o problema? O que a senhora quer?

“A velha deu uma olhada para ela. Tinha um rosto astuto, pardo como o dos ciganos, com cachos de cabelo grisalho e olhos escuros e suspeitos. Louise ficou pensando se a velha não teria bebido.

“Ela falou com uma voz chorosa e ainda assim ameaçadora.

“– O que eu quero, é o que me pergunta? O que, de fato! Aquilo que foi tirado de mim. Quem me mandou embora de Kingsdean? Morei lá por quase quarenta anos, de garota até adulta. Foi um golpe baixo me botar para fora, e isso vai trazer muita má sorte para a senhora e para ele!

“Louise revidou:

“– A senhora tem um chalé muito bom e...

“Ela parou de falar. Os braços da velha levantaram-se. Ela gritou:

“– O que aquilo tem de bom para mim? O que quero é o meu próprio lugar, a minha própria lareira, que eu me sentava ao lado durante todos aqueles anos. E tanto para a senhora quanto para ele digo que não haverá felicidade para os dois na sua bela casa nova. Um sofrimento tenebroso cairá sobre vocês! Sofrimento e morte e minha maldição. Seu rosto bonito irá se estragar.

“Louise virou-se e desatou numa corrida curta e incerta. Pensou: ‘Tenho de ir embora daqui! Devemos vender a casa! Temos de ir embora!’.

“Naquele momento tal solução pareceu fácil para ela. Mas a total falta de compreensão de Harry espantou-a. Ele indignou-se:

“– Deixar esta casa? Vendê-la? Por causa das ameaças de uma velha louca? Você só pode estar fora de si.

“– Não, não estou. Mas ela... ela me assusta, sei que alguma coisa vai acontecer.

“Harry Laxton disse, aborrecido:

“– Deixe a sra. Murgatroyd comigo. Vou dar um jeito nela!

V

“Uma amizade havia surgido entre Clarice Vane e a jovem sra. Laxton. As duas garotas tinham a mesma idade, embora diferentes tanto em personalidade quanto em gostos. Na companhia de Clarice, Louise reencontrou sua confiança. Clarice era tão autoconfiante, tão segura de si. Louise contou sobre a sra. Murgatroyd e suas ameaças, mas Clarice pareceu considerar a questão como algo mais irritante do que assustador.

“– Esse tipo de coisa é tão ridículo – disse. – E, sem dúvida, muito chato para você.

“– Sabe, Clarice, eu... eu me sinto um tanto assustada às vezes. Meu coração dá saltos enormes.

“– Bobagem, você não deve deixar uma coisa boba como essa lhe atingir. Daqui a um tempo ela vai se cansar disso.

“Ela ficou em silêncio por um momento. Clarice perguntou:

“– Qual é o problema?

“Louise hesitou por uns minutos, em seguida sua resposta veio como uma avalanche:

“– Odeio este lugar! Odeio estar aqui. A floresta e esta casa, o terrível silêncio da noite e o barulho esquisito que as corujas fazem. Ah, e as pessoas e todo o resto.

“– As pessoas. Que pessoas?

“– As pessoas da vila. Aquelas velhas senhoras fofoqueiras e abelhudas.

“Clarice perguntou de repente:

“– O que elas falaram?

“– Não sei. Nada em particular. Mas elas têm mentes perversas. Quando você fala com elas, sente que não se pode confiar em ninguém... ninguém mesmo.

Clarice disse com severidade:

“– Esqueça essas mulheres. Elas não têm nada para fazer, a não ser fofocas. E a maioria das besteiras que falam é apenas invenção.

“Louise rebateu:

“– Gostaria que nunca tivéssemos vindo para cá. Mas Harry adora tanto este lugar.

“A voz dela suavizou-se.

“Clarice pensou: ‘Como ela gosta dele’. Disse de repente:

“– Preciso ir agora.

“– Vou mandar o carro levá-la. Mas volte em breve.

“Clarice anuiu com a cabeça. Louise sentia-se confortada pela visita de sua nova amiga. Harry ficava satisfeito por vê-la mais animada, e por isso incentivava a esposa a ter Clarice em casa com frequência.

“Então um dia ele disse:

“– Boas notícias para você, querida.

“– Ah, o que é?

“– Dei um jeito em Murgatroyd. Ela tem um filho na América, sabe. Bem, arrumei um jeito de ela ir encontrá-lo. Vou pagar a passagem dela.

“– Harry, que maravilha! Vou passar a gostar de Kingsdean depois disso.

“– Passar a gostar? Mas veja, é o lugar mais maravilhoso do mundo!

“Louise sentiu um leve arrepio. Não conseguia livrar-se de seus medos fantasiosos de modo tão fácil.

VI

“Se as senhoras de St. Mary Mead estavam aguardando o prazer da revelação sobre o passado do marido da recém-casada, esse prazer lhes foi negado pela própria atitude sagaz de Harry Laxton.

“A srta. Harmon e Clarice Vane estavam na loja de Edge, uma comprando naftalinas e a outra ácido bórico, quando Harry Laxton e sua esposa entraram no recinto.

“Após cumprimentar as duas mulheres, Harry virou-se para o balcão, e estava apenas pedindo uma escova de dentes quando parou no meio da fala e exclamou, entusiasmado:

“– Ora, ora, veja quem está aqui! Bella, é você!

“A sra. Edge, que havia corrido da sala dos fundos para atender o movimento da loja, sorriu para ele, alegre, mostrando seus grandes dentes brancos. Ela havia sido uma bela morena, e continuava sendo uma mulher razoavelmente bonita, embora tivesse engordado e acentuado os traços do rosto. No entanto, seus enormes olhos castanhos estavam cheios de ternura quando ela respondeu:

“– Bella, isso mesmo, sr. Harry, e que prazer revê-lo depois de tantos anos!

“Harry virou-se para sua esposa.

“– Bella é uma antiga namorada minha, Louise – disse. – Fui perdidamente apaixonado por ela, não é, Bella?

“– Isso é o que você diz – respondeu a sra. Edge.

“Louise deu risada. Disse:

“– Meu marido fica muito feliz por rever velhos amigos.

“– Ah – disse a sra. Edge –, nós não o esquecemos, sr. Harry. Parece um conto de fadas pensar que você se casou e construiu uma casa nova no lugar daquela velha e decadente Kingsdean.

“– Você parece muito bem e muito contente – observou Harry.

“A sra. Edge sorriu, disse que não havia nada de errado com ela e perguntou sobre a escova de dentes que ele havia solicitado.

“Clarice, observando o olhar perplexo no rosto da srta. Harmon, disse para si mesma, exultante: ‘Ah, muito bem, Harry. Acabou com a munição delas’.

VII

“O dr. Haydock perguntou para sua sobrinha com aspereza:

“– O que significa toda essa maluquice sobre a velha sra. Murgatroyd passar o tempo em Kingsdean sacudindo as mãos e rogando pragas nos novos donos?

“– Não é maluquice. É a mais pura verdade. Isso deixa Louise bastante desnorteada.

“– Diga-lhe que não precisa se preocupar. Quando os Murgatroyd eram os zeladores, nunca pararam de vociferar contra o lugar. Eles só ficaram porque Murgatroyd bebia e não conseguia arranjar outro emprego.

“– Vou dizer a ela – disse Clarice, em dúvida –, mas não acho que ela vá acreditar. A sra. Murgatroyd vive gritando raivosa.

“– Sempre gostei do garoto Harry. Não consigo entender.

“Clarice disse:

“– Ah, bem... eles vão livrar-se dela em breve. Harry vai comprar para ela uma passagem para a América.

“Três dias depois, Louise sofreu uma queda do cavalo e morreu.

“Dois homens, que estavam numa caminhonete da padaria, testemunharam o acidente. Viram Louise passar a cavalo pelos portões, observaram a velha levantar-se de um salto na estrada, sacudindo os braços e gritando, viram o cavalo empacar, dar uma guinada e, em seguida, disparar furiosamente estrada a baixo, lançando ao chão Louise Laxton por cima da sua cabeça.

“Um dos homens ficou parado próximo à figura desmaiada, sem saber o que fazer, enquanto o outro correu até a casa em busca de ajuda.

“Harry Laxton veio apressado, com o rosto pálido. Eles abriram uma porta da caminhonete e levaram-na ali dentro até a casa. Ela morreu sem recuperar os sentidos e antes do médico chegar.”

(Fim do manuscrito do dr. Haydock.)

VIII

Quando o dr. Haydock chegou no dia seguinte, ficou contente ao observar as bochechas coradas de Miss Marple e sem dúvida mais

animação na sua conduta.

– Bem – ele perguntou –, qual é o veredicto?

– Qual é a questão, dr. Haydock? – rebateu Miss Marple.

– Ah, minha querida senhora, terei de lhe contar isso?

– Suponho – disse Miss Marple – que é o comportamento curioso da zeladora. Por que ela se comportou daquele jeito tão estranho? As pessoas, de fato, se importam de serem colocadas para fora de suas casas. Mas a casa não era dela. Na verdade, ela costumava reclamar e praguejar quando estava lá. Sim, isso, com certeza, parece muito suspeito. A propósito, o que aconteceu com ela?

– Fugiu para Liverpool. O acidente a deixou assustada. Acho que ela esperou o navio por lá.

– Tudo muito conveniente para certa pessoa – afirmou Miss Marple.

– Sim, acho que “a questão da conduta da zeladora” pode ser solucionada de modo fácil. Suborno, não foi?

– É essa a sua resolução?

– Bem, se não era natural para ela comportar-se daquele jeito, deve ter sido “colocada em ação”, como as pessoas dizem, e isso significa que alguém pagou para ela fazer o que fez.

– E a senhora sabe quem era essa pessoa?

– Ah, acho que sim. Temo que seja, outra vez, uma questão de dinheiro. E sempre notei que os homens tendem continuamente a admirar o mesmo tipo.

– Bem, isso agora está além da minha capacidade.

– Não, não, está tudo ligado. Harry Laxter admirava Bella Edge, morena e cheia de vida. O mesmo tipo da sua sobrinha Clarice. Mas a pobre esposa pequenina era um tipo bem diferente... loura e melancólica. Nem de longe o tipo dele. Então ele deve ter casado com ela pelo dinheiro. E assassinou a esposa por esse mesmo motivo!

– A senhora usa a palavra “assassinato”?

– Bem, ele parece o tipo ideal. Atraente para as mulheres e bastante inescrupuloso. Suponho que ele quisesse pegar o dinheiro da esposa e casar-se com sua sobrinha. Ele pode ter sido visto falando com a sra. Edge. Mas não acredito que ainda estivesse ligado nela. Embora ouse dizer que ele fez a pobre sra. Edge pensar isso, por interesses próprios dele. Harry logo obteve o que queria dela, suponho.

– Exatamente de que forma a senhora acha que ele matou a esposa?

Por alguns instantes os meditativos olhos azuis de Miss Marple fixaram-se à sua frente.

– Foi muito bem cronometrado... teve a caminhonete da padaria como testemunha. Eles puderam ver a velha e, claro, atribuíram o susto do cavalo a ela. Mas eu imaginaria uma arma de ar comprimido ou, talvez, um estilingue. É isso, no exato momento em que o cavalo passava pelos portões. O cavalo disparou, óbvio, e a sra. Laxton foi arremessada.

Ela fez uma pausa e franziu o cenho.

– A queda deve tê-la matado. Mas ele não podia ter certeza disso. E parece ser o tipo de homem que prepara seus planos com cuidado e não confia na sorte. Depois do ocorrido, a sra. Edge pôde trazer-lhe algo apropriado, sem que o marido dela soubesse. Caso contrário, por que Harry se preocuparia com ela? Sim, acho que ele teve acesso a algum medicamento poderoso, que pode ter sido administrado antes de o senhor chegar. Afinal, se uma mulher é atirada do seu cavalo, se machuca seriamente e morre sem recuperar os sentidos, bem... em geral um médico não teria do que suspeitar, não é? Ele atribuiria isso à queda ou a alguma outra coisa.

O dr. Haydock confirmou com um gesto.

– Por que o senhor suspeitou? – Miss Marple indagou.

– Não foi nenhuma sacada especial de minha parte – respondeu o dr. Haydock. – Foi apenas o fato trivial e corriqueiro de que um assassino fica tão satisfeito com sua esperteza que não toma as devidas precauções. Eu estava apenas dizendo umas palavras de consolo para o marido desolado, e também me sentindo terrivelmente triste pelo rapaz, quando ele lançou-se ao sofá para fazer um pouco de encenação e a seringa subcutânea caiu do seu bolso. Ele apanhou a seringa e pareceu tão assustado que comecei a pensar. Harry Laxton não tomava remédios, tinha uma saúde perfeita... o que estava fazendo com uma seringa subcutânea? Fiz a autópsia tendo em vista algumas possibilidades. Encontrei estrofantina. O resto foi fácil. Havia estrofantina na propriedade de Laxton, e Bella Edge, ao ser interrogada pela polícia, sucumbiu e confessou ter levado a substância para ele. Por fim, a velha sra. Murgatroyd admitiu que foi Harry Laxton quem contratou-a para o truque da maldição.

– E sua sobrinha recuperou-se disso?

– Sim, ela estava encantada pelo rapaz, mas a história não tinha ido longe.

O médico pegou seu manuscrito.

– Pontuação máxima para a senhora, Miss Marple... e pontuação máxima para mim também pela minha prescrição. A senhora está parecendo quase a mesma de novo.

O CASO DA CRIADA PERFEITA

I

– Ah, com sua licença, senhora, posso falar-lhe um momento?

Esse pedido poderia parecer de natureza absurda, uma vez que Edna, a criada de Miss Marple, já estava falando com sua patroa naquele momento.

Todavia, reconhecendo o modo de falar peculiar, Miss Marple disse de imediato:

– Claro, Edna, entre e feche a porta. O que foi?

Edna entrou no cômodo e fechou a porta de modo obediente, segurou a ponta do avental com os dedos e engoliu em seco algumas vezes.

– Pois não, Edna? – disse Miss Marple, encorajando-a.

– Ah, sim, senhora, é a minha prima, Gladdie.

– Meu Deus! – exclamou Miss Marple, sua mente imaginando o pior e, Deus do céu, a conclusão mais óbvia. – Está... está em apuros?

Edna apressou-se em tranquilizá-la.

– Não, senhora, não é nada disso. Gladdie não é esse tipo de garota. É só que ela está chateada. Perdeu o emprego, sabe.

– Minha nossa, sinto muito. Ela estava em Old Hall, com a srta., as srtas. Skinner, não é?

– Sim, senhora, isso mesmo, senhora. E Gladdie está muito aborrecida com isso, muito aborrecida mesmo.

– Mas Gladys já mudou de emprego várias vezes antes, não?

– Ah, sim, senhora. Ela está sempre mudando, Gladdie é assim. Nunca parece se fixar num lugar pra valer, se entende o que quero dizer. Mas era sempre ela que pedia demissão, sabe.

– E dessa vez foi diferente? – Miss Marple perguntou.

– Foi, senhora, e isso deixou Gladdie muitíssimo chateada.

Miss Marple parecia um pouco surpresa. Sua lembrança de Gladys, que ia de vez em quando tomar um chá na cozinha nos seus “dias de folga”, era de uma garota forte e risonha, com temperamento sempre estável.

Edna prosseguiu.

– Veja, senhora, foi o modo como tudo aconteceu; o modo como a srta. Skinner viu as coisas.

– Como – inquiriu Miss Marple de modo paciente – a srta. Skinner viu?

Nesse momento Edna deu início a seu boletim de notícias.

– Ah, senhora, foi um choque tão grande para Gladdie. Ouça, um dos broches da srta. Emily havia sumido, e isso levantou um clamor por justiça como nunca foi visto, e claro que ninguém gosta quando algo assim acontece; é constrangedor, senhora, se é que me entende. Gladdie ajudou a procurar por todo lugar, e a srta. Lavinia ficava dizendo que ia à polícia dar queixa, e aí o broche reapareceu, metido no fundo de uma gaveta da penteadeira, e Gladdie ficou muito contente. Aí, logo no dia seguinte, um prato quebrou, o que é comum, e a srta. Lavinia... ela falou sem rodeios e deu a Gladdie um aviso prévio. Mas o que Gladdie percebeu foi que não poderia ter sido por causa do prato e que a srta. Lavinia havia apenas inventado uma desculpa, e o motivo deve ter sido o broche. Elas devem ter pensado que Gladdie pegou o broche e devolveu-o quando a polícia foi mencionada, mas Gladdie nunca faria isso, ela jamais o faria. Mas ela se deu conta de que essa história vai se espalhar, vai se virar contra ela e isso é uma coisa muito séria para uma garota, como sabe, senhora.

Miss Marple anuiu com um aceno de cabeça. Embora não tivesse ligação alguma com a forte e orgulhosa Gladys, tinha quase certeza da honestidade da garota, e podia imaginar muito bem que o incidente deve tê-la aborrecido.

Edna falou de modo ansioso:

– Será, senhora, que não há nada que se possa fazer a respeito? Gladdie está de um jeito...

– Diga a ela para não fazer bobagem – disse Miss Marple, taxativa. – Se ela não pegou o broche, e tenho certeza de que ela não pegou, então não tem motivo para ficar aborrecida.

– Essa história vai circular – lamentou Edna, triste.

Miss Marple decidiu:

- Eu... hum... eu vou aparecer por lá esta tarde. Vou ter uma conversa com as srtas. Skinner.
- Ah, obrigada, senhora – agradeceu Edna.

II

Old Hall era uma mansão antiga rodeada por árvores e gramados. Desde que ficou provado que a casa não podia ser alugada nem vendida, um empreendedor ousado dividiu-a em quatro apartamentos, com um sistema de aquecimento central, e os “jardins” deveriam ser de uso comum entre os moradores. A iniciativa deu certo. Uma velha senhora rica e excêntrica ocupava um apartamento junto com sua criada. A velha senhora tinha paixão por pássaros e todo dia entretinha um bando emplumado com farelos. Um juiz indiano aposentado e sua esposa alugavam o segundo apartamento. Um casal muito jovem, recém-casado, morava no terceiro. E o último apartamento havia sido ocupado há apenas dois meses por duas senhoritas de sobrenome Skinner. Os quatro grupos de moradores eram o mais distante possível um do outro, pois nada tinham em comum. Ouviu-se do proprietário que isso era algo excelente. O que ele temia eram amizades seguidas de desavenças e, por conseguinte, queixas no seu ouvido.

Miss Marple conhecia todos os moradores, embora não soubesse nada em particular sobre eles. A mais velha das senhoritas Skinner, srta. Lavinia, era o que se pode chamar de a parte trabalhadora da família. A srta. Emily, a mais nova, passava a maior parte do tempo na cama sofrendo de várias doenças que, na opinião de St. Mary Mead, eram em grande parte imaginárias. Apenas a srta. Lavinia acreditava piamente no martírio da irmã e na sua paciência com a moléstia, e logo se encarregava de tarefas, saía às pressas pela vila, para cima e para baixo, atrás de coisas que “minha irmã cismou de uma hora para outra”.

Era a opinião de St. Mary Mead que se a srta. Emily sofresse metade do que dizia, teria sido examinada pelo dr. Haydock há muito tempo. No entanto, a srta. Emily, quando isso lhe era sugerido, piscava os olhos com ar de superioridade e segredava que seu caso não era simples (os melhores especialistas de Londres tinham ficado intrigados com o caso) e que um

novo médico maravilhoso a tinha colocado sob o tratamento mais revolucionário, e que ela, de fato, acreditava que sua saúde melhoraria com isso. Nenhum clínico geral comum poderia jamais entender um caso como o dela.

– E essa é a minha opinião – disse a sincera srta. Hartnell –, ela é muito esperta por não se deixar examinar por ele. O querido dr. Haydock, com aquele seu jeito alegre, diria que não há nada de errado com ela e que deveria se levantar e deixar de manha! Isso faria muito bem a ela!

Todavia, na falta de um tratamento tão arbitrário, a srta. Emily continuava deitada no sofá, cercada com suas caixas de pequenos comprimidos, rejeitando quase tudo que preparavam para ela e pedindo por algo mais; na maior parte das vezes, algo inconveniente e difícil de conseguir.

III

A porta foi aberta para Miss Marple por “Gladdie”, parecendo mais deprimida do que Miss Marple poderia ter imaginado. Na sala de estar (reduzida a um quarto da antiga sala de visitas, que tinha sido dividida em sala de jantar, sala de visitas, banheiro e dispensa), a srta. Lavinia levantou-se para cumprimentar Miss Marple.

Lavinia Skinner era uma mulher de cinquenta anos, alta, magra e ossuda. Tinha uma voz áspera e um jeito rude.

– Que bom lhe ver – disse. – Emily está descansando, está sentindo-se fraca hoje, pobre criatura. Esperava que ela fosse lhe ver, isso a deixaria animada, mas há momentos em que ela não sente vontade de ver ninguém. Pobre criatura, ela é muito paciente.

Miss Marple respondeu de forma educada. Os empregados eram o assunto principal das conversas em St. Mary Mead, portanto não houve dificuldade em conduzir o diálogo nessa direção. Miss Marple comentou que tinha ouvido que aquela boa garota, Gladys Holmes, estava deixando a casa.

A srta. Lavinia confirmou com um movimento de cabeça.

– Na próxima quarta. Andou quebrando umas coisas, sabe. Não podia continuar assim.

Miss Marple deu um suspiro e disse que todas nós temos que relevar algumas coisas nos dias de hoje. Era tão difícil trazer as garotas para o interior. A srta. Skinner achava mesmo que deixar Gladys partir era o melhor a fazer?

– Sei que é difícil conseguir empregados – admitiu a srta. Lavinia. – Os Devereux não conseguiram ninguém... mas, nesse caso, não me espanto... sempre discutindo, conversa fiada a noite toda... refeições a qualquer hora... aquela garota não sabe nada sobre como cuidar de uma casa. Tenho pena do marido dela! E depois, os Larkin acabaram de perder sua empregada. Claro, quem já viu a disposição daquele juiz indiano para o seu desejoso *chota hazri* [\[3\]](#), como ele diz, às seis da manhã, e a sra. Larkin sempre aborrecida. Isso também não me espanta. Janet, a criada da sra. Carmichael, é parte da casa, claro, embora na minha opinião ela seja uma das pessoas mais desagradáveis, e sem dúvida incomoda a velha senhora.

– Então não acha que deve reconsiderar sua decisão quanto a Gladys? Ela é mesmo uma boa garota. Conheço toda a família dela; pessoas excelentes e muito honestas.

A srta. Lavinia balançou a cabeça em sentido negativo.

– Tenho meus motivos – respondeu, parecendo importante.

Miss Marple murmurou:

– A senhora perdeu um broche, entendo...

– Ora, quem andou falando? Creio que tenha sido a garota. Sendo franca, tenho quase certeza de que ela o pegou. Depois ficou assustada e devolveu, mas claro, ninguém pode afirmar nada sem ter certeza.

Ela mudou de assunto.

– Venha ver Emily, Miss Marple. Tenho certeza que fará bem a ela.

Miss Marple seguiu de modo obediente a srta. Lavinia, até esta bater em uma porta e ter sua entrada autorizada, conduzindo sua visita para o melhor cômodo do apartamento, em que boa parte da iluminação estava bloqueada pelas cortinas parcialmente fechadas. A srta. Emily estava deitada na cama, aparentando aproveitar o escuro e seu próprio sofrimento indeterminado.

A luz fraca mostrou uma criatura franzina, de aparência indefinida, com cabelo amarelo-acinzentado, desarrumado e solto ao redor da cabeça, fazendo cachos; a coisa toda parecia um ninho de pássaros, do tipo que

nenhuma ave de respeito teria orgulho. Havia um cheiro no quarto de água de colônia, biscoito envelhecido e cânfora.

Com olhos semicerrados e uma voz fraca e fina, Emily Skinner explicou que aquele era “um dos seus dias ruins”.

– O pior de uma saúde debilitada é que – disse a srta. Emily em tom melancólico – a pessoa sabe o peso que é para todos que estão à sua volta. Lavinia é muito boa para mim. Lavvie, querida, eu detesto dar trabalho, mas se a minha garrafa de água quente puder ao menos ser cheia do jeito que eu gosto... muito cheia me aflige... mas se não for cheia o bastante, logo fica fria!

– Desculpe, querida. Me passe a garrafa. Vou esvaziá-la um pouco.

– Talvez, já que você vai fazer isso, poderia enchê-la outra vez. Acho que não tem torrada em casa... não, não importa. Pode ser outra coisa. Um chá fraco com uma rodela de limão... não tem limão? Não, de fato, não poderia beber chá sem limão. Acho que o leite estava um pouco coalhado hoje de manhã. Tomei aversão a leite no chá. Não importa. Posso deixar o chá de lado. Só que me sinto tão fraca. Dizem que ostras são nutritivas. Será que eu poderia comer umas? Não, não, é muito incômodo ir atrás disso a essa hora do dia. Posso esperar até amanhã.

Lavinia deixou o quarto murmurando algo incompreensível sobre ir de bicicleta até a vila.

A srta. Emily mostrou um sorriso débil à sua visita e comentou que odiava dar trabalho para qualquer pessoa.

Naquela noite, Miss Marple contou a Edna que receava que sua missão diplomática não tivesse obtido sucesso.

Ela ficou bastante preocupada ao saber que os rumores sobre a desonestidade de Gladys já haviam se espalhado pela vila.

No correio, a srta. Wetherby difamou a garota:

– Minha querida Jane, deram a ela uma referência escrita dizendo que era disposta, sensata e respeitável, mas nada disseram sobre sua honestidade. Isso me parece muito significativo! Soube que houve uma confusão com um broche. Sabe, acho que deve ter algo a ver com isso, porque nos dias de hoje não se deixa um empregado ir embora, a não ser que seja algo muito grave. Elas terão muita dificuldade para encontrar outra pessoa. Garotas simplesmente não vêm para Old Hall. Elas ficam agoniadas em ir para casa nos dias de folga. A senhora vai ver, as Skinner

não vão encontrar outra pessoa, e aí, quem sabe, aquela irmã ultra-hipocondríaca vai ter que se levantar e fazer alguma coisa!

Qual não foi o espanto da vila quando soube que as srtas. Skinner tinham arranjado, por meio de uma agência, uma nova criada, que, conforme se dizia, era um modelo de perfeição.

– Tem uma referência de três anos e foi muito bem-recomendada. Ela prefere o interior e, para completar, pediu um salário menor do que o de Gladys. Acho mesmo que tivemos muita sorte.

– Bem, se é assim – disse Miss Marple, para quem esses detalhes foram contados pela srta. Lavinia no mercado de peixes. – Parece muito bom para ser verdade.

Logo se tornou opinião corrente em St. Mary Mead que o modelo de perfeição desistiria na última hora e não viria.

Todavia, as previsões não se confirmaram, e a vila pôde observar a joia doméstica, chamada Mary Higgins, passar pela vila no táxi de Reed em direção a Old Hall. Não havia como negar que a aparência dela era boa. Uma mulher de aspecto assaz respeitável, muito bem-vestida.

Na visita seguinte de Miss Marple a Old Hall, na ocasião do recrutamento de colaboradores para a feira da paróquia, Mary Higgins foi quem abriu a porta. Era, sem dúvida, uma criada com aparência superior, devia ter uns quarenta anos, tinha cabelos muito negros e rosto corado, uma figura robusta, vestida com uma roupa preta discreta, um avental branco e uma touca de rede – “quase o bom e antigo modelo de empregada”, como Miss Marple diria depois, e com a apropriada voz respeitosa e baixa, bem diferente da voz anasalada e alta de Gladys.

A srta. Lavinia estava com a aparência bem menos angustiada do que de costume e, embora lamentasse não poder tomar conta de um estande devido à sua preocupação com a irmã, ofereceu uma boa contribuição em dinheiro e prometeu providenciar uma remessa de limpadores de caneta e meias para bebês.

Miss Marple comentou algo sobre a boa aparência da srta. Lavinia.

– Sinto, de verdade, que devo muito a Mary. Estou tão satisfeita por ter resolvido me livrar daquela outra garota. Mary é mesmo inestimável. Cozinha bem, serve divinamente e mantém nosso pequeno apartamento limpo de modo impecável... vira os colchões todos os dias. E é muito atenciosa com Emily!

Miss Marple logo perguntou sobre Emily.

– Ah, pobre criatura, tem estado muito indisposta nos últimos tempos. Não há nada que ela possa fazer, mas, sem dúvida, torna as coisas um pouco mais difíceis às vezes. Quer comer certas coisas e depois, quando estão prontas, diz que não pode comer no momento, e então, meia hora depois, quer comê-las de novo, e tudo tem que ser refeito. Claro, isso requer muito trabalho, mas graças a Deus Mary não parece se importar nem um pouco. Diz que é acostumada a servir doentes e os compreende. É um alívio tão grande.

– Nossa! – exclamou Miss Marple. – A senhora é muito sortuda.

– É, sou mesmo. Sinto, de verdade, que Mary foi enviada para nós como uma resposta às orações.

– Ela me parece – disse Miss Marple – quase boa demais para ser verdade. Eu seria... bem, eu seria um pouco cautelosa se estivesse no seu lugar.

Lavinia Skinner não conseguiu compreender a insinuação presente no comentário e disse:

– Posso lhe assegurar que faço todo o possível para que ela fique satisfeita. Não sei o que faria se ela fosse embora.

– Não espero que ela vá deixá-la antes que esteja pronta para partir – disse Miss Marple, encarando a anfitriã de modo bem firme.

A srta. Lavinia falou:

– Se uma pessoa não precisa se preocupar com a casa, tira um peso tão grande das costas, não acha? Como sua criada Edna está se adaptando?

– Ela está indo bem. Nada demais, claro. Não é como a sua Mary. Mas sei tudo sobre Edna, porque ela é uma garota da vila.

Quando ela saiu da sala, ouviu a voz da doente falar de mau humor.

– Essa compressa foi esquecida até ficar quase seca... o dr. Allerton disse com clareza que a água precisa ser renovada. Vá, vá, leve-a. Quero uma xícara de chá e um ovo cozido... deixe o ovo no fogo por apenas três minutos e meio, lembre-se, e chame a srta. Lavinia para mim.

A eficiente Mary saiu do quarto e ao mesmo tempo em que dizia para Lavinia “a srta. Emily está lhe chamando, senhora”, conduzia Miss Marple até a porta, ajudando-lhe a colocar o sobretudo e passando-lhe o guarda-chuva da forma mais impecável.

Miss Marple segurou o guarda-chuva, deixou-o cair, tentou pegá-lo, mas sua bolsa escorregou e abriu-se de repente. Mary, de modo educado, recolheu várias bugigangas: um lenço, uma agenda, uma carteira de couro de modelo antigo, dois xelins, três centavos e um pedaço de bala de menta colorida.

Miss Marple apanhou a última coisa com a expressão um tanto confusa.

– Ah, querida, deve ter sido o garotinho da sra. Clement. Ele estava chupando uma, me lembro, e pegou minha bolsa para brincar. Deve ter colocado a bala aí dentro. Gruda em tudo, não é?

– Quer que eu a descarte, senhora?

– Oh, você o faria? Muito obrigada!

Mary abaixou-se para pegar o último item, um espelhinho. Ao ser devolvido, Miss Marple exclamou com veemência:

– Nossa, que sorte a minha de ele não ter se quebrado!

Em seguida ela foi embora, enquanto Mary, de modo cortês, permanecia em pé na porta segurando um pedaço de bala colorida com o rosto sem expressão alguma.

IV

Por não mais do que dez dias St. Mary Mead teve de aturar a ladainha sobre as qualidades do achado das srtas. Lavinia e Emily.

No décimo primeiro dia, a vila despertou para uma grande surpresa.

Mary, o modelo de perfeição, estava sumida! Ninguém havia dormido na cama dela e a porta da frente foi encontrada entreaberta. Ela fugiu no meio da noite, sem chamar atenção.

E não era só Mary que estava sumida! Dois broches e cinco anéis da srta. Lavinia, além de três anéis, um pingente, um bracelete e quatro broches da srta. Emily também tinham desaparecido!

Foi o começo de uma série de catástrofes.

A jovem sra. Devereux tinha perdido os diamantes que guardava numa gaveta destrancada, e também umas peles valiosas que havia ganhado de presente de casamento. O juiz e sua esposa também tiveram umas joias perdidas e certa quantia de dinheiro. A sra. Carmichael foi

quem mais sofreu. Haviam levado não apenas algumas joias muito caras, mas também uma enorme quantia de dinheiro que ela mantinha no apartamento. Tinha sido a noite de folga de Janet, e sua patroa tinha o hábito de caminhar pelos jardins ao anoitecer, chamando os passarinhos e espalhando migalhas de pão. Parecia claro que Mary, a criada perfeita, tinha tido as chaves para entrar em todos os apartamentos!

É preciso dizer que, em certa medida, houve um prazer mórbido em St. Mary Mead. A srta. Lavinia gabava-se tanto da sua maravilhosa Mary.

– E todo esse tempo, meu Deus, apenas uma ladra comum!

Seguiram-se revelações interessantes. Não apenas Mary havia desaparecido do nada, como também a agência que a indicou e apresentou suas referências estava chocada ao descobrir que a Mary Higgins que havia se inscrito lá e cujas referências eles tinham tomado, para todos os efeitos, nunca existiu. Era o nome real de uma empregada que havia morado com a irmã real de um deão, mas a verdadeira Mary Higgins estava em algum lugar de Cornwall, morando em paz.

– Muito bem tramada, a coisa toda – o inspetor Slack foi obrigado a admitir. – E, se alguém me perguntar, aquela mulher não trabalha sozinha. Um ano atrás houve um caso muito parecido em Northumberland. Os objetos nunca foram localizados e nunca pegaram a criatura. De todo jeito, vamos fazer melhor que isso em Much Benham!

O inspetor Slack era sempre confiante.

No entanto, as semanas passavam e Mary Higgins continuava livre e triunfante. Em vão, o inspetor Slack[4] redobrava a energia, negando a ideia equivocada que seu nome poderia sugerir.

A srta. Lavinia seguia chorosa. A srta. Emily ficou tão desapontada e sentiu-se tão assustada com sua situação que terminou sendo enviada para o dr. Haydock.

Toda a vila estava ansiosíssima para saber o que ele pensava sobre as queixas da srta. Emily referente à sua saúde comprometida, mas, claro, ninguém poderia perguntar a ele. Contudo, para satisfação de todos, informações sobre o tema vieram à tona através do sr. Meek, o assistente do farmacêutico, que estava saindo com Clara, a criada da sra. Price-Ridley. Assim, ficaram sabendo que o dr. Haydock havia prescrito uma combinação de assa-fétida e valeriana que, de acordo com o sr. Meek, era o remédio principal daqueles que se fingiam de doentes no exército!

Logo depois soube-se que a srta. Emily, não satisfeita com a atenção médica que havia tido, declarou que devido ao seu estado de saúde, sentia-se na obrigação de estar perto de um especialista em Londres que compreendia seu caso. Era, ela disse, mais do que justo para Lavinia.

O apartamento foi colocado para sublocação.

V

Poucos dias depois, Miss Marple, bastante emocionada e atrapalhada, foi até a delegacia de Much Benham e perguntou pelo inspetor Slack.

O inspetor Slack não gostava de Miss Marple. No entanto, sabia que o chefe de polícia, coronel Melchett, não tinha a mesma opinião. Por isso, apesar da má vontade, ele a recebeu.

– Boa tarde, Miss Marple, em que posso ajudá-la?

– Oh, Deus – disse Miss Marple –, receio que o senhor esteja ocupado.

– Muito trabalho a ser feito – respondeu o inspetor Slack –, mas posso parar por uns minutos.

– Ah, Senhor – disse Miss Marple. – Espero que eu consiga dizer o que quero de forma apropriada. Sabe, é tão difícil se explicar, não acha? Não, talvez o senhor não ache. Mas veja, não fui educada no estilo moderno... tive apenas um professor que ensinava as datas dos reis da Inglaterra e conhecimentos gerais, sabe. Dr. Brewer, três tipos de moléstias do trigo... mangra, mildio e... qual era a terceira... carvão?

– A senhora gostaria de falar sobre o carvão? – perguntou o inspetor Slack e em seguida enrubescou.

– Ah, não, não – Miss Marple logo negou qualquer desejo de falar sobre o carvão. – Apenas um exemplo, entendeu? Como as bússolas são feitas e tudo mais. Argumentativo, sabe, mas não ensina a pessoa a manter o foco no assunto. E é isso o que quero fazer. É sobre a criada da srta. Skinner, Gladys, sabe.

– Mary Higgins – rebateu o inspetor Slack.

– Ah, sim, a segunda criada. Mas eu me refiro a Gladys Holmes... uma garota bastante insolente e muito cheia de si, mas de fato muito honesta, e é muito importante que isso seja reconhecido.

– Até onde eu sei não há acusação alguma contra ela – disse o inspetor.

– Não, sei que não existe uma acusação, mas isso torna tudo ainda pior. Porque, veja, as pessoas começam a pensar coisas. Ah, meu Deus... sei que explicarei tudo de modo confuso. O que quero mesmo dizer é que o mais importante é encontrar Mary Higgins.

– Com certeza – concordou o inspetor Slack. – Tem alguma ideia sobre isso?

– Bem, na verdade, tenho – admitiu Miss Marple. – Posso perguntar-lhe uma coisa? Impressões digitais têm alguma utilidade para o senhor?

– Ah – disse o inspetor Slack –, nesse ponto ela nos pareceu bastante hábil. Fez a maior parte do trabalho com luvas de borracha ou de cozinha, parece. E foi cuidadosa... limpou tudo no quarto dela e na pia. Não foi encontrada nenhuma impressão digital no lugar!

– Se o senhor tivesse as impressões digitais, ajudaria?

– É provável, senhora. Ficariam sabendo na Yard. Este não é o primeiro trabalho dela, posso afirmar!

Miss Marple concordou com um aceno de cabeça, satisfeita. Abriu a bolsa e retirou uma pequena caixa de papelão. Dentro da caixa, envolvido em lã de algodão, estava um espelhinho.

– Da minha bolsa – disse Miss Marple. – As impressões da criada estão nele. Acho que devem ser suficientes... ela havia tocado numa substância bastante grudenta no momento anterior.

O inspetor Slack arregalou os olhos:

– A senhora pegou as impressões digitais dela de propósito?

– Claro.

– Então a senhora suspeitava dela?

– Bem, sabe, me intrigava que ela fosse um tanto boa demais para ser verdade. Fiz um comentário desse tipo para a srta. Lavinia. Mas ela simplesmente não entendeu a indireta! Acho, sabe, inspetor, que não acredito em modelos de perfeição. Muitos de nós temos nossos defeitos... e eles se revelam, sem demora, nos serviços domésticos!

– Bem – disse o inspetor Slack, recuperando-se do susto –, sou grato à senhora, com certeza. Enviaremos isto a Yard e veremos o que eles têm a dizer.

Ele parou. Miss Marple tinha posicionado a cabeça um pouco para o lado e estava observando-o de um modo bastante expressivo.

– O senhor não consideraria, inspetor, observar a casa um pouco mais de perto?

– O que a senhora quer dizer, Miss Marple?

– É muito difícil de explicar, mas quando a gente se depara com uma coisa peculiar, consegue perceber. Embora, muitas vezes, coisas peculiares possam ser meros detalhes. Senti isso o tempo todo, sabe; digo em relação a Gladys e o broche. Ela é uma garota honesta; não pegou aquele broche. Então por que a srta. Skinner achou que ela tivesse pegado? A srta. Skinner não é boba; muito pelo contrário! Por que ela estava tão ansiosa para deixar uma garota, que era uma boa criada, ir embora, sendo que é muito difícil arranjar empregados? Isso é algo peculiar, entende. Então fiquei intrigada. Fiquei muito intrigada. E observei outra coisa peculiar! A srta. Emily é hipocondríaca, mas ela é a única hipocondríaca que não foi examinada por um ou outro médico alguma vez. Hipocondríacos adoram médicos, mas a srta. Emily não!

– O que a senhora está sugerindo, Miss Marple?

– Bem, sabe, estou sugerindo que a srta. Lavinia e a srta. Emily são pessoas peculiares. A srta. Emily passa quase o tempo todo num quarto escuro. E se aquele cabelo dela não é uma peruca, eu... eu não me chamo Miss Marple! E o que tenho a dizer é isto... é perfeitamente possível para uma mulher magra, pálida, de cabelos acinzentados e chorosa ser igual a uma mulher rechonchuda, corada e de cabelos negros. E ninguém que eu conheça jamais viu a srta. Emily e Mary Higgins juntas ao mesmo tempo. Houve tempo suficiente para tirar cópias de todas as chaves, tempo suficiente para descobrir tudo sobre os outros moradores e, por fim, para livrar-se da criada local. Certa noite a srta. Emily fez um rápido passeio pela cidade e chegou na estação como Mary Higgins no dia seguinte. E depois, no momento certo, Mary Higgins desapareceu e começaram as buscas. Vou lhe dizer onde o senhor vai encontrá-la, inspetor. No sofá da srta. Emily Skinner! Pegue as impressões digitais dela, se o senhor não acredita em mim, e vai descobrir que estou certa! Uma dupla de ladras esperta, é isso o que as Skinner são! E não resta dúvida de que estão mancomunadas com um esperto receptador ou uma quadrilha ou seja lá o nome que tiver. Mas não vão escapar com a mercadoria desta vez! Não vou deixar que a honestidade de uma das nossas garotas da vila seja comprometida dessa forma! Gladys Holmes é tão honesta quanto possível, e todos vão saber disso! Boa tarde!

Miss Marple andou a passos largos antes que o inspetor Slack se recuperasse.

– Caramba! – murmurou. – Será que ela está certa?

Logo ele descobriu que Miss Marple tinha razão mais uma vez.

O coronel Melchett cumprimentou Slack pela eficiência, e Miss Marple recebeu Gladys para um chá com Edna e falou com ela sobre estabelecer-se de verdade quando conseguisse um bom emprego.

MISS MARPLE CONTA UMA HISTÓRIA

Acho que nunca lhes contei, meus queridos, nem a você, Raymond, e nem a você, Joan, sobre o pequeno caso bastante curioso que aconteceu alguns anos atrás. Não quero parecer *vaidosa*, de modo algum. Sei, claro, que comparada a vocês, jovens, não sou nem um pouco inteligente. Raymond escreve aqueles livros muito modernos, tudo sobre garotos e garotas bastante desagradáveis. E Joan pinta aqueles quadros muito impressionantes de pessoas quadradas que têm saliências curiosas. Muito inteligente da sua parte, meu querido, mas como Raymond sempre fala (de um jeito muito respeitoso, porque ele é o mais amável dos sobrinhos), eu sou uma antiquada incorrigível. Admiro o sr. Alma-Tadema e o sr. Frederic Leighton, mas suspeito que para vocês eles pareçam bastante *vieux jeu* [\[5\]](#). Agora, deixe-me ver, o que eu estava falando? Ah, sim, que eu não queria parecer vaidosa. Mas não pude evitar de me sentir um tantinho satisfeita comigo mesma, porque apenas utilizando um pouco o senso comum, acredito que de fato solucionei um problema que havia confundido mentes mais espertas do que a minha. Embora, sem dúvida, devia ter imaginado que a coisa toda era *óbvia* desde o começo...

Bem, vou contar-lhes minha historinha, e se acharem que estou tentando ser convencida em relação a isso, devem lembrar-se de que pelo menos ajudei um ser humano que estava numa situação muito angustiante.

A primeira vez que soube desse caso foi numa noite, cerca de nove horas, quando Gwen (lembra-se de Gwen, minha criada ruiva?), bem, Gwen apareceu e me disse que o sr. Petherick e um cavalheiro tinham vindo me ver. Gwen, de modo adequado, tinha acomodado os dois na sala de visitas. Eu estava sentada na sala de jantar, porque, no início da primavera, acho um desperdício e tanto ter duas lareiras acesas.

Pedi a Gwen para trazer o licor de cereja e umas taças, e passei depressa para a sala de visitas. Não sei se vocês se lembram do sr. Petherick? Morreu há dois anos, mas foi meu amigo durante muito tempo e também tomava conta de toda minha vida burocrática. Um homem muito astuto e um advogado muito inteligente. O filho dele cuida dos meus documentos agora, um rapaz muito bom e muito atualizado, mas de algum modo não tenho a mesma *confiança* que tinha com o sr. Petherick.

Expliquei ao sr. Petherick sobre as lareiras, e ele disse, sem pestanejar, que iria para a sala de jantar junto com seu amigo. E então apresentou-me o amigo, o sr. Rhodes. Era um homem bastante jovem, não mais que quarenta anos, e eu sabia, desde o início, que havia algo muito errado. O jeito dele era muito *peculiar*. Diria até que era *rude*, caso não soubesse que o pobre homem estava sob pressão.

Quando sentamos na sala de jantar e Gwen trouxe o licor de cereja, o sr. Petherick explicou o motivo da visita.

– Miss Marple – disse –, perdoe um velho amigo por tomar essa liberdade. Vim aqui para uma consulta.

Não consegui entender o que ele queria, e ele continuou:

– No caso de uma doença, uma pessoa tem dois pontos de vista, o do especialista e o do médico de família. É de praxe considerar o primeiro como o mais correto, mas não tenho certeza se concordo. O especialista tem experiência apenas na sua própria especialidade. O médico de família tem, talvez, menos conhecimento, mas uma vasta experiência.

Sabia bem o que ele queria dizer, porque, não muito antes, uma de minhas jovens sobrinhas tinha corrido para levar o filho a um especialista muito indicado para doenças de pele, sem consultar o médico da família, que ela considerava um velho decrépito, e o especialista tinha indicado um tratamento muito caro. E aí mais tarde descobriu-se que tudo que a criança tinha era uma forma pouco comum de sarampo.

Apenas mencionei isso, embora tenha pavor a *desviar do assunto*, para mostrar que eu entendia o ponto de vista do sr. Petherick, mas eu continuava sem nenhuma ideia do que ele estava tentando dizer.

– Se o sr. Rhodes está doente... – disse e parei, porque o pobre homem deu uma risada horrenda.

Ele falou:

– Acho que vou morrer por enfraquecimento dentro de poucos meses.

Em seguida tudo veio à tona. Havia ocorrido um caso de assassinato recente em Barnchester, uma cidade a cerca de trinta quilômetros de distância. Receio que não dei muita atenção a isso na época, porque havia bastante agitação na vila em função da nossa enfermeira domiciliar, e eventos externos como um terremoto na Índia ou um assassinato em Barnchester, embora, claro, fossem de fato muito mais importantes, foram deixados de lado pelos nossos pequenos acontecimentos locais. Receio que as vilas sejam assim. Apesar disso, *me lembrava* de ter lido sobre uma mulher que havia sido apunhalada num hotel, embora não recordasse o nome dela. Mas, então, parecia que essa mulher era a esposa do sr. Rhodes, e como se não bastasse ele estava sob suspeita de tê-la assassinado.

Tudo isso foi explicado para mim pelo sr. Petherick, de modo bastante claro, dizendo que, embora o júri tenha chegado ao veredito de assassinato por uma ou mais pessoas desconhecidas, o sr. Rhodes tinha razões para acreditar na probabilidade de ser preso dentro de poucos dias, e tinha ido ao sr. Petherick e se colocado nas mãos dele. O sr. Petherick prosseguiu, dizendo que naquela tarde eles consultaram sir Malcolm Olde, conselheiro real, e na hipótese de o caso ir a julgamento sir Malcolm defenderia o sr. Rhodes.

Sir Malcolm era um homem jovem, disse o sr. Petherick, tinha métodos muito modernos e havia recomendado certa linha de defesa. Mas essa linha de defesa não deixou o sr. Petherick satisfeito por completo.

– Veja, minha querida senhora – ele disse –, isso tem a ver com o que eu chamo de o ponto de vista do especialista. Dê a sir Malcolm um caso e ele verá apenas um aspecto, a linha de defesa mais plausível. Porém, mesmo a melhor linha de defesa pode ignorar por completo o que, para mim, é o ponto crucial. Ela não leva em consideração o que aconteceu de fato.

Em seguida ele continuou dizendo umas coisas muito queridas e lisonjeiras sobre a minha perspicácia, o meu discernimento e o meu conhecimento da natureza humana, e pediu permissão para me contar a história do caso, na esperança de que eu pudesse indicar alguma solução.

Pude perceber que o sr. Rhodes estava bastante cético quanto a minha ajuda e estava aborrecido por ter sido trazido aqui. No entanto, o sr. Petherick não se deu conta disso e prosseguiu relatando os fatos que se sucederam na noite de 8 de março.

O sr. e a sra. Rhodes haviam se hospedado no Crown Hotel, em Barnchester. A sra. Rhodes, que era, talvez, apenas um pouco hipocondríaca (assim deduzi pela fala cuidadosa do sr. Petherick), havia ido dormir logo após o jantar. Ela e o marido ocupavam quartos adjacentes com uma porta que os interligava. O sr. Rhodes, que estava escrevendo um livro sobre rochas pré-históricas, acomodou-se para trabalhar no quarto adjacente. Às onze horas da noite ele juntou seus papéis e preparou-se para ir deitar. Antes disso, foi só dar uma olhada no quarto da esposa para saber se ela não queria alguma coisa. Encontrou a luz acesa e a esposa estirada na cama, apunhalada na altura do coração. Ela estava morta há pelo menos uma hora, talvez mais. O que se segue foram os fatos depreendidos. Havia outra porta no quarto da sra. Rhodes que dava para o corredor. Essa porta estava fechada e trancada por dentro. A única janela do quarto estava fechada com um trinco. De acordo com o sr. Rhodes, ninguém havia entrado no quarto em que ele estava, exceto uma camareira com as garrafas de água quente. A arma encontrada na ferida foi um estilete, que estava sobre a penteadeira da sra. Rhodes. Ela tinha o costume de usá-lo para cortar o papel. Não havia impressões digitais nele.

A situação resumia-se a isso: ninguém além do sr. Rhodes e da camareira entraram no quarto da vítima.

Perguntei sobre a camareira.

– Essa foi a nossa primeira linha de investigação – respondeu o sr. Petherick. – Mary Hill é uma nativa. É camareira do Crown há dez anos. Parece não haver razão alguma para que ela cometesse um ataque repentino contra uma hóspede. De todo jeito, ela é muito bobinha, quase idiota. A versão dela nunca mudou. Ela trouxe a garrafa de água quente para a sra. Rhodes e disse que a hóspede estava sonolenta, quase caindo de sono. Para ser franco, não acredito que ela tenha cometido o crime, e tenho certeza de que nenhum júri acreditaria.

O sr. Petherick mencionou ainda uns poucos detalhes adicionais. No topo da escadaria do Crown Hotel há uma espécie de saleta, onde as pessoas sentam para tomar um café de vez em quando. Um corredor segue para a direita, e a última porta desse corredor é a mesma que dá acesso ao quarto ocupado pelo sr. Rhodes. O corredor em seguida vira de repente para a direita outra vez e a primeira porta, dobrando, é a porta do quarto da sra. Rhodes. Sendo assim, essas duas portas poderiam ser vistas por

testemunhas. A primeira porta, aquela do quarto do sr. Rhodes, que vou chamar de A, poderia ser vista por quatro pessoas: dois caixeiros viajantes e um casal de velhinhos que estava tomando café. De acordo com eles ninguém entrou nem saiu pela porta A, exceto o sr. Rhodes e a camareira. Quanto à outra porta no corredor B, havia um eletricista trabalhando lá e ele também jura que ninguém entrou nem saiu pela porta B, a não ser a camareira.

Era sem dúvida um caso interessante e curioso. À primeira vista parece que o sr. Rhodes *poderia* ter matado a esposa. No entanto, pude perceber que o sr. Petherick estava bastante convencido da inocência de seu cliente, e Petherick era um homem muito astuto.

Durante o inquérito, o sr. Rhodes contou uma história hesitante e vaga sobre uma mulher que tinha escrito cartas ameaçadoras para sua esposa. A história dele, deduzi, não foi nada convincente. Ao ser solicitado pelo sr. Petherick, explicou-se:

– Na verdade – ele disse –, nunca acreditei nisso. Pensei que Amy tivesse inventado aquilo.

A sra. Rhodes, inferi, era uma dessas mentirosas sonhadoras que passam a vida fantasiando tudo que lhes acontece. Conforme seu próprio cálculo, a quantidade de histórias que acontecia com ela em um ano era simplesmente inacreditável. Se ela desse um leve escorregão em uma casca de banana, era quase como ter escapado da morte por um triz. Se um abajur pegasse fogo, era resgatada de um prédio em chamas na situação de maior perigo da sua vida. Seu marido acostumou-se a dar um desconto nas suas declarações. A história que ela contou era de uma mulher cuja filha ela havia ferido num acidente de carro e que tinha jurado vingança contra ela. Bem, o sr. Rhodes havia ignorado isso. O incidente havia acontecido antes de ele se casar com a mulher, e, embora ela tivesse lido para ele cartas escritas numa linguagem estranha, ele suspeitava de que ela própria as tivesse escrito. Ela já havia feito coisa semelhante uma ou duas vezes antes. Era uma mulher de tendências histéricas, que sempre precisava de uma agitação.

Agora tudo isso me parece muito natural. Na verdade, temos uma jovem na vila que faz exatamente a mesma coisa. O perigo de pessoas assim é que, quando algo extraordinário realmente acontece com elas, ninguém acredita que estão sendo sinceras. Tenho a impressão de que foi

isso o que aconteceu nesse caso. Desconfiei que a polícia apenas achasse que o sr. Rhodes estivesse inventando aquela história inverossímil a fim de afastar as suspeitas dele.

Perguntei se havia mais alguma mulher hospedada por conta própria no hotel. Parecia haver duas: a sra. Granby, uma viúva meio inglesa meio indiana, e a srta. Carruthers, uma solteirona com estilo caipira que não pronunciava os “g”. O sr. Petherick acrescentou que os interrogatórios não conseguiram apontar ninguém que tivesse visto uma delas perto da cena do crime, e não havia nada que as conectasse de alguma maneira com o ocorrido. Pedi-lhe que descrevesse a aparência física delas. Ele disse que a sra. Granby tinha o cabelo ruivo e desarrumado, o rosto amarelado e cerca de cinquenta anos. As roupas dela eram bastante pitorescas, feitas basicamente de seda natural, etc. A srta. Carruthers tinha por volta de quarenta anos, usava um pincenê, tinha cabelos bem curtos como os de um homem e vestia casacos masculinos e saias.

– Meu Deus – eu disse –, isso torna as coisas muito difíceis.

O sr. Petherick olhou para mim com ar interrogativo, mas eu não quis dizer nada além disso. Depois perguntei o que sir Malcolm Olde tinha dito.

Sir Malcolm estava confiante sobre a possibilidade de alegar insanidade mental e sugerir algum jeito de lidar com o problema da impressão digital. Perguntei ao sr. Rhodes o que ele achava e ele respondeu que todos os médicos eram trouxas, mas ele próprio não podia de modo algum acreditar que sua esposa havia cometido suicídio.

– Ela não era esse tipo de mulher – disse de modo simples.

E eu acreditei nele. Pessoas histéricas não costumam cometer suicídio.

Pensei por uns instantes, e então perguntei se a porta do quarto da sra. Rhodes dava direto no corredor. O sr. Rhodes respondeu que não, havia um pequeno saguão com um banheiro e um lavabo. Era a porta do quarto para o saguão que estava fechada e trancada por dentro.

– Nesse caso – disse –, a coisa toda parece bastante simples.

E *era mesmo*, sabe... a coisa mais simples do mundo. Ainda assim ninguém parecia enxergar isso.

Tanto o sr. Petherick quanto o sr. Rhodes estavam me encarando com olhos tão arregalados que me senti um tanto desconcertada.

– Talvez – disse o sr. Rhodes – Miss Marple não tenha percebido as dificuldades.

– Sim – disse –, acho que percebi. Há quatro possibilidades. Ou a sra. Rhodes foi assassinada pelo marido, ou pela camareira, ou cometeu suicídio, ou foi morta por um estranho que ninguém viu entrar nem sair.

– E isso é impossível – o sr. Rhodes interrompeu. – Ninguém poderia entrar nem sair do meu quarto sem que eu visse, e ainda que alguém conseguisse entrar no quarto da minha esposa sem que o electricista visse, que diabo essa pessoa fez para conseguir sair outra vez deixando a porta fechada e trancada por dentro?

O sr. Petherick olhou para mim e falou de forma encorajadora:

– E aí, Miss Marple?

– Gostaria – disse – de fazer uma pergunta. Sr. Rhodes, qual era o aspecto da camareira?

Ele respondeu que não tinha certeza; achava que era meio alta, não lembrava se tinha pele clara ou escura. Olhei para o sr. Petherick e fiz a mesma pergunta.

Ele disse que ela tinha altura mediana, cabelos louros, olhos azuis e a pele um tanto rosada.

O sr. Rhodes falou:

– É um observador melhor do que eu, Petherick.

Atrevi-me a discordar. Então perguntei ao sr. Rhodes se poderia descrever a criada da minha casa. Nem ele nem o sr. Petherick souberam responder.

– Não veem o que isso significa? – perguntei. – Os senhores vieram aqui cheios de seus problemas particulares, e a pessoa que os recebeu era apenas uma *criada*. O mesmo aconteceu com o sr. Rhodes no hotel. Ele viu o uniforme dela e o avental. Estava com a atenção toda voltada para o trabalho dele. No entanto, o sr. Petherick interrogou a mesma mulher numa situação diferente. Olhou para ela como uma *pessoa*. Foi com isso que a mulher que cometeu o assassinato contou.

Como eles continuavam sem entender, tive que explicar.

– Acho – disse – que foi assim que aconteceu. A camareira entrou pela porta A, passou pelo quarto do sr. Rhodes em direção ao quarto da sra. Rhodes com a garrafa de água quente, e saiu para o corredor B através do saguão. X, assim vou chamar nossa assassina, entrou pela porta B para o

pequeno saguão, escondeu-se ali... bem, em um certo compartimento... e esperou até a camareira passar. Então ela entrou no quarto da sra. Rhodes, pegou o estilete na penteadeira... sem dúvida ela havia examinado o quarto mais cedo naquele dia... caminhou até a cama, perfurou a mulher sonolenta, limpou a lâmina do estilete, fechou e trancou a porta pela qual havia entrado e, depois, saiu pelo quarto onde o sr. Rhodes estava trabalhando.

O sr. Rhodes gritou:

– Mas eu a teria *visto*. O eletricista a teria visto entrar.

– Não – rebati. – É aí que o senhor se engana. O senhor não a veria... *não se ela estivesse vestida como uma camareira*.

Deixei aquilo assentar e em seguida continuei:

– O senhor estava concentrado no seu trabalho... com o canto do olho o senhor viu uma camareira entrar, ir para o quarto da sua esposa, voltar e sair. Era o mesmo *uniforme*, mas não a mesma mulher. Isso foi o que o pessoal que tomava café viu, uma camareira entrar e uma camareira sair. Foi o mesmo que o eletricista viu. Ouso dizer que se a camareira fosse muito bonita, um cavalheiro teria notado seu rosto, a natureza humana é assim, mas se ela era apenas uma simples mulher de meia-idade, bem... era o uniforme de camareira o que seria visto, não a mulher em si.

O sr. Rhodes gritou:

– Quem era ela?

– Bem – disse – isso vai ser um pouco difícil. Pode ter sido tanto a sra. Granby quanto a srta. Carruthers. A sra. Granby dá a impressão de usar sempre uma peruca, então ela pode ter usado o próprio cabelo para se passar de camareira. Por outro lado, a srta. Carruthers, com seu corte masculino de cabelos curtos, poderia sem dificuldade colocar uma peruca para cumprir seu papel. Arrisco dizer que os senhores vão descobrir qual delas foi de uma forma bastante fácil. Em minha opinião, estou inclinada a pensar que foi a srta. Carruthers.

E de fato, meus queridos, esse é o final da história. Carruthers era um nome falso, mas era ela a mulher que procuravam. Havia desequilibrados na sua família. A sra. Rhodes, que era uma motorista muito imprudente e perigosa, havia atropelado a garotinha dela, e isso tinha deixado a mulher fora de controle. Ela disfarçava sua loucura muito bem, exceto quando escrevia cartas claramente insanas para sua pretensa vítima. Ela vinha perseguindo a sra. Rhodes há algum tempo, e traçou seus planos de forma

muito inteligente. A primeira coisa que fez na manhã seguinte foi despachar a peruca e o uniforme de criada. Quando confrontada com a verdade, ela sucumbiu e confessou de uma vez. A pobre coitada está agora em Broadmoor. Nem um pouco equilibrada, claro, mas um crime arquitetado de forma muito inteligente.

O sr. Petherick veio me visitar depois e me trouxe uma carta muito querida do sr. Rhodes; na verdade a carta me fez enrubescer. Em seguida meu velho amigo me disse:

– Só uma coisa, por que a senhora achou que estava mais para ser Carruthers do que Granby? A senhora nunca viu nenhuma das duas.

– Bem – respondi –, foi por causa dos “g”. O senhor disse que ela engolia os “g”. Sei que isso é feito por muitos caçadores nos livros, mas não conheço muitas pessoas que façam isso na vida real... com certeza nenhuma com menos de sessenta anos. O senhor disse que essa mulher tinha quarenta anos. Aqueles “g” não pronunciados pareciam coisa de uma mulher que estava atuando e fingindo aquilo.

Não vou contar a vocês o que o sr. Petherick disse sobre isso, mas ele foi muito lisonjeiro e não pude evitar sentir-me um tantinho satisfeita comigo mesma.

E é impressionante como as coisas sempre acabam da melhor forma neste mundo. O sr. Rhodes casou-se outra vez... uma garota tão legal e sensata... e eles tiveram um bebezinho lindo e, adivinhem só, me chamaram para ser a madrinha. Não foi carinhoso da parte deles?

Bem, espero que vocês não pensem que me alonguei demais...

A BONECA DA MODISTA

I

A boneca estava sobre a enorme poltrona de veludo. Não havia muita luz na peça; o céu de Londres estava escuro. Na suave penumbra, de um cinza esverdeado, as cobertas e as cortinas e os tapetes combinavam entre si, todos mantendo uma tonalidade sóbria de verde. A boneca também combinava com o cenário. Estava estendida, frouxa, bem espalhada em suas roupas de veludo verde, com sua touquinha feita do mesmo material, a face pintada. Ela era uma boneca de estimação, um capricho de mulheres ricas, a boneca refestelada ao lado do telefone, ou entre as almofadas do divã. Esparramava-se por ali, eternamente imóvel, mas estranhamente viva. Parecia um produto decadente do século XX.

Sybil Fox, entrando às pressas com alguns tecidos e croquis, olhou para a boneca com uma discreta sensação de surpresa e espanto. Ficou um pouco confusa, mas qualquer que tenha sido a natureza de sua confusão, não chegou à consciência. Em vez disso, perguntou a si mesma, “bem, o que aconteceu com o tecido de veludo azul? Onde o coloquei? Tenho certeza de que ele estava por aqui”. Foi até o patamar da escada e disse em direção à sala de trabalho:

– Elspeth, Elspeth, o tecido azul está por aí? A sra. Fellows-Brown estará aqui a qualquer momento.

Voltou a entrar na peça, acendendo as luzes. Novamente lançou um olhar para a boneca. “Mas que diabos, onde pode estar esse... Ah, aqui está.” Recolheu o tecido de onde ele caíra de suas mãos. Houve o costumeiro estalar do lado de fora, vindo do patamar, sinal de que o elevador fizera uma parada, e, depois de um ou dois minutos, a sra. Fellows-Brown, acompanhada de seu pequinês, entrou ofegante na peça,

mais parecendo um trem barulhento que chegava a uma estação pouco movimentada.

– Vai vir uma chuvarada – ela disse –, uma água daquelas.

Desfez-se de suas luvas e de um casaco de pele. Alicia Coombe entrou. Nos últimos tempos, não era sempre que vinha, somente quando alguma cliente especial aparecia, o que por certo era o caso da sra. Fellows-Brown.

Elsbeth, a encarregada da sala de costura, desceu com o vestido, e Sybil o passou pela cabeça da sra. Fellows-Brown.

– Aí está – ela disse –, acho que ficou bom. Sim, com certeza, acertamos em cheio.

A sra. Fellows-Brown ficou de lado e olhou-se no espelho.

– Devo confessar que suas roupas realmente dão um jeito de esconder a minha bunda – ela disse.

– Você está muito mais magra do que estava três meses atrás – garantiu-lhe Sybil.

– Para ser sincera, não – disse a sra. Fellows-Brown –, embora eu deva dizer que *pareço* mais magra neste vestido. Há alguma coisa no corte de vocês que realmente diminui a minha bunda. É quase como se eu não tivesse bunda nenhuma, quero dizer, como se tivesse uma como a maioria das pessoas tem.

Ela suspirou e cuidadosamente alisou a parte problemática de sua anatomia.

– Isso sempre foi uma dificuldade para mim – ela continuou. – Claro, por muitos anos eu consegui entrar nos vestidos, vocês sabem, esticando bem a parte da frente. Bem, mas agora isso não funciona mais, porque minha barriga está tão grande quanto a parte de trás. E bem, quero dizer, não se pode apertar dos dois lados, não é mesmo?

Alicia Coombe disse:

– A senhora deveria ver algumas das minhas clientes!

A sra. Fellows-Brown desfilou com o vestido para lá e para cá.

– Ter barriga é pior do que ter uma bunda grande – ela disse. – Aparece mais. Ou talvez a gente tenha essa impressão porque, quero dizer, quando estamos falando com as pessoas a gente está olhando para elas de frente, ou seja, elas não podem ver nossa bunda, mas podem ver nossa

barriga. Seja o que for, decidi que é melhor apertar a barriga e deixar a bunda como está.

Ela estendeu o pescoço e o girou ainda mais, e então, de súbito, disse:

– Oh, essa boneca de vocês! Ela me dá arrepios. Há quanto tempo a tem?

Sybil lançou um olhar incerto para Alicia Coombe, que parecia confusa, mas não muito preocupada.

– Não lembro bem... acho que já faz algum tempo. Não sou boa em lembrar das coisas. Ando cada vez pior, simplesmente *não consigo* lembrar de nada. Sybil, há quanto tempo nós a temos?

Sybil disse com rapidez:

– Não sei.

– Bem – disse a sra. Fellows-Brown –, ela *me* deixa arrepiada. Bizarro! Parece que ela está nos observando, sabe, e talvez até rindo debaixo daquelas mangas de veludo. Eu me livraria dela se fosse vocês. – Tremeu de leve, então passou novamente a tratar dos detalhes da confecção do vestido. Deveria ou não encurtar um pouquinho mais as mangas? Depois que todos esses pontos importantes foram decididos de modo satisfatório, a sra. Fellows-Brown voltou a vestir sua própria roupa e se preparou para sair. Ao passar pela boneca, virou novamente a cabeça.

– Não – ela disse –, eu *não* gosto dessa boneca. É como se *pertencesse* à casa. Isso não é saudável.

– O que será que ela quis dizer com isso? – perguntou Sybil, assim que a sra. Fellows-Brown desceu as escadas.

Antes que Alicia Coombe pudesse responder, a sra. Fellows-Brown retornou, enfiando a cabeça pela porta.

– Meu bom Deus, esqueci completamente de Fou-Ling. Onde está você, queridinho? Bem, vejam só!

Ela fixou os olhos, assim como as outras duas mulheres. O pequinês estava sentado na poltrona de veludo verde, o olhar cravado na boneca estirada. Não havia qualquer expressão em seus olhinhos saltados, fosse de prazer ou ressentimento. Ele estava apenas olhando para o objeto.

– Vem cá, queridinho da mamãe – disse a sra. Fellows-Brown.

O queridinho da mamãe não deu a mínima bola para ela.

– Ele está se tornando a cada dia mais desobediente – disse a sra. Fellows-Brown, com o ar de quem fosse capaz de catalogar virtudes. – *Vamos*, Fou-Ling. Hora do papazinho. Um figadozinho saboroso.

Fou-Ling moveu a cabeça alguns centímetros na direção de sua dona, então, cheio de desdém, voltou a apreciar a boneca.

– Ela certamente o impressionou – disse a sra. Fellows-Brown. – Não creio que ele a tivesse notado antes. *Eu* também não a tinha visto. Ela já estava aqui na última vez que eu vim?

As duas outras mulheres trocaram um olhar entre si. Sybil agora tinha o cenho franzido, e Alicia Coombe disse, enrugando a testa:

– Já lhe disse, simplesmente não consigo lembrar das coisas nos últimos tempos. Há quanto tempo a *boneca* está conosco, Sybil?

– De onde ela veio? – perguntou a sra. Fellows-Brown. – Vocês a compraram?

– Oh, não. – De algum modo a ideia a surpreendeu. – Oh, *não*. Acho que... acho que alguém deve ter me presenteado com ela. – Ela balançou a cabeça. – Isso é enlouquecedor! – exclamou. – Absolutamente enlouquecedor quando as coisas se apagam da sua cabeça logo depois de acontecer.

– Não seja estúpido, Fou-Ling – disse a sra. Fellows-Brown com rispidez. – Vamos. Terei que pegar você.

Ela o apanhou. Fou-Ling emitiu um curto latido como forma de agônico protesto. Saíram da peça com a cara de olhos esbugalhados voltada para trás, por sobre o tronco peludo, encarando ainda com enorme atenção a boneca sobre a poltrona...

– Aquela boneca ali – disse a sra. Groves – é de arrepiar os cabelos.

A sra. Groves era a faxineira. Ela acabara de limpar o chão, movendo-se como se fosse um caranguejo. Agora estava de pé e trabalhava vagarosamente na peça retirando o pó.

– Engraçado – disse a sra. Groves –, até ontem, eu nunca tinha reparado nela. E então fui pega de surpresa por ela, como se diz.

– Você não gosta dela? – perguntou Sybil.

– Confesso, sra. Fox, que ela me provoca arrepios – disse a faxineira. – Não é algo normal, se a senhora me entende. Essas pernas longas, o modo como ela se espalha por ali e o olhar penetrante cravado na gente. Não parece uma coisa saudável, é isso.

– Você nunca disse nada sobre ela antes – disse Sybil.

– Estou lhe dizendo, nunca tinha percebido a boneca, só notei hoje de manhã... É claro que eu sei que ela já estava há algum tempo por aí, mas...

– Ela parou e uma expressão de perplexidade passou rapidamente por seu

rosto. – Parece uma dessas coisas que a gente sonha à noite – ela disse e, juntando vários materiais de limpeza, se retirou da sala de prova, seguindo pelo patamar até a peça oposta.

Sybil parou diante da boneca. Uma expressão de espanto crescia em sua face. Alicia Coombe entrou e Sybil se voltou bruscamente.

– Srta. Coombe, há quanto tempo a *senhorita* tem essa criatura?

– O quê, a boneca? Minha querida, você sabe que não consigo lembrar de nada. Ontem, meu Deus, isso é tão ridículo!, eu estava indo assistir àquela palestra e não estava nem no meio do caminho quando descobri, de repente, que não conseguia lembrar para onde eu ia. Pensei e pensei. Finalmente disse para mim mesma: *deve* ser no Fortnums. Sabia que tinha algo importante para mim no Fortnums. Bem, você não vai acreditar, mas foi somente quando já estava em casa, tomando meu chá, que lembrei de fato da tal palestra. Claro, sempre escutei que as pessoas ficam gagás à medida que envelhecem, mas comigo está acontecendo muito rápido. Acabei de esquecer onde pus minha bolsinha, e também meus óculos. Onde foram parar esses malditos óculos? Estava com eles agora mesmo... Estava lendo alguma coisa no *Times*.

– Os óculos estão sobre a lareira – disse Sybil, alcançando-os a ela. – Como a senhorita conseguiu essa boneca? Quem lhe deu?

– Também isso não me vem, é um branco – disse Alicia Coombe. – *Alguém* me deu de presente ou a enviou para mim, acho... No entanto, ela parece combinar perfeitamente com a sala, não?

– Sim, me parece muito bem – disse Sybil. – O engraçado é que não consigo me lembrar da primeira vez que a vi.

– Por favor, não comece a seguir o mesmo caminho que eu – admoestou-a Alicia Coombe. – Afinal, você ainda é jovem.

– Mas é verdade, srta. Coombe, não consigo me lembrar. Quero dizer, olhei para ela ontem e achei que havia algo, como bem disse a sra. Groves, algo assustador nela. E então me dei conta que já havia pensado nisso, e então tentei me lembrar da primeira vez que tinha pensado nisso, e... bem, eu simplesmente não conseguia lembrar de nada! De certa maneira, era como se eu nunca a tivesse visto antes... só que uma sensação aqui dentro dizia o contrário. Era como se ela estivesse ali há um longo tempo, mas só agora eu a notasse.

– Talvez ela tenha entrado voando pela janela certo dia num cabo de vassoura – disse Alicia Coombe. – Seja como for, agora este é o seu lar. –

Ela deu uma olhada ao redor. – É difícil imaginar esta sala sem ela, não lhe parece?

– Pois é – disse Sybil, com um leve tremor –, mas eu gostaria de poder.

– O quê?

– Imaginar a sala sem ela.

– Será que estamos todas ficando malucas com a boneca? – perguntou Alicia Coombe com impaciência. – O que há de errado com a pobrezinha? Parece-me um repolho podre, mas talvez – ela acrescentou – porque eu esteja sem meus óculos. – Ela colocou-os no nariz e olhou fixamente para a boneca. – Sim – ela disse –, entendo o que você quer dizer. Ela é assustadora... Tem uma aparência triste, mas ao mesmo tempo parece astuta e bastante determinada.

– Engraçado – disse Sybil – a sra. Fellows-Brown ter sentido tanta aversão pela boneca.

– Ela é do tipo que não se importa em dizer o que lhe vem à cabeça – disse Alicia Coombe.

– Mas é estranho – insistiu Sybil – que essa boneca tenha lhe causado tão forte impressão.

– Bem, as pessoas às vezes sentem uma súbita antipatia pelas coisas.

– Talvez – disse Sybil com um risinho – essa boneca não estivesse aí até ontem... Talvez ela tenha entrado voando pela janela, como a senhorita diz, e tenha se acomodado ali.

– Não – disse Alicia Coombe –, tenho certeza que ela já está ali há algum tempo. Talvez ela só tenha ficado à vista ontem.

– É o que eu acho também – disse Sybil –, que ela já está ali há algum tempo... mas, por outro lado, não consigo lembrar de tê-la visto até ontem.

– Agora, querida – disse Alicia Coombe vigorosamente –, basta. Você está fazendo eu me sentir bastante estranha por causa disso, sinto uns arrepios subindo pela minha espinha. Você não vai começar com uma série de crendices e eventos sobrenaturais para explicar a criatura, vai?

Ela apanhou a boneca, deu-lhe uma chacoalhada, arrumou seus ombros e a fez sentar novamente sobre a poltrona. Sem demora a boneca deslizou um pouco e perdeu a postura.

– Não parece viva, de modo algum – disse Alicia Coombe, olhando para a boneca. – Ainda assim, de um modo engraçado, ela parece viva, não é?

II

– Ah, aquela coisa me perturba – disse a sra. Groves, enquanto percorria o salão de exposição, tirando o pó. – Perturba de tal maneira que tenho pavor de entrar na sala de prova.

– O que é que perturba você? – perguntou a srta. Coombe, que estava sentada na escrivaninha no canto da peça, ocupada com várias contas. – Essa mulher – ela acrescentou, mais para si mesma do que para a sra. Groves – acha que pode ter dois vestidos de noite, três vestidos de baile e um traje completo a cada ano sem me pagar um centavo sequer por eles! Realmente, cada uma que me aparece!

– É aquela boneca – disse a sra. Groves.

– O quê? Está falando de nossa boneca outra vez?

– Sim, sentada lá sobre a mesa, como se fosse gente. Ela me assusta demais!

– Do que você está falando?

Alicia Coombe se levantou, cruzou a sala, passou pelo patamar lá fora e entrou na sala oposta – o provador. Havia uma pequena mesa ao estilo Sheraton[6] num dos cantos, e lá, sentada numa cadeira, com os longos braços estendidos sobre o tampo, estava a boneca.

– Parece que alguém andou se divertindo – disse Alicia Coombe –, fazendo-a sentar dessa maneira. Realmente, ela parece bem natural.

Sybil Fox apareceu naquele momento, vinda do andar superior, trazendo um vestido que deveria ser provado naquela manhã.

– Venha aqui, Sybil. Veja a nossa boneca, sentada na minha mesa particular, agora ela escreve cartas.

As duas mulheres olharam a cena.

– Realmente – disse Alicia Coombe –, é ridículo! Me pergunto quem a colocou ali. Foi você?

– Não, não fui eu – disse Sybil. – Deve ter sido uma das garotas lá de cima.

– Uma brincadeira totalmente sem graça – disse Alicia Coombe. Ela tirou a boneca de cima da mesa e a colocou de novo no sofá.

Sybil acomodou com cuidado o vestido sobre uma cadeira, depois saiu e subiu mais uma vez para a oficina.

– Vocês já viram uma boneca – ela disse –, uma boneca de veludo que fica na sala da srta. Coombe, na sala de prova?

A encarregada da oficina e as três garotas a olharam.

– Sim, senhorita, claro que já vimos.

– Quem de brincadeira a colocou sentada na mesa hoje de manhã?

As três garotas olharam para ela, então Elspeth, a encarregada, disse:

– Sentada na mesa? Não fui *eu*.

– Nem eu – disse uma das garotas. – Foi você, Marlene?

Marlene negou com a cabeça.

– Não foi mesmo uma piadinha sua, Elspeth?

– Não, de jeito nenhum – disse Elspeth, uma mulher rígida, que parecia trazer a boca sempre cheia de alfinetes. – Tenho mais o que fazer do que ficar brincando com bonecas.

– Escutem – disse Sybil, e para sua surpresa sua voz tremia um pouco. – Foi uma ótima piada, isso foi, eu só quero saber quem foi que fez isso.

As três garotas se eriçaram.

– Já lhe dissemos, sra. Fox. Nenhuma de nós fez isso, certo, Marlene?

– Não fui eu – disse Marlene –, e se Nellie e Margaret disseram que não foram elas, bem, então não foi nenhuma de nós.

– Já dissemos o que sabíamos – disse Elspeth. – Do que se trata afinal, sra. Fox?

– Não pode ter sido a sra. Groves? – perguntou Marlene.

Sybil balançou a cabeça.

– Não pode ter sido a sra. Groves. Ela levou um senhor susto.

– Vou descer para ver isso com meus próprios olhos – disse Elspeth.

– Ela já não está mais lá – disse Sybil. – A srta. Coombe já a recolheu da mesa e a colocou de volta no sofá. Bem – ela fez uma pausa –, isso significa que alguém a sentou lá na escrivaninha achando que ia ser engraçado. É o que me parece. E... e eu não consigo entender por que a piadista não se entrega.

– Já lhe disse duas vezes, sra. Fox – disse Margaret. – Não sei por que a senhora insiste em nos acusar de mentirosas. Não faríamos uma brincadeira tola dessas.

– Me desculpem – disse Sybil. – Não queria incomodá-las. Mas... mas quem mais poderia fazer uma tontice dessas?

– Talvez ela tenha chegado até a mesa com suas próprias pernas – disse Marlene e deu uma risadinha.

Por alguma razão, Sybil não gostou do comentário.

– Na verdade nada disso faz sentido – ela disse, e voltou a descer as escadas.

Alicia Coombe murmurava faceira uma melodia. Olhou ao redor da sala.

– Perdi meus óculos de novo – ela disse –, mas não tem importância. Não quero ver nada neste momento. O problema, claro, é que quando alguém é tão cego como eu e perde seus óculos, a não ser que tenha um outro par para pôr enquanto procura o que está perdido, não poderá achá-los, porque simplesmente não enxerga nada.

– Eu vou dar uma olhada para a senhorita – disse Sybil. – Há pouco a senhorita ainda estava com eles.

– Fui até a outra peça quando você subiu. Acho que os deixei por lá.

Ela foi até a outra peça.

– Que chateação – disse Alice Coombe. – Quero fechar essas contas. Como posso fazer isso sem meus óculos?

– Vou lá em cima e pego seu par sobressalente no quarto – disse Sybil.

– Não tenho um segundo par aqui comigo – disse Alice Coombe.

– Por quê? O que aconteceu com ele?

– Bem, acho que o esqueci ontem quando fui almoçar. Já telefonei para lá, e também para as outras duas lojas em que estive.

– Ah, querida – disse Sybil –, acho que a senhorita precisa de três pares.

– Se eu tivesse três pares de óculos – disse Alicia Coombe – passaria o resto da vida procurando por eles. Acho mesmo que o melhor é ter apenas *um* par. Então é preciso procurar até encontrá-lo.

– Bem, deve estar em algum lugar – disse Sybil. – A senhorita só esteve nessas duas peças. Certamente não está aqui, então a senhorita deve tê-lo deixado na sala de prova.

Ela retornou, percorreu a peça, procurando com afinco. Finalmente, como último recurso, ela ergueu a boneca do sofá.

– Estão aqui – ela anunciou.

– Ah, você os encontrou, Sybil?

– Debaixo da preciosa boneca. Acho que a senhorita os tirou quando foi colocá-la de volta no sofá.

– Não. Tenho certeza que não.

– Oh – disse Sybil com exasperação. – Então acho que a boneca pegou os óculos e os estava escondendo da senhorita!

– Com certeza – disse Alicia, olhando pensativa para a boneca. – Sabe, eu não menosprezaria a capacidade dela. Parece uma boneca muito inteligente, não, Sybil?

– Não vou com a cara dela – disse Sybil. – Ela tem um ar de quem sabe alguma coisa que não sabemos.

– Você não acha que ela parece ter uma expressão um pouco triste e ao mesmo tempo doce? – perguntou Alicia Coombe apelativa, mas sem convicção.

– Não vejo qualquer doçura nela – disse Sybil.

– Pois é... talvez você esteja certa... Bem, vamos continuar nossas tarefas. Lady Lee estará aqui em dez minutos. Quero apenas terminar e despachar estas faturas.

III

– Sra. Fox? Sra. Fox?

– Sim, Margaret? – perguntou Sybil. – O que é?

Sybil estava ocupada, reclinada sobre a mesa, cortando um pedaço de cetim.

– Sra. Fox, é a boneca de novo. Fui descer o vestido preto como a senhora pediu e lá estava a boneca sentada na escrivaninha outra vez. E não fui eu que pus ela ali, não foi nenhuma de nós. Por favor, sra. Fox, nós não faríamos uma coisa dessas.

A tesoura de Sybil deslizou um pouco.

– Veja – ela disse zangada –, olha só o que você me fez fazer. Oh, bem, depois se dá um jeito. Agora, como é essa história da boneca?

– Ela está sentada na mesa outra vez.

Sybil foi até lá e entrou na sala de prova. A boneca estava sentada na cadeira do mesmo modo como já estivera antes.

– Você é muito determinada, não? – disse Sybil, falando com a boneca.

Ela a pegou sem cerimônia e devolveu-a ao sofá.

– Este é o seu lugar, minha garota – ela disse. – Fique aí.

Caminhou até a outra sala.

– Srta. Coombe.

– Sim, Sybil.

– Alguém *está* brincando conosco, sabe. A boneca estava sentada de novo na escrivaninha.

– Quem você acha que pode ser?

– Uma daquelas três lá de cima – disse Sybil. – Ela deve achar que é engraçado, decerto. Claro que todas elas juram que não têm nada a ver com isso.

– Quem você acha que é? Margaret?

– Não, acho que não é ela. Ela parecia bastante esquisita quando veio me falar. Apostaria na sorridente Marlene.

– De qualquer modo, é uma tolice completa fazer uma coisa dessas.

– Sim, claro, uma estupidez – disse Sybil. – No entanto – acrescentou com acidez –, vou pôr um fim nisso.

– O que fará?

– A senhorita já vai ver – disse Sybil.

Naquela noite, ao sair, ela chaveou a porta da sala de prova pelo lado de fora.

– Estou trancando esta porta – ela disse – e levando a chave comigo.

– Ah, entendo – disse Alicia Coombe, com um leve ar de divertimento. – Você começa a achar que sou eu, não é? Acha que estou tão atrapalhada que entro na sala a fim de escrever, mas em vez disso pego a boneca e a coloco na escrivaninha para escrever para mim. É essa a sua opinião? E depois eu me esqueço de tudo?

– Bem, é uma possibilidade – admitiu Sybil. – De toda maneira, tenho certeza de que nenhuma brincadeirinha acontecerá na sala esta noite.

Na manhã seguinte, com os lábios apertados, a primeira coisa que Sybil fez ao chegar foi destrancar a porta da sala de prova e entrar a largas passadas. A sra. Groves, com uma expressão injuriada, esfregão e espanador na mão, esperava no patamar.

– Veremos agora! – disse Sybil.

Então ela recuou com um fraco suspiro.

A boneca estava sentada na escrivaninha.

– Ui! – exclamou a sra. Groves às suas costas. – Que coisa estranha! Isso sim. Olhe para a senhora, sra. Fox, está muito pálida, como se tivesse visto uma assombração. A senhora precisa tomar alguma coisa. Será que a sra. Coombe não tem alguma coisa lá em cima?

– Estou bem – disse Sybil.

Caminhou até onde estava a boneca, levantou-a com cuidado e cruzou a sala com ela.

– Alguém está aplicando um truque na senhora outra vez – disse a sra. Groves.

– Não sei como alguém pode ter aplicado um truque em mim desta vez – disse Sybil devagar. – Tranquei a porta na noite passada. Você mesma sabe que não teria como alguém entrar aqui.

– Talvez alguém tenha outra chave – disse a sra. Groves, prestativa.

– Acho que não – disse Sybil. – Nós nunca nos preocupamos em trancar essa porta antes. É uma dessas chaves antigas e há somente uma delas.

– Talvez uma outra chave se encaixe, a chave da porta em frente.

Na sequência, elas testaram todas as chaves que havia na loja, mas nenhuma se encaixava na fechadura da sala de prova.

– Isso é estranho, srta. Coombe – disse Sybil mais tarde, enquanto almoçavam juntas.

Alicia Coombe parecia um bocado satisfeita.

– Minha querida – ela disse. – Acho isso simplesmente extraordinário. Creio que deveríamos escrever ao pessoal que desenvolve pesquisas psíquicas. Você sabe, eles talvez mandem um investigador, um médium ou algo assim para ver se há alguma coisa peculiar em relação à sala de prova.

– A senhorita não parece nem um pouco preocupada – disse Sybil.

– Bem, de certo modo, estou gostando disso – disse Alicia Coombe. – Quero dizer, na minha idade, é muito divertido quando coisas assim acontecem! Apesar disso, não... – acrescentou pensativa – ...não gosto do rumo que as coisas estão tomando. Quero dizer, essa boneca está saliente demais, não é verdade?

Naquela noite, Sybil e Alicia Coombe trancaram mais uma vez a porta pelo lado de fora.

– Continuo achando – disse Sybil – que alguém está fazendo uma piada conosco, embora, na verdade, eu não consiga entender por quê...

– Você acha que ela vai estar junto à escrivaninha amanhã de manhã? – perguntou Alicia.

– Sim – disse Sybil –, acho sim.

Mas as duas se enganaram. A boneca não estava na escrivaninha, estava sobre o peitoril da janela, olhando para a rua. E novamente havia uma extrema naturalidade em sua posição.

– É uma tolice, mas dá medo, não? – perguntou Alicia Coombe, enquanto tomavam uma rápida xícara de chá naquela tarde. Por consenso, elas não a mantinham na sala de prova, como de costume, mas na sala de Alicia Coombe, que ficava do outro lado.

– Tolicie em que sentido?

– Bem, quero dizer, não há nada com que se preocupar. É apenas uma boneca que está sempre num lugar diferente.

À medida que os dias avançavam, parecia cada vez mais fácil observar o fenômeno. Agora não era apenas à noite que a boneca se movia. A qualquer momento que entrassem na sala de prova, depois de terem se ausentado por alguns minutos, podiam encontrar a boneca num lugar diferente. Deixavam-na no sofá e a encontravam numa poltrona. Em outra oportunidade, ocupava uma poltrona diferente da anterior. Algumas vezes aparecia sentada no peitoril da janela, noutras, outra vez na escrivaninha.

– Ela se movimenta de acordo com a própria vontade – disse Alicia Coombe. – E eu *acredito*, Sybil, que isso a diverte.

As duas mulheres ficaram olhando para aquela figura inerte e espalhada em seu veludo macio e solto, com seu rosto de seda pintado.

– Alguns pedaços de veludo e seda e um pouco de tinta, só isso – disse Alicia Coombe. Sua voz trazia certa constrição. – Creio que nós poderíamos nos livrar dela.

– O que a senhorita quer dizer com nos livrar dela? – perguntou Sybil. Sua voz revelava um certo espanto.

– Bem – disse Alicia Coombe –, nós podíamos pô-la no fogo, se houvesse fogo. Queimá-la, quero dizer, como se fosse uma bruxa... Ou, claro – acrescentou sem rodeios –, poderíamos simplesmente jogá-la na lata do lixo.

– Não creio que isso seria uma boa ideia – disse Sybil. – Alguém provavelmente veria a boneca no lixo e a traria de volta para a gente.

– Poderíamos também mandá-la para algum lugar – disse Alicia Coombe. – Você sabe, para uma dessas sociedades que estão sempre escrevendo para pedir alguma coisa para vender ou pôr num bazar. Acho que essa é a melhor ideia.

– Não sei... – disse Sybil. – Ficaria quase com medo de fazer isso.

– Medo?

– Bem, acredito que ela poderia voltar – disse Sybil.

– Você está dizendo que ela poderia voltar para *cá*?

– Sim, é isso que estou dizendo.

– Acho que estamos cada vez mais dementes, não lhe parece? – disse Alicia Coombe. – Talvez eu realmente esteja gagá e você esteja apenas me divertindo, é isso?

– Não – disse Sybil. – Mas estou com uma terrível e assustadora sensação, sabe, uma horrível sensação de que ela é forte demais para a gente.

– O quê? Esse monte de trapos?

– Sim, essa horrível e molenga mistura de trapos. Porque, veja, ela está tão determinada.

– Determinada?

– A seguir seu próprio caminho! Quero dizer, este é o quarto *dela* agora.

– Sim – disse Alicia Coombe, olhando ao seu redor –, é isso, não é?, a cor das paredes e tudo mais... Acreditava que ela se adaptava à sala, mas é a sala que se adapta a ela. Devo dizer – acrescentou a modista, com um toque de vivacidade na voz – que é meio absurdo que uma boneca chegue e tome posse das coisas. Você sabe, a sra. Groves já não vem limpar esta peça.

– Ela disse ter medo da boneca?

– Não. Simplesmente dá as mais variadas desculpas. – Então Alicia acrescentou, com uma nota de pânico: – O que vamos fazer, Sybil? Isso está me atrapalhando, sabe? Não consigo desenhar um vestido sequer há semanas.

– Não consigo me concentrar decentemente nos cortes – confessou Sybil. – Cometo os erros mais tolos. Talvez – ela disse receosa – sua ideia de escrever para um centro de pesquisas psíquicas possa dar certo.

– Isto fará apenas com que façamos papel de idiotas – disse Alicia Coombe. – Quando eu disse aquilo não estava falando sério. Não, acho que

teremos que seguir em frente até que...

– Até que o quê?

– Oh, não sei – disse Alicia, e sorriu de modo incerto.

No dia seguinte, ao chegar, Sybil encontrou a porta da sala de prova trancada.

– Srta. Coombe, a senhorita tem a chave? Trancou a sala na noite passada?

– Sim – disse Alicia Coombe –, tranquei a porta e assim ela permanecerá.

– O que está dizendo?

– Que simplesmente desisti da peça. A boneca pode ficar com ela. Não precisamos de duas salas. Podemos nos virar com esta aqui.

– Mas é a sua sala de estar particular.

– Bem, não preciso mais dela. Tenho um ótimo quarto. Posso fazer uma sala de estar por lá, não?

– Está dizendo que não vai mais entrar na sala de prova? – perguntou Sybil com incredulidade.

– Exatamente.

– Mas... E quanto à limpeza? A peça ficará em péssimo estado.

– Que fique! – disse Alicia Coombe. – Se este lugar está sofrendo algum tipo de possessão por parte da boneca, tudo bem... deixe que ela mantenha suas posses. E que ela mesma limpe os seus aposentos. – E acrescentou: – Ela nos odeia, você sabe.

– O que está dizendo? – disse Sybil. – A boneca nos *odeia*?

– Sim – disse Alicia. – Você não sabia? Pois precisava saber. É impossível que não tenha percebido isso ao olhar para ela.

– Sim – disse Sybil de modo pensativo. – Acho que sim. Acho que senti isso desde o início... Ela sempre nos odiou, sempre quis que déssemos o fora daqui.

– É uma criaturinha maliciosa – disse Alicia Coombe. – Seja como for, ela deve estar satisfeita agora.

Depois disso, as coisas seguiram de maneira mais tranquila. Alicia Coombe anunciou às suas funcionárias que estava desativando momentaneamente a sala de prova, eram muitas salas para limpar e tirar o pó, explicou.

Mas isso mal pôde evitar que ela ouvisse, por acaso, naquela mesma noite, uma das garotas da oficina comentar à outra:

– Agora a srta. Coombe enlouqueceu de vez. Sempre achei ela um pouco estranha, o modo como esquecia ou perdia as coisas. Mas agora ela se superou, não? Foi longe essa história dela com a boneca lá de baixo.

– Oh, você não acha que ela enlouqueceu de verdade, não é? – perguntou a outra garota. – E se ela tentar nos matar a facadas?

As duas passaram, conversando, e Alicia sentou-se indignada em sua poltrona. Enlouquecendo! Então acrescentou com pesar para si mesma:

– Acho que se não fosse por Sybil, eu pensaria que estou mesmo ficando louca. Mas como tenho do meu lado Sybil e a sra. Groves, isso faz parecer que há *alguma coisa* acontecendo. Mas o que não tenho como saber é de que modo isso vai terminar.

Três semanas depois, Sybil disse para Alicia Coombe:

– Temos que entrar *de vez em quando* naquela sala.

– Por quê?

– Bem, quero dizer, ela deve estar numa terrível imundície. As traças devem estar tomando conta de tudo. Deveríamos ao menos tirar o pó e fazer uma faxina. Depois trancamos novamente.

– Eu preferia manter a peça fechada e não voltar a entrar – disse Alicia Coombe.

Sybil disse:

– Sabe, a senhorita é, de fato, ainda mais supersticiosa do que eu.

– Acho que sim – disse Alicia Coombe. – Estou muito mais disposta a acreditar nessas coisas do que você, mas, para começo de conversa, bem, eu acho esse acontecimento de certa maneira emocionante. Não sei. Simplesmente tenho medo, e prefiro não entrar naquela sala outra vez.

– Bem, eu quero entrar – disse Sybil –, e é o que farei.

– Sabe qual é o seu problema? – perguntou Alicia Coombe. – Você deixa que a curiosidade a domine completamente.

– Tudo bem, então sou curiosa. Quero ver o que a boneca fez.

– Continuo achando que é melhor deixá-la em paz – disse Alicia. – Agora que não entramos mais na sala, ela está satisfeita. O melhor que você pode fazer é deixá-la assim. – Deixou escapar um suspiro de exasperação. – Quanta tolice estamos dizendo!

– Sim, sei que o que estamos dizendo não faz nenhum sentido, mas se a senhorita quer me dar uma oportunidade de parar com essas tolices, passe-me a chave, vamos, agora.

– Tudo bem, tudo bem.

– Creio que a senhorita está com medo de que eu a deixe escapar ou algo assim. É mais fácil pensar que ela tem poderes para atravessar portas e janelas.

Sybill destrancou a porta e entrou.

– Nossa, isso é muito estranho – ela disse.

– O que é estranho? – disse Alicia Coombe, espiando por sobre o ombro da outra.

– Quase não há pó na sala, não é? Qualquer um pensaria que depois de todo esse tempo fechada...

– Sim, isso é mesmo estranho.

– Lá está ela – disse Sybill.

A boneca estava no sofá. Não estava estendida em sua tradicional posição relaxada. Sentava-se com aprumo, ereta, uma almofada apoiada atrás das costas. Por seu aspecto, presumia-se que era a dona da casa, à espera de suas visitas.

– Bem – disse Alicia Coombe –, ela parece estar em casa, não? Sinto-me quase na obrigação de lhe pedir desculpas por ter entrado dessa maneira.

– Vamos – disse Sybill.

Ela recuou, fechou a porta ao sair e voltou a passar a chave.

As duas mulheres se olharam.

– Gostaria de saber por que ela nos assusta tanto... – disse Alicia Coombe.

– Por Deus, quem não ficaria assustada?

– Bem, quero dizer, o que *acontece*, afinal? Se formos pensar bem, não acontece nada, ela não passa de uma boneca que se move de lá para cá na peça. Acredito que não seja a própria boneca, mas que ela esteja tomada por um *poltergeist*.

– Bem, *essa* parece ser uma boa ideia.

– Sim, mas não consigo acreditar nisso de verdade. Acho que é... que é mesmo aquela boneca.

– Tem *certeza* de que não sabe mesmo de onde ela veio?

– Não tenho a mais vaga ideia – disse Alicia. – E quanto mais penso nisso, mais me convenço de que não a compreí, e de que ninguém a deu para mim. Creio que ela... bem, que ela simplesmente apareceu.

– A senhorita acha que ela... que ela irá embora um dia?

– Na verdade – disse Alicia –, não sei por que ela iria... Ela tem tudo de que precisa.

Mas parecia que a boneca ainda não conseguira tudo de que precisava. No dia seguinte, quando Sybill entrou no salão de exposição, suspendeu a respiração com um suspiro súbito. Então dirigiu um chamado para o andar de cima.

– Srta. Coombe, srta. Coombe, venha até aqui.

– O que foi?

Alicia Coombe, que se levantara tarde, desceu as escadas, manquejando um pouco, pois sofria de reumatismo no joelho direito.

– O que está acontecendo, Sybil?

– Veja. Veja o que acaba de acontecer.

As duas pararam junto à porta do salão de exposição. Sentada no sofá, espaiada tranquilamente sobre um dos braços do móvel, estava a boneca.

– Ela conseguiu sair – disse Sybil –, *conseguiu escapar daquela peça!* Agora quer se adonar também do salão.

Alicia Coombe sentou na soleira da porta.

– No final – ela disse –, creio que ela vai querer se aposar da loja toda.

– É possível – disse Sybil.

– Sua criatura nojenta, ladina e maliciosa – disse Alicia, dirigindo-se à boneca. – Por que veio até aqui nos molestar dessa maneira? Não queremos você por aqui.

Tanto ela quanto Sybil tiveram a impressão de que a boneca se moveu de modo muito sutil. É como se seus membros se afrouxassem ainda mais. Um de seus longos braços estendia-se sobre o braço do sofá, e sua face semioculta parecia espiar por cima dele. Além disso, seu olhar tinha um aspecto dissimulado e malicioso.

– Criatura horrível – disse Alicia. – Já não posso suportá-la! Não consigo suportá-la mais um minuto sequer.

De repente, pegando Sybil completamente de surpresa, ela avançou pela sala, apanhou a boneca, correu até a janela, abriu-a e lançou a boneca no meio da rua. Sybil deixou escapar um pequeno grito e um suspiro.

– Oh, Alicia, a senhorita não devia ter feito isso! Tenho certeza de que não devia ter feito isso!

– Eu precisava fazer alguma coisa – disse Alicia Coombe. – Simplesmente não a aguentava mais.

Sybil juntou-se a ela à janela. Lá embaixo, no meio da calçada, estendia-se a boneca, os membros espalhados, a face voltada para o chão.

– A senhorita a *matou* – disse Sybil.

– Não seja ridícula... Como posso matar algo que é feito de veludo e seda, de fragmentos e pedaços. Não é real.

– É terrivelmente real – disse Sybil.

Alicia trancou a respiração.

– Céus. Aquela criança...

Uma criança maltrapilha estava junto da boneca na calçada. Ela olhou para um lado e para o outro da rua, uma rua que não estava excessivamente cheia àquela hora da manhã, embora houvesse algum tráfego de automóveis; então, como se estivesse satisfeita, a menina se curvou, apanhou a boneca e atravessou a rua correndo.

– Pare, pare! – gritou Alicia.

Ela se voltou para Sybil.

– Aquela criança não pode levar a boneca. *Não pode!* Aquela boneca é perigosa... é diabólica. Precisamos detê-la.

Não foram elas que a pararam. Foi o tráfego. Naquele momento três táxis vinham de um lado e dois furgões de comerciantes do outro. A criança estava isolada num espaço entre as duas faixas. Sybil desceu as escadas correndo, com Alicia Coombe atrás. Esquivando-se entre um furgão e um carro particular, Sybil, seguida de perto por Alicia Coombe, chegou no espaço em que estava a criança antes que ela pudesse vencer o tráfego e chegar até o outro lado.

– Você não pode ficar com essa boneca – disse Alicia Coombe. – Devolva-a para mim.

A criança olhou para ela. Era uma garotinha muito magra, de cerca de oito anos, com um leve estrabismo.

– Por que eu devo dar ela pra você? – ela disse. – Você jogou ela pela janela que eu vi... vi você jogando. Se você jogou ela pela janela é porque não queria a boneca. Então, agora ela é minha.

– Eu lhe compro outra – disse Alicia, desesperada. – Iremos até uma loja de brinquedos, qualquer uma que você quiser, e eu lhe comprarei a melhor boneca que você encontrar. Mas me devolva essa aí.

– Nada feito – disse a criança.

Seus braços envolveram protetoramente a boneca.

– Você *precisa* devolver essa boneca – disse Sybil. – Ela não pertence a você.

Ela se esticou para tomar a boneca da criança e naquele instante esta lhe pisou o pé, deu meia-volta e começou a gritar:

– Nada feito! Nada feito! Nada feito! Ela é minha. Eu amo ela. *Vocês* não amam ela. Vocês odeiam ela. Se vocês não odiassem ela, não tinham jogado ela pela janela. Eu amo ela, eu estou dizendo, e é isso que ela quer. Ela *quer* ser amada.

E então, como uma enguia deslizando por entre os veículos, a criança atravessou a rua, tomou uma ruela e saiu do alcance de visão das duas mulheres antes que elas pudessem decidir desviar dos carros para segui-la.

– Ela se foi – disse Alicia.

– Ela disse que a boneca queria ser amada – disse Sybil.

– Talvez – disse Alicia –, talvez fosse isso o que ela quisesse todo esse tempo... ser amada...

No meio do tráfego londrino, as duas mulheres se entreolharam assustadas.

ATRAVÉS DE UM ESPELHO SOMBRIO

Não tenho explicação para esta história. Não tenho teorias sobre o porquê de tudo isto. Simplesmente aconteceu.

Da mesma maneira, às vezes eu me pergunto como teriam sido as coisas se eu tivesse percebido naquele momento o detalhe essencial que só pude apreciar muitos anos depois. Se eu o *tivesse* percebido... bem, suponho que o destino de três vidas poderia ter sido completamente alterado. De algum modo, não deixa de ser um pensamento assustador.

Tudo começou quando tive que retornar no verão de 1914 – um pouco antes da guerra –, seguindo para Badgeworthy na companhia de Neil Carslake. Neil era, acredito, meu melhor amigo. Eu também tinha conhecido seu irmão Alan, mas não muito bem. Sylvia, a irmã deles, eu não conhecera. Ela era dois anos mais nova que Alan e três mais moça do que Neil. Por duas vezes, enquanto frequentávamos a mesma escola, eu deveria ter ido passar as festas com Neil em Badgeworthy, mas nas duas vezes imprevistos impediram que isso ocorresse. Foi dessa maneira que somente aos 23 anos é que acabei conhecendo a casa de Neil e Alan.

Teríamos uma festa das grandes por lá. Sylvia, a irmã de Neil, acabara de anunciar seu noivado com um sujeito chamado Charles Crawley. Ele era, como dizia Neil, um bocado mais velho do que ela, mas um camarada bastante decente e razoavelmente próspero.

Chegamos, lembro-me, por volta das sete da noite. Cada um tinha ido para seu respectivo quarto para trocar de roupa para o jantar. Neil indicou-me o meu. Badgeworthy era um velho e charmoso casarão. Anexos foram construídos livremente ao longo de três séculos, de modo que o casarão acabou cheio de pequenos desníveis para cima e para baixo, e escadas

surpreendentes. Era o tipo de habitação em que não é fácil se localizar. Lembro-me de Neil prometer vir me buscar para que descêssemos para jantar. Sentia-me um pouco tímido diante da perspectiva de encontrar seus familiares pela primeira vez. Recordo de dizer entre risadas que aquele era o tipo de casarão em que alguém esperava encontrar fantasmas pelos corredores, e ele disse, sem qualquer pudor, que acreditava que o lugar era assombrado, mas que nenhum deles jamais vira qualquer coisa, e que ele não sabia nem que forma um fantasma deveria ter.

Então ele se retirou e eu resolvi abrir minha mala para pegar as minhas roupas de noite. Os Carslakes não eram abastados; aferravam-se ao seu velho casarão, mas não tinham serviçais ou camareiros.

Bem, eu acabara de chegar ao estágio de dar o nó em minha gravata. Estava parado em frente ao espelho. Podia ver meu rosto e meus ombros e atrás deles a parede do quarto – uma parede plana, interrompida por uma porta posicionada bem no centro dela – e, enquanto terminava de ajeitar minha gravata, percebi que a porta se abria.

Não sei por que não me virei – creio que teria sido a atitude natural; de todo modo, não foi o que fiz. Fiquei apenas observando a porta se abrir devagar – e à medida que ela foi se abrindo, pude ver o quarto que ficava além dela.

Era um quarto – maior do que o meu – com duas camas, mas logo, porém, minha respiração se suspendeu: ao pé de uma das camas estava uma garota e ao redor de seu pescoço havia um par de mãos masculinas, e o homem a puxava devagar para trás, apertando sua garganta, de modo a sufocar a garota vagarosamente.

Não havia qualquer possibilidade de engano. Eu enxergava com clareza a situação. O que estava sendo cometido ali era um assassinato.

Podia ver com nitidez o rosto da garota, seus cabelos de um loiro vívido, o terror agonizante de sua bela face, ruborizada pouco a pouco pelo sangue. Do homem conseguia enxergar apenas as costas, as mãos e a cicatriz que corria de cima a baixo pela face esquerda até chegar ao seu pescoço.

Levou algum tempo para que eu me desse conta do que se passava, mas na realidade não foram mais do que alguns instantes de indecisão. Então me virei de súbito para salvá-la...

E na parede atrás de mim, a parede refletida no espelho, não havia mais do que um guarda-roupa vitoriano de mogno. Nenhuma porta aberta, nenhuma cena de violência. Voltei a olhar para o espelho. Em sua superfície refletia-se apenas o guarda-roupa...

Passei minhas mãos sobre os olhos. Então cruzei o quarto e tentei arredar o guarda-roupa para frente. Foi nesse momento que Neil entrou pela outra porta que vinha do corredor e me perguntou que diabos eu estava tentando fazer.

Deve ter me achado um tanto bizarro por lhe perguntar, quando me voltei para ele, se havia uma porta atrás daquele guarda-roupa. Ele disse, sim, havia uma porta aí atrás, ela dava para o quarto contíguo. Perguntei-lhe quem estava ocupando o quarto contíguo, e ele disse que eram os Oldams – um tal major Oldam e sua esposa. Perguntei-lhe então se a sra. Oldam tinha cabelos claros, e quando ele respondeu secamente que ela era morena comecei a perceber que muito provavelmente eu estava fazendo papel de palhaço com aquela história toda. Tratei de me recompor, arranjei alguma desculpa esfarrapada e depois descemos juntos. Disse a mim mesmo que eu devia ter sofrido algum tipo de alucinação – sentindo-me, de modo geral, bastante envergonhado e um bocado idiota.

E então... Neil disse: “Minha irmã Sylvia”, e eu olhava para o rosto adorável da garota que eu tinha visto ser sufocada até a morte... e logo fui apresentado ao seu noivo, um homem alto e moreno *com uma cicatriz que lhe corria por todo o lado esquerdo da face*.

Bem, aí estão os fatos. Gostaria que você pensasse ou dissesse o que faria se estivesse em meu lugar. Ali estava a garota – a mesma garota – e o homem que eu tinha visto sufocá-la – e os dois iriam se casar dentro um mês aproximadamente.

Tivera eu, ou não, uma visão profética do futuro? Será que Sylvia e o marido viriam para cá em algum momento no futuro e seriam alojados naquele quarto (o melhor quarto de hóspedes), fazendo com que a cena que eu havia testemunhado se realizasse em toda sua crueldade?

O que eu deveria fazer, afinal? Será que eu *poderia* fazer alguma coisa? Será que Neil ou a própria garota acreditariam em mim?

Não pensei em outra coisa durante toda a semana em que estive lá. Falar ou não sobre isso? E de modo quase instantâneo, outra complicação se apresentou. Veja você, apaixonei-me perdidamente por Sylvia Carslake no primeiro instante em que a vi... Desejava-a mais do que qualquer outra

coisa na face da Terra... E isso, de certa maneira, deixou-me de mão atadas.

E ainda assim, se eu não dissesse nada, Sylvia se casaria com Charles Crawley e então ele a mataria...

De forma que, um dia antes de minha partida, resolvi revelar tudo a ela. Disse-lhe que acharia normal se me considerasse com o intelecto prejudicado ou algo semelhante, mas lhe jurei solenemente que tinha visto as coisas da exata maneira como haveria de lhe contar e que se ela estava determinada a se casar com Crawley, eu tinha obrigação de lhe falar sobre minha estranha experiência.

Ela escutou em profundo silêncio. Havia algo em seus olhos que eu não conseguia compreender. Ela não estava nem um pouco furiosa. Assim que terminei, agradeceu-me com seriedade. Segui repetindo como um idiota, “Eu vi isso acontecer. Realmente vi”, e ela disse, “tenho certeza que sim, se você diz. Acredito em você.”

Bem, o resultado é que acabei indo embora sem saber se tinha feito a coisa certa ou agido como um idiota, e uma semana depois Sylvia rompeu o noivado com Charles Crawley.

Depois disso, estourou a guerra, e não havia muito tempo livre para pensar em qualquer outra coisa. Uma ou duas vezes, quando estava de licença, cruzei com Sylvia, mas, tanto quanto possível, acabei por evitá-la.

Eu a amava e a queria mais do que nunca, mas de algum modo sabia que não seria agir da maneira correta. Graças a mim ela havia rompido o noivado com Crawley, e eu não deixava de repetir para mim mesmo que só poderia justificar a ação que eu havia tomado se fizesse de minha atitude um gesto puramente desinteressado.

Então, em 1916, Neil foi morto e coube a mim contar a Sylvia sobre seus últimos momentos. Já não podíamos permanecer nos tratando com toda aquela formalidade. Sylvia adorava Neil e ele havia sido meu melhor amigo. Ela estava graciosa, adoravelmente graciosa em sua dor. Mal consegui segurar minha língua e parti outra vez, desejoso de que uma bala me encontrasse e pusesse fim a toda aquela situação miserável. A vida sem Sylvia não valia a pena ser vivida.

Mas não havia nenhuma bala endereçada a mim. Uma pegou de raspão debaixo do meu ouvido direito e outra foi desviada pela cigarreira em meu bolso, mas ao fim de tudo escapei ileso. Charles Crawley foi morto em combate no início de 1918.

De alguma maneira, isso fez a diferença. Voltei para casa no outono de 1918, um pouco antes do Armistício, e fui direto ao encontro de Sylvia para lhe revelar meu amor. Não tinha muitas esperanças de que ela fosse acolher de imediato meu sentimento, e você não poderia fazer ideia da minha surpresa quando ela me perguntou por que não havia lhe dito isso antes. Deixei escapar alguma coisa sobre Crawley e ela disse, “Mas por que você acha que terminei com ele?”, e então ela me revelou que havia se apaixonado por mim do mesmo modo que eu me apaixonara por ela – desde o primeiro instante.

Disse-lhe que eu achava que ela tinha rompido seu noivado por causa da história que eu lhe contara, e ela sorriu zombeteira e me disse que se você ama um homem, não o abandona assim tão covardemente, e então nós repassamos a minha visão e concordamos que era estranha, mas nada de mais.

Bem, depois disso, por um bom tempo nada de muito significativo aconteceu. Sylvia e eu nos casamos e fomos muito felizes. Mas percebi, tão logo tive a noção de que ela era realmente minha, que eu não fora talhado para ser o melhor tipo de marido. Amava Sylvia com devoção, mas eu era ciumento, absurdamente ciumento de qualquer um a quem ela dirigisse um mero sorriso que fosse. Isso a divertiu em um primeiro momento, chego a pensar que isso chegava inclusive a agradá-la. Era prova, afinal, da extensão do meu amor.

Quanto a mim, percebi de forma completa e inequívoca que não só fazia papel de tolo como também estava pondo em risco a paz e a felicidade de nossa vida conjugal. Eu sabia disso, confesso, mas não conseguia mudar. Cada vez que Sylvia recebia uma carta e não me mostrava, eu me atormentava sobre a identidade de quem a havia enviado. Se ela sorrisse e conversasse com qualquer homem, logo dava comigo mal-humorado e vigilante.

De início, como disse, Sylvia ria de mim. Achava que era uma grande brincadeira. Logo passou a não achar tão engraçada a brincadeira. Por fim, já não achava graça nenhuma...

E, aos poucos, começou a se afastar de mim. Não no sentido físico, mas começou a afastar sua intimidade de mim. Eu já não sabia quais eram seus pensamentos. Ela era gentil, mas infelizmente de um modo distante.

Gradualmente, percebi que ela não me amava mais. O amor dela morrera e tinha sido eu o seu assassino...

O passo seguinte foi inevitável, dei-me conta de que o esperava, temeroso...

Então Derek Wainwright entrou em nossas vidas. Ele tinha tudo o que eu não tinha. Era inteligente e dono de uma língua afiada. Ademais, tinha boa aparência, e – sou forçado a admitir – era um ótimo sujeito. Assim que o vi, disse para mim mesmo: “Está aí o homem certo para Sylvia...”.

Ela lutou contra isso. Sei que ela lutou... mas não lhe ofereci qualquer ajuda. Eu não podia. Estava mergulhado em minha melancólica e taciturna casmurrice. Eu sofria como o diabo – e não era capaz de estender um dedo sequer para me salvar. Não a ajudei. Piorei ainda mais as coisas. Certo dia, despejei sobre ela um ímpeto de cólera, selvagem e injustificada. As coisas que lhe disse foram cruéis e falsas e, enquanto eu as dizia, sabia o quão cruéis e falsas eram de fato. E ainda assim, senti um prazer brutal em dizer aquilo...

Lembro-me de como Sylvia ficou vermelha e se encolheu...

Levei-a ao limite de sua resistência.

Lembro-me que ela disse: “Isso não pode continuar...”.

Quando cheguei em casa naquela noite, encontrei-a vazia – totalmente vazia. Havia um bilhete – bem ao estilo tradicional.

Nele ela dizia que estava me deixando – para sempre. Havia seguido para Badgeworthy, para passar alguns dias. Depois disso, iria ao encontro de uma pessoa que a amava e que precisava dela. Eu devia aceitar sua decisão como definitiva.

Acho que até então eu não tinha realmente acreditado em minhas próprias suspeitas. Essa confirmação por escrito de meus piores medos me deixou terrivelmente possesso. Fui atrás dela em Badgeworthy o mais rápido que o carro pôde me levar.

Ela acabava de trocar o vestido para o jantar, lembro bem, quando invadi a peça. Posso ver sua face: surpresa, linda, assustada.

Eu disse: “Ninguém além de mim poderá tê-la. Ninguém”.

E eu a agarrei pelo pescoço e minhas mãos se aferraram à sua carne e eu a inclinei para trás.

Subitamente, vi nosso reflexo refletido no espelho. Sylvia prestes a sufocar e eu a estrangulá-la, a cicatriz em minha face onde a bala a havia marcado, abaixo da orelha direita.

Não, eu não a matei. Aquela repentina revelação me paralisou e fez com que afrouxasse os meus dedos, permitindo que o corpo dela deslizasse para o chão...

E então comecei a chorar – e ela me consolou... Sim, ela me consolou.

Eu lhe disse tudo o que sentia, e ela me disse que com a frase “uma pessoa que a amava e que precisava dela” estava se referindo ao seu irmão Alan... Abrimos nossos corações um para o outro naquela noite, e acho que, daquele momento em diante, jamais voltamos a nos separar...

É um pensamento edificante para se levar ao longo da vida – que, não fossem a graça de Deus e um espelho, alguém poderia se tornar um assassino...

Uma coisa de fato morreu naquela noite: o demônio do ciúme que me possuía por tanto tempo...

Mas às vezes me questiono: se eu não tivesse cometido o erro inicial – a cicatriz na face *esquerda*, quando de fato era na *direita* – em função da imagem refletida pelo espelho... Estaria eu tão certo de que o homem era Charles Crawley? Será que teria avisado Sylvia? Estaria ela casada comigo ou com ele?

Ou será que o passado e o futuro são um só?

Sou um sujeito simples – e não sei fingir que entendo dessas coisas. Tenho certeza apenas do que vi, e que, graças a essa visão, Sylvia e eu estamos juntos, à moda antiga: até que a morte nos separe. E talvez além...

A EXTRAVAGÂNCIA DE GREENSHAW

I

Os dois homens viraram a esquina de arbustos.

– Bem, aqui está – disse Raymond West. – É isso.

Horace Bindler respirou fundo, apreciando.

– Nossa – falou –, que maravilha!

A voz dele elevou-se num tom alto de deleite estético, e em seguida intensificou-se em admiração reverente.

– É inacreditável! De outro mundo! Uma obra histórica das melhores.

– Sabia que você ia gostar – disse Raymond West, de modo complacente.

– Gostar? Meu querido...

Faltaram palavras para Horace. Desatou a tira da sua câmera e manteve-se ocupado.

– Essa será uma das preciosidades da minha coleção – disse, alegre. – Acho, de verdade, que é muito mais divertido ter uma coleção de excentricidades, concorda? A ideia me surgiu certa noite, há sete anos, durante o banho. Minha última preciosidade real foi no Campo Santo de Gênova, mas acredito de fato que essa aqui bate aquela. Como se chama?

– Não tenho a menor ideia – respondeu Raymond.

– Suponho que tenha um nome, não?

– Deve ter. Mas o fato é que nunca foi referida por aqui como outra coisa além de a extravagância de Greenshaw.

– Greenshaw foi o homem que a construiu?

– Foi. Em 1860 ou 1870, por aí. O grande acontecimento local da época. Um garoto sem nada que construiu uma enorme fortuna. A opinião local divide-se quanto ao motivo que o levou a construir essa casa, se foi para mostrar a opulência da riqueza ou para impressionar seus credores.

No segundo caso não os impressionou. Ele foi à falência do mesmo jeito, ou quase isso. Daí o nome, a extravagância de Greenshaw.

A câmara de Horace disparou.

– Aqui está – disse com uma voz satisfeita. – Me lembre de lhe mostrar a número 310 da minha coleção. Uma inacreditável cornija de mármore em estilo italiano.

Acrescentou, olhando para a casa:

– Não consigo imaginar como o sr. Greenshaw concebeu tudo isso.

– Bastante óbvio em certos aspectos – observou Raymond. – Ele visitou os castelos do Loire, não acha? Aquelas torres pequenas e arredondadas. E também parece ter viajado pelo oriente. A influência do Taj Mahal é evidente. Prefiro o anexo mourisco – acrescentou – e os traços de um palácio veneziano.

– As pessoas devem se perguntar como ele conseguiu um arquiteto para executar essas ideias.

Raymond encolheu os ombros.

– Suponho que não teve dificuldade quanto a isso – rebateu. – É muito provável que o arquiteto tenha se aposentado com uma boa quantia para o resto da vida enquanto o pobre velho Greenshaw ia à falência.

– Podemos observá-la pelo outro lado? – perguntou Horace. – Ou estaríamos invadindo a propriedade?

– Já estamos invadindo – respondeu Raymond –, mas não acho que isso tenha importância.

Ele virou-se em direção à esquina da casa, e Horace foi atrás dele.

– Mas o que é essa casa, meu querido? Uma hospedaria, um orfanato? Não pode ser uma escola. Não há quadras de jogos nem capacidade suficiente.

– Ah, ainda há uma Greenshaw morando aqui – disse Raymond, olhando para trás. – A casa em si não foi à falência. O filho do velho Greenshaw a herdou. Ele era um tanto sovina e morou aqui, num canto da casa. Nunca gastou um centavo. É provável que nunca tenha tido um centavo para gastar. A filha dele mora aqui agora. Uma velha bastante excêntrica.

Enquanto falava, Raymond vangloriava-se por ter pensado na extravagância de Greenshaw como uma forma de entreter seu hóspede. Esses críticos literários sempre revelam o desejo de um fim de semana no interior, mas quando conseguem ir costumam achá-lo muito tedioso.

Amanhã teriam os jornais de domingo, e por hoje Raymond West estava satisfeito com a sugestão de um programa que enriqueceria a tão conhecida coleção de excentricidades de Horace Bindler.

Contornaram a esquina da casa e saíram num gramado mal cuidado. Em um dos cantos havia um jardim artificial de pedras e plantas, e curvada sobre ele havia uma figura que, ao avistá-la, Horace agarrou encantado o braço de Raymond.

– Meu querido! – exclamou. – Vê o que ela está usando? Um vestido estampado com enfeites de ramos. Igual ao de uma criada de quarto, na época em que havia criadas de quarto. Uma de minhas lembranças mais queridas é de uma casa no interior, quando eu não era mais que um garoto, e uma criada de quarto de verdade vinha lhe acordar de manhã, toda enfeitada com um vestido estampado e uma touca de rede. Sim, meu caro, sem dúvida, uma touca de rede. De musselina e com fitas. Não, talvez fosse a copeira que tivesse as fitas. Mas, de todo jeito, era uma criada de quarto de verdade e ela me trazia uma enorme vasilha de metal com água quente. Que dia formidável estamos tendo!

A figura de vestido estampado levantou-se e foi em direção a eles, com a espátula na mão. Sem dúvida era uma figura surpreendente. Cachos desgrehados de cabelo grisalho caíam ao acaso em seus ombros, um chapéu de palha muito semelhante ao usado pelos cavalos na Itália estava enfiado em sua cabeça. O vestido estampado colorido que vestia estendia-se até os tornozelos. Protegido do sol, um rosto um pouco sujo com olhos atentos examinava-os com cuidado.

– Devo me desculpar pela invasão, srta. Greenshaw – disse Raymond West, enquanto avançava em direção a ela –, mas o sr. Horace Bindler, que me acompanha...

Horace curvou-se e tirou o chapéu.

– ... é muito interessado em... hum... história antiga e... hum... belas construções.

Raymond West falou com a facilidade de um autor reconhecido que sabe que é uma celebridade e que pode aventurar-se em situações que outras pessoas não podem.

A srta. Greenshaw direcionou o olhar para a enorme exuberância atrás dela.

– *É* uma bela casa – disse, apreciando. – Meu avô a construiu, quando eu ainda nem era viva, claro. Contam que ele falou que pretendia surpreender os nativos.

– Diria que ele conseguiu, senhora – disse Horace Bindler.

– O sr. Bindler é um crítico literário de renome – informou Raymond West.

Ficou claro que a srta. Greenshaw não tinha veneração alguma por críticos literários. Ela permaneceu indiferente.

– Considero-a – disse a srta. Greenshaw referindo-se à casa – um monumento à genialidade de meu avô. Uns idiotas tolos vêm aqui e me perguntam por que não vendo a casa e vou morar num apartamento. O que *eu* faria num apartamento? É minha casa e moro nela – disse a srta. Greenshaw. – Sempre morei aqui – refletiu, pensando sobre o passado. – Havia três de nós. Laura casou-se com o pároco auxiliar. Papai não lhe deu dinheiro algum, dizia que os clérigos não deviam ser apegados às coisas mundanas. Ela morreu ao dar à luz. O bebê também não sobreviveu. Nettie fugiu com o professor de equitação. Papai tirou-a do seu testamento, claro. Um sujeito bonito, Harry Fletcher, mas ruim. Não acho que Nettie tenha sido feliz com ele. De todo jeito, ela não viveu muito. Tiveram um filho. Ele me escreve às vezes, mas claro que não é um Greenshaw. *Eu* sou a última Greenshaw.

Ergueu os ombros curvados com certo orgulho e endireitou a aba desfeita do chapéu de palha. Em seguida, virando-se, disse atenta:

– Sim, sra. Cresswell, o que é?

Saindo da casa e aproximando-se deles surgiu uma figura que, vista lado a lado com a srta. Greenshaw, parecia diferente em todos os aspectos. A sra. Cresswell tinha os cabelos penteados de forma impecável, levantados para cima com elegância, enrolados de forma meticulosa em cachos. Era como se tivesse arrumado o cabelo para ir a uma festa de gala tal qual uma marquesa da França. De resto, a figura de meia-idade vestia algo parecido a uma seda preta macia, mas era na verdade uma variedade brilhante de seda artificial. Embora não fosse gorda, tinha o busto farto e proeminente. Quando falou, de súbito sua voz ecoou grave. Falava com uma dicção diferente. Uma leve hesitação ao pronunciar palavras iniciadas com “s” ou que tivessem o som de “s” no meio delas levantava a suspeita de que em algum período remoto da sua juventude devia ter tido problemas com esse fonema.

– O peixe, senhora – disse a sra. Cresswell –, as postas de bacalhau. Não vieram. Pedi a Alfred para buscá-las, mas ele se recusa a fazer isso.

Sem que ninguém esperasse, a srta. Greenshaw deu uma gargalhada.

– Ele se recusa, é?

– Senhora, Alfred tem sido muito desobediente.

De repente, a srta. Greenshaw levantou dois dedos sujos de terra até os lábios, emitiu um assobio estridente e logo depois berrou:

– Alfred. Alfred, venha aqui.

Virando a esquina da casa, um jovem apareceu em resposta à chamada, carregando uma pá na mão.

Tinha um rosto bonito e valente. Ao se aproximar, lançou um olhar claramente malévolos para a sra. Cresswell.

– A senhorita me chamou? – indagou.

– Sim, Alfred. Soube que você recusou-se a ir buscar o peixe. O que está acontecendo?

Alfred respondeu com uma voz aborrecida.

– Vou buscá-lo, se é isso que quer, senhorita. É só dizer.

– Pois eu quero. Quero peixe na minha janta.

– Como quiser, senhorita. Vou agora mesmo.

Dirigiu um olhar insolente para a sra. Cresswell, que enrubesceu e murmurou entre os dentes:

– Nossa! Insuportável!

– Agora, tenho que falar – disse a srta. Greenshaw –, uma dupla de visitantes desconhecidos é exatamente o que precisamos, não acha, sra. Cresswell?

A sra. Cresswell pareceu confusa.

– Como, senhora...

– Para você-sabe-o-quê – disse a srta. Greenshaw, balançando a cabeça de modo afirmativo. – Os beneficiários de um testamento não podem servir de testemunhas dele. Não é isso?

Ela voltou-se para Raymond West.

– Isso mesmo – confirmou Raymond.

– Conheço o bastante sobre leis para saber isso – disse a srta. Greenshaw. – E os senhores são homens de reputação.

Ela jogou a espátula na cesta.

– Gostariam de vir até a biblioteca comigo?

– Adorariamos – respondeu Horace, ansioso.

Fizeram o caminho passando pelas janelas francesas e por uma ampla sala de visitas amarelo-dourada, com brocados desbotados nas paredes e uma camada de poeira cobrindo os móveis. Depois passaram por um grande corredor escuro, subiram as escadas e entraram num cômodo, no primeiro andar.

– A biblioteca do meu avô – anunciou.

Horace olhou em volta da biblioteca com um prazer enorme.

Do ponto de vista dele, era um cômodo repleto de excentricidades. Cabeças de esfinges surgiam nas mais improváveis partes dos móveis, havia uma estátua de bronze colossal, que representava, deduziu, Paulo e Virgínia, e um relógio de bronze enorme com adornos clássicos dos quais ele desejava tirar fotos.

– Uma boa coleção de livros – disse a srta. Greenshaw.

Raymond já estava conferindo os livros. De acordo com o que pôde observar após uma olhada rápida, não havia livro algum ali de interesse particular ou, de fato, nenhum livro que parecesse ter sido lido. Todos faziam parte de coleções dos clássicos, encadernadas com elegância, fornecidas noventa anos atrás para suprir a biblioteca de um cavalheiro. Alguns romances antigos estavam incluídos. No entanto, também apresentavam poucos sinais de terem sido lidos.

A srta. Greenshaw estava remexendo as gavetas de uma mesa comprida. Por fim, retirou um pergaminho.

– Meu testamento – esclareceu. – Tenho que deixar o dinheiro para alguém... ou é o que dizem. Se eu morrer sem um testamento, suponho que o filho de um negociante de cavalos irá tomá-lo. Um sujeito bonito, Harry Fletcher, mas um malandro da pior espécie. Não vejo por que o filho *dele* deveria herdar este lugar. Não – continuou, como se respondesse a uma suposta objeção –, já decidi. Vou deixá-lo para Cresswell.

– Para sua governanta?

– Sim. Já expliquei a ela. Fiz um testamento deixando-lhe tudo que tenho, e então não preciso pagar-lhe salário. Economizo bastante com as despesas correntes e a mantenho dentro da linha. Ela não me dá trabalho, nem fica passeando a qualquer hora. Ela é bastante esnobe, não é? Mas o pai dela era um encanador bem simples. *Ela* não é ninguém para querer se gabar.

Nesse instante ela abriu o pergaminho. Pegando uma caneta, mergulhou-a no tinteiro e assinou, Katherine Dorothy Greenshaw.

– Aqui está – disse. – Os senhores me viram assiná-lo, e agora os dois assinam e isso faz dele um documento legal.

Ela passou a caneta para Raymond West. Ele hesitou por um momento, sentindo uma repulsa inesperada pelo que haviam lhe pedido para fazer. Em seguida rabiscou com pressa a assinatura bem conhecida, para qual seu correio matinal costumava trazer pelo menos seis correspondências diárias.

Horace pegou a caneta da mão de Raymond e acrescentou sua assinatura diminuta.

– Está feito – disse a srta. Greenshaw.

Foi em direção à estante e permaneceu olhando para eles de modo vago. Depois abriu uma porta de vidro, pegou um livro e enfiou nele o pergaminho dobrado.

– Tenho meus próprios lugares para guardar as coisas – disse.

– *O segredo de Lady Audley* – observou Raymond West, vendo de relance o título enquanto o livro era guardado.

A srta. Greenshaw deu mais uma gargalhada.

– Um sucesso de vendas no seu tempo – comentou. – Diferente dos seus livros, hein?

Deu uma cutucada amigável e repentina nas costelas de Raymond. Ele ficou muito surpreso por ela ao menos saber que ele escrevia livros. Embora Raymond West fosse um tanto conhecido na literatura, não poderia ser considerado um sucesso de vendas. Ainda que suavizado um pouco pelo advento da meia-idade, seus livros lidavam de modo frio com o lado torpe da vida.

– Poderia – Horace pediu sem fôlego – apenas tirar uma foto do relógio?

– Com certeza – anuiu a srta. Greenshaw. – Acredito que ele veio de uma exposição em Paris.

– É muito provável – concordou Horace.

Ele tirou a foto.

– Esta biblioteca não tem sido muito utilizada desde o tempo do meu avô – informou a srta. Greenshaw. – Essa mesa é cheia de antigos diários

dele. Interessante, acredito. Não tive vistas para lê-los. Gostaria de publicá-los, mas suponho que alguém teria que trabalhar bastante neles.

– Poderia encarregar alguém para fazer isso – sugeriu Raymond West.

– Poderia mesmo. É uma ideia, sabe. Vou pensar sobre isso.

Raymond West deu uma olhada para o relógio.

– Não vamos tomar mais o seu tempo – disse.

– Foi um prazer vê-los – disse a srta. Greenshaw de forma cordial. – Pensei que fosse um policial quando o vi contornando a esquina da casa.

– Por que um policial? – indagou Horace, que nunca se importava em fazer perguntas.

A srta. Greenshaw respondeu de modo inesperado.

– Se quer saber as horas, pergunte a um policial – brincou, e cutucou as costelas de Horace e deu uma gargalhada sonora.

– Foi uma tarde maravilhosa – suspirou Horace enquanto voltavam para casa. – Realmente aquele lugar tem de tudo. A única coisa que a biblioteca precisa é de um corpo. Aquelas velhas histórias de detetive sobre assassinato na biblioteca... tenho certeza de que é justo esse tipo de biblioteca que os autores têm em mente.

– Se quer discutir sobre assassinato – disse Raymond –, deve conversar com minha tia Jane.

– Sua tia Jane? Você quer dizer Miss Marple?

Ele sentiu-se um pouco perdido.

A velha senhora encantadora à qual havia sido apresentado na noite anterior parecia ser a última pessoa que cogitaria em relação a assassinatos.

– Isso mesmo – respondeu Raymond. – Assassinato é uma especialidade dela.

– Mas meu querido, que coisa intrigante! O que quer dizer exatamente?

– Quis dizer apenas o seguinte – anunciou Raymond e parafraseou: – Certos tipos cometem homicídio, alguns se envolvem em assassinatos e outros têm os crimes confiados a eles. Minha tia Jane entra no terceiro grupo.

– Você está brincando.

– Nem um pouco. Posso colocá-lo em contato com o antigo comissário da Scotland Yard, com vários chefes de polícia e alguns inspetores diligentes do Departamento de Investigação Criminal da Yard.

Horace disse, animado, que milagres sempre acontecem. À mesa do chá, eles apresentaram a Joan West, esposa de Raymond, a Lou Oxley, sua sobrinha, e à velha Miss Marple, um resumo dos acontecimentos da tarde, recontando em detalhes tudo que a srta. Greenshaw havia lhes dito.

– Mas continuo achando – disse Horace – que tem algo *sinistro* nisso tudo. Aquela criatura com ar de duquesa, a governanta... talvez arsênico no chá, agora que ela sabe que a patroa fez um testamento em seu benefício?

– Diga-nos, tia Jane – pediu Raymond. – Vai haver assassinato ou não? O que a *senhora* acha?

– Acho – respondeu Miss Marple, torcendo sua lã com um ar bastante sério – que não se deve brincar com as coisas desse jeito, Raymond. Arsênico é, sem dúvida, uma *boa* possibilidade. Tão fácil de obter. É provável que já tenha um na casa de ferramentas, na forma de um herbicida.

– Acha mesmo, querida? – disse Joan West, afetuosa. – Não seria muito óbvio?

– Tudo muito apropriado para fazer um testamento – disse Raymond. – Não acredito mesmo que a pobre velha tenha alguma coisa para deixar, a não ser o tremendo elefante branco que é aquela casa. E quem ia querer aquilo?

– Uma companhia de cinema – sugeriu Horace –, ou um hotel ou uma instituição?

– Eles gostariam de comprar a casa a preço de banana – rebateu Raymond, mas Miss Marple estava balançando a cabeça em sentido negativo.

– Sabe, querido Raymond, não concordo com você nesse ponto. Quanto ao dinheiro, digo. O avô era, com certeza, um desses pródigos esbanjadores que fazem dinheiro de modo fácil, mas que não conseguem guardá-lo. Ele deve ter quebrado, como você disse, mas não deve ter ido à falência, caso contrário seu filho não teria herdado a casa. Quanto ao filho, como de costume tinha uma personalidade bem diferente da do pai. Um sovina. Um homem que economizava cada centavo. Diria que ao longo da sua vida é provável que tenha juntado uma boa quantia. Essa srta. Greenshaw parece ter puxado a ele, pois não gosta de gastar dinheiro, sem dúvida. Sim, acho que é muito provável que ela tenha uma boa quantia guardada.

– Nesse caso – disse Joan West –, gostaria de saber... que tal a Lou? Olharam para Lou enquanto se sentava, calada, ao lado da lareira.

Lou era sobrinha de Joan West. Seu casamento tinha, como ela mesma dizia, fracassado, há pouco tempo, deixando-a com duas crianças e um rombo financeiro que mal dava para sustentá-los.

– Quero dizer – explicou-se Joan –, se essa srta. Greenshaw quer mesmo alguém para ler os diários do começo ao fim e preparar um livro para publicação...

– É uma possibilidade – falou Raymond.

Lou disse em voz baixa:

– É um trabalho que poderia fazer... e gostaria de fazê-lo.

– Vou escrever para ela – disse Raymond.

– Queria saber – disse Miss Marple, pensativa – o que a velha senhora quis dizer com aquele comentário sobre um policial.

– Ah, era apenas uma piada.

– Isso me lembrou – disse Miss Marple, fazendo sinal positivo com a cabeça de forma vigorosa –, sim, isso me lembrou muito o sr. Naysmith.

– Quem foi o sr. Naysmith? – perguntou Raymond, curioso.

– Ele criava abelhas – respondeu Miss Marple – e era muito bom em solucionar as palavras cruzadas dos jornais de domingo. E ele gostava de dar às pessoas impressões falsas apenas por divertimento. Mas às vezes isso trazia problemas.

Todos ficaram em silêncio por uns instantes, pensando no sr. Naysmith, mas como não parecia haver semelhança alguma entre ele e a srta. Greenshaw, pensaram que a querida tia Jane talvez estivesse ficando um *pouquinho* desconexa devido à idade.

II

Horace Bindler voltou para Londres sem coletar mais excentricidades, e Raymond West escreveu uma carta para a srta. Greenshaw contando-lhe que sabia de uma sra. Louisa Oxley que teria competência para encarregar-se do trabalho com os diários. Após alguns dias chegou uma carta, escrita em caligrafia antiquíssima, em que a srta. Greenshaw revelava-se ansiosa para utilizar-se dos serviços da sra. Oxley, e solicitava um encontro com a tal senhora para que a conhecesse.

Lou marcou logo o encontro, condições generosas foram acertadas e ela começou a trabalhar no dia seguinte.

– Sou muito grata a você – disse para Raymond. – Tudo se encaixa de modo perfeito. Posso levar as crianças à escola, ir à extravagância de Greenshaw e pegá-las na volta. É incrível como tudo deu certo! Só vendo para acreditar naquela velha senhora.

No fim da tarde do seu primeiro dia de trabalho, ela retornou e contou como foi seu dia.

– Quase não vi a governanta – disse. – Ela entrou com café e biscoitos às onze e meia, com a boca torcida e cerrada, e quase não falou comigo. Acho que ela não concorda nem um pouco com a minha contratação.

Prosseguiu:

– Parece haver quase uma rixa entre ela e o jardineiro, Alfred. É um rapaz daqui e é bastante indolente, imagino, e os dois não se falam. A srta. Greenshaw disse do seu jeito distinto: “Até onde me lembro, sempre houve rixas entre os jardineiros e os empregados da casa. Era a mesma coisa no tempo do meu avô. Naquela época, havia três homens e um rapaz no jardim, e oito criadas na casa, mas sempre tinha atrito”.

No dia seguinte, Lou retornou com mais novidades.

– Adivinhem? – disse. – Hoje de manhã fui incumbida a telefonar para o sobrinho.

– O sobrinho da srta. Greenshaw?

– Sim. Parece que ele é ator de uma companhia que está se apresentado na temporada de verão do Boreham on Sea. Liguei para o teatro e deixei uma mensagem convidando-o para um almoço amanhã. Muito divertido, na verdade. A velha não queria que a governanta soubesse. Acho que a sra. Cresswell fez alguma coisa que a deixou aborrecida.

– Amanhã mais um episódio dessa novela assustadora – murmurou Raymond.

– É igualzinho a uma novela, não é? Reconciliação com o sobrinho, o sangue é mais forte que tudo... novo testamento a ser feito e o antigo será desfeito.

– Tia Jane, a senhora está muito séria.

– Estou, minha querida? Ouviu mais alguma coisa sobre policiais?

Lou pareceu confusa.

– Não sei nada sobre policiais.
– Aquele comentário dela, minha querida – disse Miss Marple – deve significar *alguma coisa*.

No dia seguinte Lou chegou ao trabalho de bom humor. Passou pela porta da frente que estava aberta; as portas e janelas da casa estavam sempre abertas. A srta. Greenshaw parecia não temer assaltantes, o que era justificado, pois a maioria dos objetos da casa pesava muitas toneladas e não tinha valor no mercado.

Lou passou por Alfred no caminho. Quando o viu pela primeira vez, estava apoiado numa árvore, fumando um cigarro, mas assim que ele a notou, pegou uma vassoura e começou a varrer as folhas com atenção. Um jovem preguiçoso, pensou, mas bonito. Os traços dele lembravam-lhe alguém. Quando atravessou o corredor a caminho da biblioteca lá em cima, deu uma olhada para a grande imagem de Nathaniel Greenshaw, que ocupava posição de destaque acima da cornija da lareira, mostrando-se no auge da prosperidade vitoriana, recostado numa poltrona enorme, com as mãos repousadas na corrente de ouro do relógio de bolso, cruzadas sobre seu estômago volumoso. Quando o olhar dela moveu-se do estômago para o rosto com bochechas salientes, sobrancelhas grossas e um viçoso bigode preto, ocorreu-lhe o pensamento de que Nathaniel Greenshaw deveria ter sido bonito quando jovem. Talvez se parecesse um pouco com Alfred...

Ela entrou na biblioteca, fechou a porta, abriu a máquina de escrever e tirou os diários da gaveta na lateral da mesa. Através da janela aberta viu, de repente, a srta. Greenshaw com uma roupa enfeitada com folhas de cor marrom-avermelhada, curvada sobre o jardim artificial de pedras e plantas, capinando de modo incansável. Havia feito dois dias de chuva, dos quais as ervas daninhas tinham tirado proveito.

Lou, uma moça criada na cidade, decidiu que se um dia tivesse um quintal, ele jamais abrigaria um jardim ornamental que precisasse ser capinado à mão. Em seguida ela concentrou-se no trabalho.

Quando a sra. Cresswell entrou na biblioteca com a bandeja de café, às onze e meia, ela estava sem dúvida de muito mau humor. Bateu a bandeja na mesa e falou para o nada:

– Visita para o almoço... e não tem nada na casa! O que *eu* devo fazer? Gostaria de saber. E nem sinal de Alfred.

– Quando cheguei ele estava varrendo a entrada para carros da casa – informou Lou.

– É o que eu digo. Um trabalhinho bobo.

A sra. Cresswell saiu do cômodo e bateu a porta. Lou deu risada sozinha. Ficou imaginando como seria o “sobrinho”.

Ela terminou o café e voltou a se concentrar no trabalho. Era tão cativante que o tempo passou rápido. Nathaniel Greenshaw, quando começou a escrever um diário, entregou-se aos prazeres da confidência. Examinando uma passagem relacionada ao charme particular de uma garçonne da cidade vizinha, Lou achou que seria necessária uma boa edição.

Enquanto pensava nisso foi surpreendida por um grito vindo do jardim. Deu um pulo e correu para a janela aberta. A srta. Greenshaw estava cambaleando, saindo do jardim ornamental em direção a casa. Suas mãos apertavam o peito, e entre elas projetava-se uma haste emplumada, que Lou identificou, estupefata, ser a haste de uma flecha.

A cabeça da srta. Greenshaw, com seu chapéu de palha gasto, caiu para frente, por cima do peito. Ela gritou para Lou com uma voz falha:

– ...me atingiu... ele me atingiu... com uma flecha... peça ajuda...

Lou correu para a porta. Virou a maçaneta, mas a porta não abria. Foram necessárias algumas tentativas inúteis para se dar conta de que estava trancada. Correu de volta para a janela.

– Estou trancada.

A srta. Greenshaw, com as costas viradas para Lou e girando um pouco os pés, estava gritando para a governanta numa janela mais distante.

– Chame a polícia... ligue...

Em seguida, balançando-se de um lado para o outro como bêbada, desapareceu da vista de Lou, entrando na sala de visitas debaixo da janela. Logo depois, Lou ouviu um barulho de louça quebrando, uma queda forte e, por fim, silêncio. A imaginação dela reconstruiu a cena. A srta. Greenshaw deve ter cambaleado às escuras até uma mesa pequena contendo um jogo de chá de porcelana de Sèvres.

Desesperada, Lou batia à porta, chamando e gritando. Não havia uma trepadeira nem um cano de escoamento do lado de fora da janela que pudesse ajudá-la a escapar dali.

Por fim, cansada de bater à porta, voltou para a janela. A cabeça da governanta apareceu na janela da sala de visitas defronte, bem distante.

– Venha aqui e me deixe sair, sra. Oxley. Estou trancada.

– Também estou.

– Meu Deus, não é terrível? Liguei para a polícia. Tem uma extensão aqui no cômodo, mas o que não consigo entender, sra. Oxley, é como ficamos trancadas. *Eu* não ouvi nenhuma chave girar, e a senhora?

– Não. Não ouvi nada. Oh, Deus, o que devemos fazer? Talvez Alfred possa nos ouvir.

Lou gritou o máximo que pôde:

– Alfred, Alfred.

– Deve ter ido almoçar, como sempre. Que horas são?

Lou deu uma olhada no seu relógio.

– 12h25.

– Ele não deveria sair antes do meio-dia e meia, mas escapa sempre que pode.

– Acha que... acha que...

Lou queria perguntar “acha que ela está morta?”, mas as palavras ficaram presas na sua garganta.

Não havia nada a fazer a não ser esperar. Lou acomodou-se no peitoril da janela. Pareceu uma eternidade até a figura impassível do chefe de polícia com seu capacete aparecer na esquina da casa. Ela apoiou-se na janela e ele olhou para cima em direção a ela, protegendo os olhos da claridade com as mãos. Quando falou, sua voz era de reprovação.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou, contrariado.

De suas respectivas janelas, Lou e a sra. Cresswell despejaram uma enxurrada de informações confusas em cima dele.

O chefe de polícia providenciou um caderno de anotações e um lápis.

– As senhoras subiram as escadas e se trancaram? Posso perguntar os nomes das duas, por favor?

– Não. Alguém trancou a gente. Ajude-nos a sair.

O chefe de polícia falou de modo repreensivo:

– Cada coisa a seu tempo – e desapareceu debaixo da janela.

Outra vez a espera pareceu uma eternidade. Lou ouviu o barulho de um carro chegando e, após o que parecia ter sido uma hora, mas foram apenas três minutos, a sra. Cresswell e Lou, nessa ordem, foram soltas por um sargento da polícia mais ágil do que o outro policial.

– E a srta. Greenshaw? – a voz de Lou vacilou. – O que... o que aconteceu?

O sargento limpou a garganta.

– Lamento ter que contar, senhora – começou –, o que já falei para a sra. Cresswell. A srta. Greenshaw está morta.

– Assassinada – disse a sra. Cresswell. – Foi o que aconteceu, assassinato.

O sargento ponderou, duvidoso:

– Pode ter sido um acidente... uns rapazes locais atirando com arco e flecha.

Mais uma vez ouviu-se o som de um carro chegando. O sargento falou:

– Deve ser o médico legista – e desceu as escadas.

No entanto, não era o médico legista. Enquanto Lou e a sra. Cresswell desciam as escadas, um rapaz surgiu, hesitante, na porta de entrada, e parou, olhando ao redor com um aspecto um tanto desnorteado.

Em seguida, falando com uma voz apazível que, de alguma forma, soava familiar a Lou (talvez a voz fosse semelhante à da srta. Greenshaw), ele perguntou:

– Com licença, a... hum... a srta. Greenshaw mora aqui?

– Pode me dizer seu nome, por favor – pediu o sargento dirigindo-se a ele.

– Fletcher – respondeu o rapaz. – Nat Fletcher. Sou o sobrinho da srta. Greenshaw, na verdade.

– Entendido, senhor, bem... sinto muito... tenho certeza de que...

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Nat Fletcher.

– Houve um... acidente... sua tia foi atingida por uma flecha... penetrou a veia jugular...

A sra. Cresswell disse de modo histérico e sem o aprimoramento costumeiro:

– Zua tia foi azazinada, foi o que aconteceu. Zua tia foi azazinada.

III

O inspetor Welch aproximou um pouco sua cadeira da mesa e passou os olhos em cada uma das quatro pessoas que ali estavam. Era o fim da

tarde daquele mesmo dia. Ele foi à casa dos West para pegar, mais uma vez, o depoimento de Lou Oxley.

– Tem certeza de que essas foram as palavras exatas? “Me atingiu... ele me atingiu... com uma flecha... peça ajuda.”

Lou assentiu com um gesto.

– E quanto ao horário?

– Olhei para o meu relógio instantes depois... era então 12h25.

– Seu relógio funciona bem?

– Olhei para o relógio de parede também.

O inspetor voltou-se para Raymond West.

– Parece, senhor, que cerca de uma semana atrás o senhor e um tal de sr. Horace Bindler foram testemunhas do testamento da srta. Greenshaw.

De forma breve, Raymond relatou os eventos da visita que havia feito à extravagância de Greenshaw junto ao sr. Horace Bindler naquela tarde.

– Este seu depoimento pode ser importante – disse Welch. – A srta. Greenshaw disse-lhe de forma clara que o testamento dela havia sido feito em favor da sra.

Cresswell, a governanta, para a qual ela não pagava nenhum salário em razão da perspectiva de a sra. Cresswell ser beneficiada com a morte dela, foi isso?

– Foi isso que ela me contou. Sim.

– Diria que a sra. Cresswell estava, com certeza, ciente desse fato?

– Diria que sim, sem dúvida. A srta. Greenshaw fez referência, na minha presença, de que os beneficiados não podiam ser testemunhas de um testamento, e a sra. Cresswell com certeza entendeu o que ela quis dizer com isso. Além disso, a própria srta. Greenshaw disse-me que havia chegado a esse acordo com a sra. Cresswell.

– Então a sra. Cresswell tinha razão para acreditar que era a parte beneficiada. O motivo era bastante claro no caso dela, e diria que seria nossa principal suspeita no momento, não fosse pelo fato de que com certeza estava trancada em seu cômodo, tal qual a sra. Oxley, e também que a sra. Greenshaw disse, sem dúvida, que um *homem* atirou nela...

– Ela *estava* mesmo trancada no cômodo?

– Ah, sim. Foi o sargento Cayley que a tirou de lá. Era uma fechadura grande e antiga, com uma chave também grande e antiga. A chave estava na fechadura e não havia como ter sido virada por dentro, nem ter havido alguma manobra do tipo. Não, pode ter certeza de que a sra. Cresswell foi

trancada dentro daquele cômodo e não tinha como sair. Não havia nenhum arco e flecha no local e a srta. Greenshaw não poderia, em hipótese alguma, ter sido atingida por aquela janela, o ângulo não deixa dúvida. Não, a sra. Cresswell está fora disso.

Fez uma pausa e prosseguiu:

– Na sua opinião, diria que a srta. Greenshaw era uma trapaceira experiente?

Do canto onde estava, Miss Marple levantou os olhos com um movimento rápido.

– Então, depois de tudo, o testamento não era em benefício da sra. Cresswell? – ela conjecturou.

O inspetor Welch examinou-a de um jeito bastante surpreso.

– Esse é um palpite muito inteligente da sua parte, senhora – disse. – Não. A sra. Cresswell não foi nomeada como beneficiária.

– Da mesma forma como fez o sr. Naysmith – disse Miss Marple, balançando a cabeça em sentido afirmativo. – A srta. Greenshaw disse a sra. Cresswell que deixaria tudo para ela, e assim livrou-se de pagar-lhe um salário... e, entretanto, deixou o dinheiro para outra pessoa. Não tenho dúvida de que ela ficou demasiado satisfeita consigo mesma. Com certeza ela disfarçou o riso quando guardou o testamento dentro de *O Segredo de Lady Audley*.

– Foi uma sorte a sra. Oxley ter sido capaz de nos contar sobre o testamento e em que lugar estava – disse o inspetor. – Não fosse por isso, teríamos feito uma longa busca até encontrá-lo.

– Um senso de humor das antigas – murmurou Raymond West.

– Então, depois de tudo, ela deixou o dinheiro para o sobrinho – disse Lou.

O inspetor mexeu a cabeça de forma negativa.

– Não – disse –, ela não o deixou para Nat Fletcher. A história que corre por aqui... claro que sou novo no local e só soube da fofoca em segunda mão... mas parece que, tempos atrás, a srta. Greenshaw e sua irmã faziam investidas para cima do jovem e belo professor de equitação, e a irmã ficou com ele. Não, a srta. Greenshaw não deixou o dinheiro para o sobrinho... – ele fez uma pausa e coçou o queixo. – Ela deixou-o para Alfred – revelou.

– Alfred, o jardineiro? – Joan perguntou com um tom de surpresa na voz.

– Sim, sra. West. Alfred Pollock.

– Mas por quê? – bradou Lou.

Miss Marple tossiu e murmurou:

– Imagino, embora talvez esteja errada, que deve ter havido... o que chamamos de razões *familiares*.

– Pode chamá-las assim, de certa maneira – concordou o inspetor. – Parece que é um tanto bem conhecido na vila que Thomas Pollock, avô de Alfred, era um dos filhos ilegítimos do sr. Greenshaw.

– Claro – gritou Lou –, a semelhança! Percebi a semelhança hoje de manhã.

Ela lembrou-se de como, após passar por Alfred, entrara na casa e olhara para cima em direção à imagem do velho Greenshaw.

– Suponho que – disse Miss Marple – ela pensou que Alfred Pollock deveria ter orgulho da casa, queria, ao menos, morar nela, já que para seu sobrinho a casa não era de nenhuma serventia e ele a venderia assim que pudesse. Ele é um ator, não é? Qual é mesmo a peça que ele está encenando no momento?

O inspetor Welch pensou que a velha senhora estava desviando do assunto, mas ainda assim respondeu de modo educado:

– Acredito, senhora, que estejam apresentando uma temporada de peças de James Barrie.

– Barrie – repetiu Miss Marple, pensativa.

– *What Every Woman Knows* – disse o inspetor Welch, e em seguida enrubesceu. – Esse é o nome da peça – disse, rápido. – Não sou muito frequentador de teatro – acrescentou –, mas minha mulher foi e assistiu à peça na semana passada. Muito bem feita, ela achou.

– Barrie escreveu algumas peças muito interessantes – disse Miss Marple –, embora deva dizer que quando fui com um velho amigo, general Easterly, assistir à peça de Barrie *Little Mary*[\[7\]](#) – balançou a cabeça desconsolada –, nenhum de nós sabia para onde olhar.

O inspetor, que desconhecia a peça *Little Mary*, pareceu totalmente perdido. Miss Marple explicou-lhe:

– Quando era garota, inspetor, ninguém sequer mencionava a palavra *estômago*.

O inspetor pareceu ainda mais perdido. Miss Marple estava murmurando títulos em voz baixa:

– *The Admirable Crichton*, muito inteligente. *Mary Rose*, uma peça encantadora. Chorei, me lembro. Não gostei muito de *Quality Street*. Depois veio *A Kiss for Cinderella*. Ah, claro.

O inspetor Welch não tinha tempo a perder com discussões sobre teatro. Voltou ao assunto em voga.

– A pergunta é – anunciou – Alfred Pollock sabia que a velha havia feito um testamento em benefício dele? Ela contou-lhe?

O inspetor acrescentou:

– Veja, tem um clube de arco e flecha adiante, em Boreham Lovell, e *Alfred Pollock é um dos membros*. Ele é, de fato, um excelente atirador de arco e flecha.

– Sendo assim, esse caso está bem resolvido, não? – perguntou Raymond West. – Faria sentido que as portas tivessem sido trancadas com as duas mulheres dentro. Ele com certeza saberia onde elas estavam na casa.

O inspetor olhou para ele e falou com um desânimo profundo.

– Ele tem um álibi – revelou o inspetor.

– Sempre penso que álibis são muito suspeitos.

– Talvez, senhor – disse o inspetor Welch. – O senhor fala como um escritor.

– Não escrevo histórias de detetive – rebateu Raymond West, horrorizado só de pensar na ideia.

– Muito fácil dizer que álibis são suspeitos – prosseguiu o inspetor Welch –, mas infelizmente temos que lidar com os fatos.

O inspetor suspirou.

– Temos três bons suspeitos – disse. – Três pessoas que, por coincidência, estavam muito próximas à cena naquele momento. Ainda assim, o estranho é que parece que nenhum dos três poderia tê-lo feito. A governanta, já tratei dela... o sobrinho, Nat Fletcher, no momento em que a srta. Greenshaw foi atingida, estava a algumas milhas de distância, estacionando o carro em uma vaga e perguntando o caminho... e quanto a Alfred Pollock, seis pessoas juram que ele entrou no Dog and Duck, às 12h20, e lá ficou durante uma hora, comendo seu costumeiro pão com queijo e cerveja.

– Criou o álibi de forma intencional – disse Raymond West, esperançoso.

– Talvez – disse o inspetor Welch –, mas, se o fez, ele de fato *tem* um álibi.

Fez-se um silêncio longo. Então Raymond virou a cabeça para onde Miss Marple estava sentada, ereta e pensativa.

– É com a senhora, tia Jane – disse. – O inspetor falhou, o sargento falhou, eu falhei, Joan falhou e Lou também. Mas para a senhora, tia Jane, está claro como água. Estou certo?

– Não diria isso, querido – disse Miss Marple –, não claro como *água*, e assassinatos, querido Raymond, não são brincadeira. Não acredito que a srta. Greenshaw quisesse morrer, e foi um assassinato particularmente cruel. Muito bem planejado e quase a sangue frio. Não é algo para se fazer *piadas*!

– Sinto muito – Raymond desculpou-se, embaraçado. – Não sou tão insensível quanto pareço. Algumas pessoas tratam as coisas de forma leve para fugir do... bem, do horror que são.

– Acredito que essa é a tendência atual – disse Miss Marple. – Todas essas guerras, e surgem piadas sobre funerais. Sim, talvez não tenha pensado direito quando lhe chamei de insensível.

– Não conhecíamos ela muito bem – observou Joan.

– Isso é *bem* verdade – disse Miss Marple. – Você, querida Joan, nunca a conheceu. Eu também não. Raymond teve uma impressão dela a partir de uma tarde de conversas. Lou a conheceu por poucos dias.

– Vamos, tia Jane – impacientou-se Raymond – conte-nos suas impressões. O senhor não se importa, não é, inspetor?

– De jeito nenhum – respondeu o inspetor, de modo cortês.

– Bem, meu querido, parece que há três pessoas que tinham, ou achávamos que tinham, um motivo para matar a velha senhora. E três razões bem simples pelas quais nenhuma delas poderia tê-lo feito. A governanta não poderia ter sido, porque estava presa no cômodo e porque a srta. Greenshaw afirmou, sem dúvida, que foi um *homem* que atirou nela. O jardineiro não foi, porque estava no Dog and Duck no momento do assassinato. O sobrinho também não foi, pois ainda estava a alguma distância dali, no seu carro, no momento do crime.

– Muito bem colocado, senhora – disse o inspetor.

– E supondo que parece muito improvável que tenha sido um estranho, então em que pé nós estamos?

– É isso que o inspetor quer saber – disse Raymond West.

– As pessoas costumam ver as coisas pelo lado errado – disse Miss Marple, apologética. – Se não podemos alterar os movimentos nem a posição dessas três pessoas, então poderemos, talvez, alterar o momento do assassinato, não?

– Quer dizer que tanto o meu relógio quanto o relógio de parede estavam errados? – perguntou Lou.

– Não, querida – respondeu Miss Marple –, não quis dizer isso de maneira alguma. Quis dizer que o assassinato não ocorreu no momento em que você pensou ter ocorrido.

– Mas eu *vi* – gritou Lou.

– Bem, estive pensando, minha querida, se tudo não foi *arranjado para que você visse*. Sabe, me pergunto se essa não foi a razão verdadeira de você ter sido contratada para esse trabalho.

– O que quer *dizer*, tia Jane?

– Bem, querida, parece estranho. A srta. Greenshaw não gostava de gastar dinheiro, mas ainda assim contratou-a e concordou de bom grado com as condições que você pediu. Pareceu-me que, talvez, queriam que você estivesse naquela biblioteca no primeiro andar, olhando pela janela, de modo que você pudesse ser a testemunha-chave, alguém de fora e de inquestionável boa-fé para determinar o lugar e o momento exato do crime.

– Mas não pode dizer – contestou Lou, incrédula – que a srta. Greenshaw *planejava* ser assassinada.

– Quero dizer, querida – disse Miss Marple –, que você não conhecia a fundo a srta. Greenshaw. Não há um motivo real para acreditar que a srta. Greenshaw que você viu quando foi à casa é a mesma srta. Greenshaw que Raymond viu uns dias atrás, ou há? Ah, sim, eu sei – continuou, a fim de evitar uma réplica de Lou –, ela usava o peculiar vestido antigo e estampado, além do esquisito chapéu de palha, e tinha o cabelo desgrenhado. Correspondia tal qual à descrição que Raymond nos deu no fim de semana passado. Mas essas duas mulheres tinham a mesma idade, altura e tamanho. Refiro-me à governanta e a srta. Greenshaw.

– Mas a governanta é gorda! – exclamou Lou. – Tem seios enormes. Miss Marple tossiu.

– Mas minha querida, sem dúvida, hoje em dia eu os vejo... hum... nas lojas, expostos da forma mais inapropriada. É muito fácil para qualquer pessoa ter um... seio... de *qualquer* forma e tamanho.

– O que está tentando dizer? – perguntou Raymond.

– Estava apenas pensando, querido, que durante os poucos dias em que Lou esteve trabalhando lá, uma mulher poderia ter encenado as duas partes. Lou, você diz que pouco via a governanta, exceto de manhã, quando ela trazia a bandeja com café para você. Vemos aqueles bons artistas no palco entrando como personagens diferentes, tendo apenas um ou dois minutos para gastar, e tenho certeza de que a troca poderia ter sido feita de forma bem fácil. Aquele penteado de marquesa poderia ser apenas uma peruca colocada e retirada sem dificuldade.

– Tia Jane! Está insinuando que a srta. Greenshaw estava morta antes de eu começar a trabalhar lá?

– Morta não. Mantida sob efeito de remédios, diria. Um trabalho muito fácil para ser executado por uma mulher sem escrúpulos como a governanta. Em seguida, ela fez o acordo com você e colocou-a para telefonar para o sobrinho marcando um almoço numa hora determinada. A única pessoa que poderia saber que essa srta. Greenshaw *não* era a verdadeira era Alfred. E caso você se lembre, nos dois primeiros dias em que trabalhou lá, estava chovendo, e a srta. Greenshaw permaneceu dentro da casa. Alfred não entrou na casa em momento algum, devido à rixa com a governanta. E na última manhã, Alfred estava na entrada para carros da casa, enquanto a srta. Greenshaw estava trabalhando no jardim ornamental... gostaria de dar uma olhada naquele jardim.

– Acha que foi a sra. Cresswell que matou a srta. Greenshaw?

– Acho que, após trazer-lhe o café, a mulher trancou a porta ao sair, com você dentro, carregou a srta. Greenshaw inconsciente para a sala de visitas do térreo, depois disfarçou-se de “srta. Greenshaw” e saiu para trabalhar no jardim ornamental, de onde você poderia vê-la da janela. No devido tempo ela gritou e cambaleou em direção à casa, apertando uma flecha como se tivesse penetrado sua garganta. Pediu ajuda e foi cuidadosa ao dizer “*ele* me atingiu”, de modo a afastar a suspeita da governanta. Também gritou para a janela da governanta como se a tivesse visto lá. Em seguida, já dentro da sala de visitas, derrubou as porcelanas de cima da mesa e subiu as escadas com pressa, colocou a peruca de marquesa e,

poucos instantes depois, pôde colocar a cabeça para fora da janela e dizer-lhe que também estava trancada.

– Mas ela *estava* trancada lá dentro – disse Lou.

– Sei. É aí que entra o policial.

– Que policial?

– Isso mesmo... que policial? O inspetor se importaria de dizer-me como e quando o *senhor* chegou ao local?

O inspetor pareceu um pouco desnorteado.

– Às 12h29 recebemos um telefonema da sra. Cresswell, governanta da srta. Greenshaw, relatando que sua patroa havia sido atingida. O sargento Cayley e eu fomos diretamente para lá de carro e chegamos na casa às 12h35. Encontramos a srta. Greenshaw morta e as duas senhoras trancadas em diferentes cômodos.

– Então, está vendo, minha querida – disse Miss Marple para Lou. – O chefe de polícia que *você* viu não era o chefe de polícia verdadeiro. Você nunca chegou a pensar nele, ninguém o faria, apenas reconhecemos mais um uniforme como se fosse legítimo.

– Mas quem foi... por quê?

– Quanto à pessoa... bem, se eles estão encenando *A Kiss for Cinderella*, o policial é o ator principal. Nat Fletcher teria apenas que conseguir o figurino que usava na peça. Perguntaria o caminho até a garagem, sendo cuidadoso com o horário, 12h25, e depois seguiria adiante, sem perder tempo, deixaria seu carro próximo à esquina, tiraria o uniforme policial e faria seu “papel”.

– Mas por quê? Por quê?

– *Alguém* tinha que trancar a porta da governanta por fora, e alguém tinha que atravessar a flecha na garganta da srta. Greenshaw. É possível perfurar qualquer um com uma flecha apenas lançando-a, mas é necessário ter força.

– Quer dizer que ambos estavam juntos nisso?

– Ah, sim, acho que sim. Mãe e filho, é muito provável.

– Mas a irmã da srta. Greenshaw morreu anos atrás.

– Sim, mas não tenho dúvida de que o sr. Fletcher casou-se outra vez. Ele parece o tipo de homem que se casaria de novo, e acho possível que a criança tenha morrido também, e o tal dito sobrinho era filho da segunda mulher, e nunca foi um parente. A mulher assumiu o cargo de governanta e pesquisou o terreno. Em seguida ele escreveu como se fosse o sobrinho e

sugeriu visitá-la, deve ter feito alguma brincadeira com referência a vir vestido de policial, ou a chamou para assistir à peça. Mas acho que ela desconfiou da verdade e recusou-se a vê-lo. Ele teria sido seu herdeiro se ela tivesse morrido sem fazer um testamento, mas claro que uma vez tendo feito o testamento em benefício da governanta, como eles pensavam, ficou tudo resolvido.

– Mas por que utilizaram uma flecha? – observou Joan. – É tão improvável.

– Não é improvável de modo algum, querida. Alfred pertencia ao clube de arqueiros... pretendiam que ele levasse a culpa. O fato de ele estar no pub cedo, às 12h20, foi muita falta de sorte para eles. Alfred sempre saía um pouco antes do horário certo, e esse teria sido o momento certo... – ela balançou a cabeça negativamente. – Em termos morais, parece mesmo errado que a indolência de Alfred tenha salvado sua vida.

O inspetor limpou a garganta.

– Bem, senhora, suas insinuações são muito interessantes. Terei, claro, que investigar...

IV

Miss Marple e Raymond West pararam próximos ao jardim artificial e olharam para baixo para a cesta de flores cheia de plantas mortas.

Miss Marple sussurrou:

– Alyssum, saxífraga, giesta, campânula... Sim, aqui está toda a prova que *eu* preciso. Quem quer que estivesse capinando aqui ontem não entendia de jardinagem – ela arrancou plantas e sementes. – Então agora *sei* que estou certa. Obrigada, querido Raymond, por me trazer aqui. Queria ver o lugar com meus olhos.

Ela e Raymond olharam para cima em direção à construção extraordinária que era a extravagância de Greenshaw.

Uma tossida os fez olhar para trás. Um jovem bonito também estava olhando a casa.

– Maldito casarão! – disse o jovem. Muito grande para os dias de hoje... ou, pelo menos, é o que dizem. Não tenho certeza disso. Se eu

ganhasse a aposta de futebol e embolsasse muito dinheiro, esse era o tipo de casa que gostaria de construir.

Sorriu um pouco tímido para eles.

– Suspeito que eu possa dizer isso agora, que essa casa foi construída por meu bisavô – disse Alfred Pollock. – E é uma bela casa, por isso que é chamada de a extravagância de Greenshaw!

AGATHA CHRISTIE (1890-1976)

AGATHA CHRISTIE é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. *A ratoeira*, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. *O misterioso caso de Styles* (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de

cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto “The Tuesday Night Club”.

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

[1]Referência a *bunch of flowers*, ramalhete de flores. (N.E)

[2]Tiglath-Pileser foi o mais famoso dos monarcas do primeiro império assírio (por volta de 1110 a.C.). (N.T.)

[3] Café da manhã. (N.T.)

[4]*Slack*: desleixado, negligente. (N.T.)

[5] Ultrapassados. (N.T.)

[6]Estilo de mobília inglesa, de design despojado, elaborado a partir do início do século XIX. (N.T.)

[7] Little Mary é uma gíria para estômago.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Miss Marple's Final Cases*

Tradução: Márcia Knop

Tradução de “Santuário”, “A boneca da modista” e “Através de um espelho sombrio”: Pedro Gonzaga. Estes três contos foram publicados em *Poirot sempre espera e outras histórias*.

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd 2008

Preparação: Matheus Gazzola Tussi

Revisão: Viviane Borba Barbosa

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479u

Christie, Agatha, 1890-1976

Os últimos casos de Miss Marple / Agatha Christie; tradução de Márcia Knop e Pedro Gonzaga. –
Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 995)

Tradução de: *Miss Marple's Final Cases*

ISBN 978.85.254.2538-6

1. Romance inglês. I. Knop, Márcia. II. Título. III. Série.

11-6540. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Agatha ChristieTM *Miss Marple's Final Cases*TM Copyright © 1979

Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights reserved.

Os últimos casos de Miss Marple was published in 2011

www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: **vendas@lpm.com.br**

FALE CONOSCO: **info@lpm.com.br**

www.lpm.com.br